

ARTE EM REPRODUÇÃO ELETRÔNICA

OS PROTAGONISTAS



NAGRA CLASSIC PHONO

ORIGIN LIVE SOVEREIGN MK4



25

ANOS

Edição de Aniversário

SAMSUNG



The Premiere

Um cinema 4K em casa

Para saber mais, acesse samsung.com.br/thepremiere

1 ANO
**GARANTIA
EXCLUSIVA**

para produtos
comercializados no Brasil



Cheil



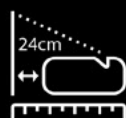
**Projeção 4K HDR
em até 130"**

Tela de cinema
com o máximo
da resolução.



**Tecnologia
Triple Laser**

Cores
ainda mais
vibrantes e
cristalinas.



**Projeção
Ultracurta**

Tela gigante
com simples
instalação e
estilo.

Smart TV
Powered by TIZEN™

**Experiência
de Smart TV**

Accesse seus
aplicativos
favoritos sem
complicações.

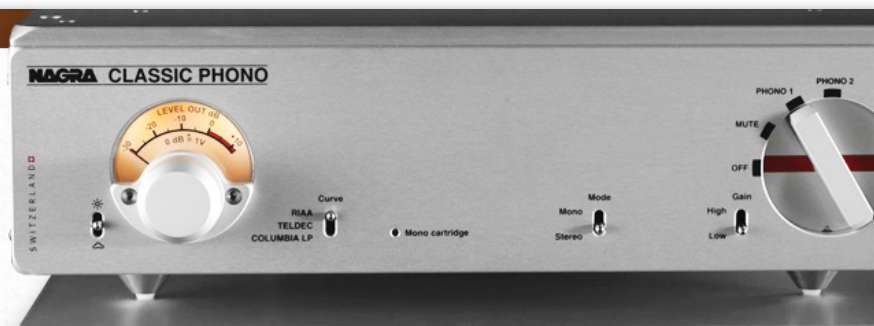


**Som
imersivo**

Som com
4.2 canais e
Acoustic Beam

Imagens meramente ilustrativas. Esses benefícios referem-se ao modelo LSP9. O projetor a laser pode ser direcionado a uma superfície plana branca ou monótona brilhante sem a necessidade de instalação de uma tela adicional. Para uma experiência mais otimizada, recomenda-se o uso de uma tela dedicada ao projetor de lançamento ultracurto. Smart TV: serviços e conteúdos da Smart TV Samsung podem variar de acordo com modelo de TV e região. Os aplicativos divulgados podem não estar disponíveis em todas as Smart TVs Samsung. A plataforma Samsung Smart TV é usada pelos provedores de conteúdo para disponibilizar aplicativos. Os provedores de conteúdo podem remover aplicativos da plataforma Smart TV ou parar de dar suporte a qualquer momento. O prazo entre o lançamento e a disponibilização de um aplicativo pode variar. A utilização de alguns aplicativos pode estar sujeita a acordos de fornecedores de serviços terceirizados. Alguns recursos, aplicativos e serviços exigem consentimento para a coleta e o uso de informações pessoais e/ou acessórios vendidos separadamente. Eventuais custos de assinatura ou contratação poderão ser cobrados pelos desenvolvedores dos aplicativos.

ÍNDICE



NAGRA CLASSIC PHONO

68

E EDITORIAL 5

E não é que chegamos aos 25 anos!

NOVIDADES 6

Grandes novidades das principais marcas do mercado

HI-END PELO MUNDO 18

Novidades

OPINIÃO 20

Um mercado em constante transformação

OPINIÃO 24

Querem a validação da baixa qualidade!

MATÉRIA TÉCNICA 28

Conexões e circuitos balanceados

PLAYLISTS 34

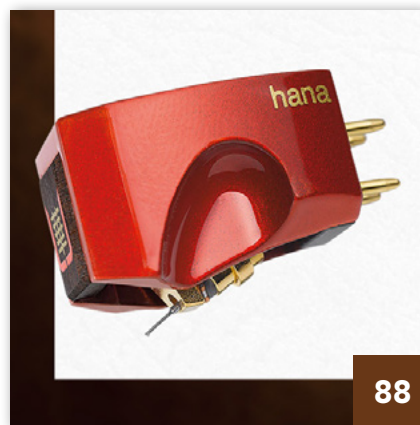
Playlists de maio

DISCOS DO MÊS 38

Jazz Fusion, Eletrônico & Música de Câmara



80



88



104

AUDIOFONE 47

Volume 14

TESTES DE ÁUDIO

68
Nagra Classic Phono

80
Toca-discos Origin Live Sovereign MK4

88
Cápsula Hana Umami Red

98
Toca-discos Thorens TD 148 A

TESTE DE VÍDEO

104
Projetor Samsung The Premiere LSP9T

ESPAÇO ABERTO 116

Os sete erros capitais

VENDAS E TROCAS 120

Excelentes oportunidades de negócios



XX

Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

E NÃO É QUE CHEGAMOS AOS 25 ANOS!

Se alguém, em 1996, me dissesse que eu estava entrando em uma jornada que chegaria a um quarto de século, eu iria duvidar de que tal feito pudesse ocorrer! Não digo isso por achar que, no meio do caminho, me sentiria desmotivado, e sim por vivermos em um país que tudo é tão instável e crítico. E por ser um segmento tão dependente de câmbio, e de ter que brigar diariamente com o contrabando, as chances de chegar até aqui eram realmente duvidosas. Mas, já que chegamos, a hora é sim de comemorar e olhar para essa longa jornada e agradecer cada dificuldade e cada êxito, pois tivemos muito de ambos nesses 25 anos! Mas quando eu penso em tudo que passamos e fizemos, eu sei que temos muito do que nos orgulhar, pois somos a única publicação do gênero em toda a América Latina, e com a maior longevidade já alcançada. Claro que não somos unanimidade (e quem é?), mas o fato de termos ainda essa enorme legião de leitores e parceiros comerciais, nos faz seguir em frente sempre pensando em nos adaptar às novas realidades, e atender um público tão distinto do que encontramos nos primeiros anos da revista. Tudo mudou tão rapidamente, que às vezes me pergunto como será este segmento daqui 5 anos. Às vezes acho que, na essência, continuará sendo o segmento hi-end de sempre, buscando oferecer ao seu público o melhor da alta fidelidade, independentemente da plataforma que será utilizada. E, às vezes, tenho a impressão que haverá uma ruptura, fazendo com que o hi-end seja um nicho de um segmento maior e mais lucrativo chamado “hi-fi”, ou apenas “consumer”. Ainda que este seja o futuro do hi-end, sempre haverá um audiófilo que não se contentará em abrir mão de sua coleção de mídia física, e continuará sua jornada almejando uma reprodução com alta fidelidade. O vinil está aí para nos lembrar que essa é uma possibilidade viável, e não apenas um desejo deste

velho editor. E acredito piamente que o mesmo irá ocorrer com o CD, que se tornará um pequeno nicho, talvez até menor do que do LP (quem diria!). Quando estava esboçando essa Edição Especial de Aniversário, me perguntei como poderíamos expressar da melhor forma este feito? E me veio a ideia de realizar uma edição que simbolizasse nossa resistência, e também da mídia, que foi enterrada por tantas décadas e bravamente resiste a todos os prognósticos dos “futurologistas”.

Então, fomos atrás de um sistema analógico de nível superlativo para testar, e que pudesse mostrar às novas gerações o motivo do analógico ainda hoje ser uma referência absoluta em termos de alta fidelidade. E para todos os que não podem ter um sistema deste porte, procuramos um toca-discos de nível intermediário que possa ser o pontapé inicial de um setup analógico.

Para facilitar a leitura e compreensão do nível que este setup analógico superlativo atingiu, desmembramos o teste em três, e acreditamos que assim ficará mais fácil acompanhar o desempenho de cada produto, separado e em conjunto.

Quando perguntavam ao meu pai o que ele via de tão fascinante em um belo setup analógico, ele sempre respondia: “É como uma amante exigente, faça todos os seus desejos e será recompensado com o maior prazer do mundo”. Se ele estivesse vivo e escutado este sistema, ele certamente abriria um enorme sorriso, e balançaria a cabeça positivamente!

Espero que consigamos passar em palavras um pouco do que foi testar este setup.

A todos vocês o meu mais profundo agradecimento por todos esses anos de apoio e fidelidade! ■



SAMSUNG APRESENTA NOVO LINE-UP DE TVS E SOUNDBARS PARA 2021 REFORÇANDO PIONEIRISMO EM MINI LED E INICIATIVAS DE SUSTENTABILIDADE



Portfólio da marca inicia um novo ciclo tecnológico de telas com a chegada da inédita Neo QLED e novidades na categoria Lifestyle, como o projetor 4K The Premiere.

A Samsung tem o prazer de apresentar ao mercado brasileiro seu novo line-up de TVs e Áudio para 2021. Nesta quinta-feira, em evento online, mostramos ao público todos os detalhes de nossos lançamentos mais incríveis, como as Neo QLED, com sua inovadora tecnologia Mini LED, os projetores The Premiere, que reforçam a visão disruptiva da Samsung para seguir ampliando a categoria Lifestyle, e as principais iniciativas de nossa jornada pela sustentabilidade.

Também foram lançadas novas versões de linhas consagradas pelo padrão Samsung, como QLED, Crystal UHD e The Frame, que ganhou mais opções de tamanhos e molduras customizáveis. O evento detalhou ainda os novos modelos de soundbar desenvolvidos pela marca para combinarem perfeitamente com cada categoria de TV e elevarem as experiências de entretenimento e conectividade para um novo patamar.

“É sempre um momento marcante para nós poder contar ao público todas as novidades que a Samsung preparou para o line-up de TV e áudio. Depois de um 2020 cheio de desafios, a Samsung conseguiu novamente ir além ao desenvolver produtos com recursos relevantes para as novas necessidades e interesses pessoais dos consumidores. E não paramos por aí: reforçamos a oferta de

experiências personalizadas para os usuários mais exigentes e o compromisso da Samsung com um mundo mais sustentável e um melhor normal para todos”, afirma Gustavo Assunção, vice-presidente da divisão de Consumer Electronics da Samsung Brasil.

A jornada da Samsung pela sustentabilidade, batizada de “Going Green”, começa em processos ecologicamente mais saudáveis na produção das TVs e chega a novidades que poderão ser aproveitadas diretamente pelos consumidores. Todo o portfólio 2021 contará com as embalagens reutilizáveis Samsung Eco-Package, que podem ser transformadas em utensílios domésticos como brinquedos, casa de pet ou porta revistas, tudo para reduzir o descarte de resíduos. A partir da linha QLED apresentamos o revolucionário

Going Green



SAMSUNG

Embalagens que podem ser reutilizadas e virar móveis



controle remoto SolarCell que será movido por energia solar, ou até pela própria iluminação da sua casa, dispensando o uso de pilhas.



NEO QLED: A EVOLUÇÃO NÃO PARA

Desde 2017 a Samsung vem revolucionando o mercado premium de TVs no Brasil. Agora, alcançamos mais um avanço significativo e importante com a chegada das Neo QLED, categoria impulsionada pelo poder dos inovadores Mini LEDs. Para provocar uma revolução nos padrões de imagem, a Neo QLED conseguiu substituir 1 LED convencional por aproximadamente 40 exclusivos Mini LEDs. O resultado é uma iluminação ainda mais assertiva na tela, gerando um contraste incrível com o preto muito mais preciso e brilho perfeito, trazendo muito mais realismo ao conteúdo assistido. E tudo isso com o 100% de volume de cor das TVs de pontos quânticos da Samsung e a garantia de 10 anos contra o efeito burn-in, já que em todo este processo não há uso de componentes orgânicos que geralmente são pouco resistentes a imagens estáticas e eventualmente podem causar manchas na tela.

Neste primeiro momento, a linha Neo QLED chega cobrindo as duas principais categorias de mercado, em quatro modelos: as 8K QN900A e QN800A e as 4K QN90A e QN85A.

Nos modelos QN900A e QN800A, nenhum detalhe passa despercebido, seja pelos contornos mais nítidos ou através do nível maior de profundidade derivado da resolução 8K, certificada pela 8K Association. O Processador Neo Quantum 8K é movido por inteligência artificial e transforma qualquer conteúdo em qualidade próxima à essa máxima resolução.

Descubra ainda o melhor da tecnologia de áudio. O recurso Som em Movimento PRO faz com que o som acompanhe a ação na tela graças a alto-falantes espalhados no painel, que chegam a 80W RMS de potência distribuídos em 6.2.2 canais em nosso modelo mais premium, a QN900. Já a Sincronia Sonora une o som dos speakers da TV com uma Soundbar Samsung para proporcionar um envolvimento sonoro nunca antes vivenciado.

A Samsung também desenvolveu novidades para o design das Neo QLED. Para os modelos 8K, a tela sem limites, praticamente sem bordas, encontra a elegância absoluta de painéis super finos e com acabamento único; a espessura chega a incríveis 1.5cm em uma das TVs. Ambas possuem toda facilidade da Única Conexão, onde apenas um único fio é usado tanto para ligar a TV na energia, quanto conectá-la com outros aparelhos por meio de uma central de conexões externa, o One Connect. Os modelos QN90A e QN85A, por sua vez, tem o Neo Slim Design de apenas 2,5 cm de espessura e cabos que passam por dentro das bases para esconder os fios e evitar bagunça.

E, acompanhando e antecipando as principais exigências dos consumidores, a Samsung inovou mais uma vez no tema conectividade. A tecnologia Multi Tela foi aprimorada para os modelos 8K e permite dividir a tela em até quatro partes.

QLED: O LEGADO EXTRAORDINÁRIO

A chegada da linha Neo QLED significa um novo passo da Samsung, mas o sólido legado construído pelas TVs QLED continua a ser aprimorado em 2021. Serão três novos modelos da categoria, todos com resolução 4K: Q80A, Q70A e Q60A. Os característicos 100% de volume de cor destas TVs proporcionado pela tecnologia de pontos quânticos e a exclusiva garantia de 10 anos contra o efeito burn-in se mantêm como grandes diferenciais das QLED Samsung, que foram preparadas para receber algumas das principais novidades desenvolvidas pela marca neste ano.

Um exemplo é o avanço significativo para os gamers, que poderão usufruir da função Tela Ultra-Wide, que viabiliza a exibição dos jogos nos formatos 16:9, 21:9 e até 32:9 para melhor visualização das partidas, além de um exclusivo menu de jogo para consultar informações pertinentes, como input lag, FPS e HDR e fazer ajustes para ganhar performance. Já com os recursos Motion Xcelerator Turbo+, painel de 120 Hz nativos e FreeSync Premium Pro, o usuário terá uma melhor experiência e maior velocidade no tempo de resposta, tudo sem se preocupar com imagens quebradas. Destaca-se também a beleza e sofisticação dessa linha, já que o novo Neo Slim Design garante, nos modelos Q70A e Q60A, uma espessura de apenas 2,5 cm e a possibilidade de deixar a TV rente à parede com o Suporte Slim-Mount. Ainda em termos estéticos, o Modo Ambiente 4.0 faz com que as QLEDs TVs se integrem à decoração dos espaços ao exibir conteúdos decorativos embarcados ou projetando a cor ou textura da sua parede na tela.

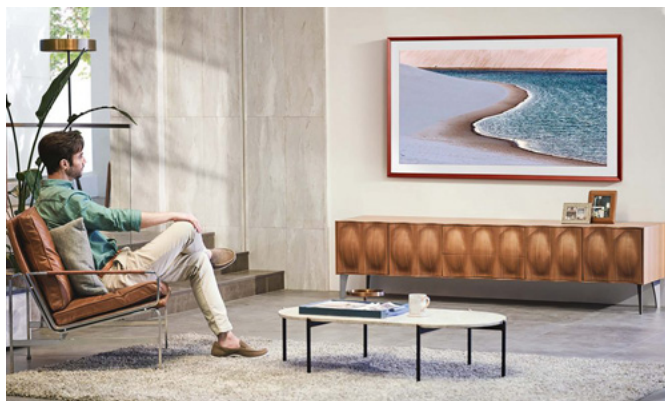
Além de bela, a categoria QLED auxiliará os usuários na sua rotina: a presença do aplicativo Google Duo e a compatibilidade com webcams para realização de videoconferências na tela grande da TV deixarão o dia a dia muito mais prático.

NOVIDADES

CATEGORIA LIFESTYLE

A linha Lifestyle terá um papel fundamental na estratégia da Samsung em 2021.

Com diversos produtos e inéditos lançamentos esperamos que as expressões de estilo individuais de cada consumidor sejam traduzidas em soluções únicas, personalizáveis e, claro, recheadas de tecnologia e qualidade de imagem.



THE FRAME: A TV DO SEU JEITO

A linha lifestyle é ancorada pela The Frame. É o produto de maior sucesso e este ano passou de 1 milhão de aparelhos vendidos mundo a fora, saindo de um período de incubação para compor parte fundamental do line-up de TVs da marca no Brasil. Logo, a Samsung continua a expandir as opções de polegadas que chega a seis versões diferentes: 32", 43", 50", 55", 65" e inclusive 75", para satisfazer diferentes gostos e espaços nas paredes do consumidor brasileiro.

Este ano a The Frame fica mais fina - apenas 3 centímetros de espessura - fato que valoriza ainda mais seu estilo de quadro. O suporte de parede slim-Mount, já incluso na embalagem, e a Única Conexão, viabilizam uma instalação perfeita, rente à parede e praticamente sem fios ao redor da tela. Para completar o Slim Frame Design, continuamos a oferecer a compra de molduras customizáveis como acessórios que suportam o consumidor a expressar seus gostos e combinar a sua The Frame com o ambiente. As cores oferecidas são branco, bege amadeirado, marrom, branco estilizado e terracota.

Outra forma para os consumidores se expressarem através da The Frame é aproveitando uma das 20 obras de uso gratuito da Coleção Samsung ou os mais de 1200 conteúdos dos principais museus e galerias do mundo graças ao Art Store. Também é possível explorar uma variedade incrível de papéis de parede personalizáveis no Modo Ambiente 4.0.

No aspecto técnico, a The Frame segue com tecnologia QLED para obtenção de 100% do volume de cor, através dos Pontos

Quânticos, e também com os dez anos de garantia contra o efeito burn-in.



THE PREMIERE: UM CINEMA 4K EM CASA

A Samsung está focada em entregar experiências em alto estilo e quebrando os padrões, através da categoria Lifestyle. E esse plano será reforçado pelo lançamento dos projetores The Premiere LSP7 e LSP9, ambos com resolução 4K para criar a melhor experiência cinematográfica dentro de casa. Eles possuem tecnologia "ultra short throw", que não demanda a habitual distância de vários metros da tela ou instalações complexas. Assim, o usuário tem total liberdade para organizar melhor seu espaço e usufruir de um design minimalista que se integra perfeitamente à sua decoração.

O modelo LSP9 é capaz de reproduzir incríveis 130" sendo posicionado a apenas 24 cm da parede e ainda conta com tecnologia triple laser e certificação HDR, algo inédito no mercado global de projetores. São ainda 2.800 Lumens para um alto nível de brilho e mais realismo nas projeções. Já o modelo LSP7 do The Premiere precisa de 42 cm para gerar uma tela de 120" com 2.200 Lumens. Eles diferem também no sistema de som: O LSP9 possui 4.2 canais e 40W RMS de potência com tecnologia Acoustic Beam, que faz o áudio se deslocar por 22 pequenas aberturas acústicas independentes. No caso do LSP7, são 2.2 canais e 30 W RMS de potência.

E se você ainda está se perguntando qual a razão para os projetores integrarem a categoria Lifestyle da Samsung, a resposta é simples: The Premiere tem tudo o que uma televisão pode oferecer. A plataforma Tizen, marca registrada das Smart TVs Samsung, pode ser acessada pelos usuários para navegação pelos principais aplicativos de streaming e entretenimento. Assim, não há necessidade de conectar os projetores a um computador ou outro dispositivo para reproduzir seus conteúdos favoritos. E até mesmo os recursos de conectividade estão presentes, como os múltiplos assistentes de voz e o Tap View, aquele em que o conteúdo de um smartphone é espelhado na tela com apenas um toque na lateral do projetor. ▶



A TV MAIS HYPE DO MUNDO

A The Sero gira para que o usuário assista aos filmes e séries preferidos com a TV na horizontal, mas também possa mergulhar no mundo das redes sociais, graças à sua conectividade perfeita com smartphones e o fato de funcionar na vertical. Em qualquer um dos cenários, a diversão fica garantida com o potente som de 40W RMS, os 4.1 canais e a imagem perfeita por ser uma QLED.

Como novidade para 2021, a The Sero, que conquistou legiões de fãs após seu lançamento no Brasil em 2020, tem prevista duas atualizações no segundo semestre para deixá-la ainda melhor: suporte ao Youtube nativo e suporte ao Airplay 2 na vertical.



UM ÍCONE DO DESIGN

A The Serif, TV que originou a categoria Lifestyle e que foi um detalhado projeto feito por renomados designers franceses, é esperada para o segundo semestre na versão branca de 55". Ela foi pensada para ser uma peça de decoração e design ímpar, atemporal, elegante de todos os lados, e que pode ser posicionada tanto nos cavaletes (inclusos) quanto direto na estante, além de ter toda a qualidade de imagem por ser uma QLED.

CRYSTAL UHD: A INOVAÇÃO CONTINUA

A categoria Crystal UHD foi um de nossos principais lançamentos de 2020 e segue recebendo novidades importantes para elevar o padrão do segmento 4K. A AU9000 e a AU8000 contam com painel Dynamic Crystal Color, que apresenta um novo nível de imagens em

ultra resolução, com todas as sutilezas e nuances das cores como na vida real. O Processador Crystal 4K segue como um dos grandes atrativos para aprimorar qualquer conteúdo a uma resolução próxima a 4K. Falando em Design, enquanto o já tradicional visual livre de cabos garante uma aparência mais clean ao ambiente e as bordas infinitas privilegiam a imersão, a novidade fica por conta da sofisticação - A Crystal UHD ganhou ainda mais elegância com o Design Air Slim, deixando a TV com apenas 2,5 cm de espessura, ou seja: a tela que já era referência de modernidade do segmento quebra todos os paradigmas e apresenta um painel finíssimo e exclusivo no segmento.

Para a categoria UHD, o potente Processador Crystal 4K foi adicionado à AU7700, que além de tecnológica, tem bordas reduzidas para garantir que o usuário veja o que realmente importa: seus conteúdos preferidos. Assim como todos os lançamentos de 2021, a AU7700 conta com a praticidade de Bixby, Alexa e Google Assistant já integrados e em Português, e do Controle Remoto Único, que controla a TV e os dispositivos conectados nela, como decoder de TV a cabo, DVD player e outros. Mas a grande atração de 2021 mesmo é a Q950A, capaz de transformar sua casa em um cinema com seus 11.1.4 canais, incluindo pequenas caixas traseiras para um genuíno efeito surround, tudo com uma potência incrível de 616W. Ela conta com o padrão de áudio Dolby Atmos + DTS:X26, um dos mais reconhecidos da indústria cinematográfica, e do recurso de conectividade Tap Sound, que permite que o usuário reproduza as músicas, playlists e podcasts favoritos na soundbar ao tocá-la com a lateral de um smartphone.

PRÉ-VENDA SAMSUNG

Para oferecer uma experiência ainda mais exclusiva aos consumidores, a Samsung vai oferecer, entre os dias 6 e 30 de maio, uma condição especial para adquirir as inovadoras Neo QLED 2021. É fácil: na compra de uma Neo QLED 8K, o consumidor leva pra casa uma soundbar dos modelos HW-Q800T ou HW-Q800A. Já para quem comprar uma Neo QLED, o brinde fica entre as soundbars HW-Q60T ou HW-Q600A. Fique de olho e aproveite! ■

Preços sugeridos:

Neo QLEDs a partir de R\$ 9.999 (55QN85A)

QLEDs - preço a partir de 4.999 (50Q60A)

Crystal UHD - preço a partir de 3.299 (AU7700)

Soundbars - a partir de R\$ 1.299 (T450)

Para mais informações:
Samsung
www.samsung.com/br/

HARMAN KARDON ONYX STUDIO 7: EXCELÊNCIA SONORA E VISUAL PARA A CASA



Atualização da clássica família de caixas de som portáteis faz releitura da alça de alumínio anodizado e adiciona segundo tweeter para obter som estéreo.

Minimalista no design, surpreendente no som estéreo: a Harman Kardon Onyx Studio 7 já está disponível no mercado brasileiro - em pré-venda no site oficial da marca - para quem busca excelência sonora e visual para a casa. O lançamento faz uma releitura da alça de alumínio anodizado que é um clássico desta família de caixas de som portáteis, além de ampliar o espectro sonoro com o acréscimo de um segundo tweeter.

A 7ª geração da Harman Kardon Onyx Studio atualiza a linha com 50W RMS de potência e som estéreo a partir de tweeters duplos, que criam um ambiente acústico imersivo multidirecional. Com a versão Bluetooth 4.2, a caixa oferece até 8 horas de autonomia para acompanhar os consumidores e agregar seu design diferenciado à decoração de diferentes cômodos da casa.

Este lançamento ainda pode ser emparelhado com dois dispositivos móveis ao mesmo tempo, ampliando as possibilidades de playlists para curtir os bons momentos. Além disso, graças ao recurso

Dual Sound sem fios, é possível conectar duas caixas Harman Kardon Onyx Studio 7 para uma experiência auditiva musical superior.

Já o design é permeado por requinte nos mínimos detalhes. O produto foi desenvolvido com materiais premium e em um visual discreto, capaz de se inserir de forma elegante nos mais diversos ambientes. A clássica alça de alumínio anodizado, além de sua beleza distinta, entrega portabilidade e alta durabilidade aos consumidores.

Disponível no Brasil, a Harman Kardon Onyx Studio 7 está na loja online da marca. ■

Preço sugerido: R\$ 1.449,00.

Para mais informações:
Harman Kardon

<https://www.harmankardon.com.br/ONYX-STUDIO-7-.html>

TOSHIBA ESTÁ RETORNANDO AO MERCADO DE TVS NO BRASIL



As TVs da marca japonesa Toshiba já fizeram sucesso aqui no Brasil, sendo produzidas por uma parceria com a empresa brasileira Semp, resultando na Semp Toshiba - que acabou após 40 anos de existência, em 2016.

O ano de 2021 está trazendo de volta ao país a marca - novamente através de parcerias, desta vez com a empresa brasileira Multilaser e com a chinesa Hisense - sendo que com esta última, a Toshiba já trabalha com produção e distribuição desde 2018. Aqui no Brasil, as TVs serão fabricadas nas unidades da Multilaser em Manaus, na Amazônia, e em Extrema, no estado de Minas Gerais.

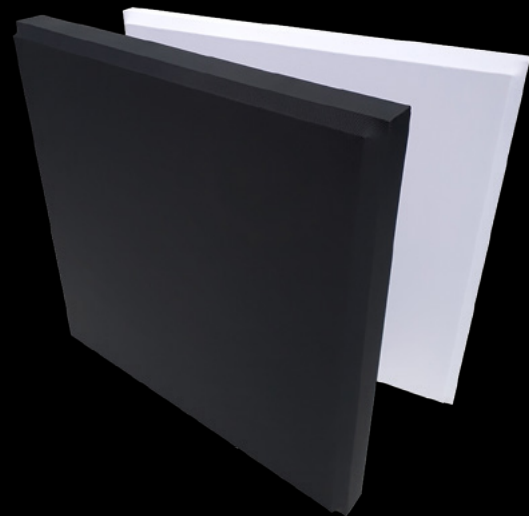
Inicialmente os tamanhos de tela oferecidos nos novos lançamentos serão de 55 e de 65 polegadas, sendo que há planos para oferecer, posteriormente, modelos com telas de 32 e de 50 polegadas, também. As primeiras virão com resolução 4K (Ultra HD) com pontos quânticos, e terão acesso à internet por Wi-Fi, conexão Bluetooth, e assistente por comandos de voz Alexa, da Amazon, sistema operacional Vidaa e processador quad-core.

A data prevista de lançamento das novas TVs Toshiba será ainda neste mês de maio. A expectativa é da venda de 1 milhão de TVs nos próximos cinco anos. ■

Para mais informações:
Multilaser
www.multilaser.com.br



Faça um upgrade seguro no seu sistema: Escute-o corretamente!



O novo painel acústico Pererí oferece funcionalidade, eficiência e requinte.

Também desenvolvemos ressonadores, difusores customizados, absorvedores, portas acústicas, racks, pedestais, entre outras peças e dispositivos para salas de audição, estúdios e home theaters.



hi-fi *e*xperience
www.hifiexperience.com.br

PLATAFORMA ISOLADORA ZANINE



A Hi-Fi Experience andou um tempo sem aparecer em nossa seção de novidades, mas essa pausa vem seguida de grande inspiração, com o lançamento da Plataforma Isoladora Zanine. Trata-se de um acessório capaz de evitar que as vibrações estruturais prejudiquem o desempenho do sistema de áudio.

Inspirada no legado do designer Zanine Caldas, e indicada especialmente para aparelhos mecanicamente sensíveis, como toca-discos e CD-Players, a plataforma também oferece ganhos à equipamentos puramente eletrônicos, como DACs, streamers, pré-amplificadores e amplificadores - principalmente os valvulados.

Com preços a partir de R\$ 1.890, a peça padrão é feita de compensado naval, aço inox e vidro de 55 x 45 cm, mas pode ser personalizada com outros tamanhos e acabamentos. ■

Para mais informações:
Hi-Fi Experience
www.hifixperience.com.br



TIMELESS AUDIO

PREZADOS CLIENTES E AMIGOS.

NESTE MÊS DE MAIO A TIMELESS AUDIO CELEBRA 5 ANOS DE SUA CRIAÇÃO. QUANTA COISA ACONTECEU NESSE PERÍODO. PARA ALGUNS PARECE QUE FOI ONTEM, PARA NÓS A SENSÇÃO FOI DE MUITO TEMPO!

MUITOS PROJETOS SE MATERIALIZARAM, ALGUNS COMO PLANEJADO, OUTROS SEGUIRAM POR CAMINHOS DIFERENTES DO ESPERADO. ENTRETANTO, CAMINHOS PERFEITOS E NECESSÁRIOS PARA A LAPIDAÇÃO DE NOSSO APRENDIZADO, DIGA-SE DE PASSAGEM... QUANTO APRENDIZADO!

SOMOS GRATOS POR TUDO ISTO!

SOMOS GRATOS A TODOS OS CLIENTES, AMIGOS E COLABORADORES QUE DE ALGUMA MANEIRA SE CONECTAM COM A TIMELESS, PERMITINDO-NOS EXISTIR E EXPRESSAR A NOSSA PAIXÃO PARA 2021 ESPERAMOS O FLORESCIMENTO DE DIVERSOS PROJETOS SEMEADOS. CONTINUAREMOS A CAMINHAR SOB O GUIA DE NOSSA FÉ, HONRANDO A CONFIANÇA A QUE NOS É DEPOSITADA, E QUE A CADA DIA POSSAMOS NOS SUPERAR FAZENDO AQUILO QUE AMAMOS, TRAZENDO E SEMEANDO UM POUCO MAIS DE NOSSA ESSÊNCIA À SOCIEDADE, AO CORAÇÃO E OUVIDO DAS PESSOAS ATRAVÉS DOS NOSSOS PRODUTOS, SERVIÇOS E SOLUÇÕES.

QUE A PAZ, O EQUILÍBRIO, A HARMONIA E MUITA MÚSICA ESTEJAM PRESENTES NAS VIDAS DE TODOS AQUELES NOS SEGUEM E QUE ESTÃO CONECTADOS CONOSCO DE ALGUMA MANEIRA.

COM ALEGRIA E GRATIDÃO,

GIOVANNI PALOMBA
CEO – TIMELESS AUDIO





TIMELESS AUDIO

COMPRA EM GRUPO

COM MUITA SATISFAÇÃO, INFORMAMOS A ABERTURA DA MODALIDADE COMPRA EM GRUPO DIRETAMENTE COM A TIMELESS AUDIO!

O OBJETIVO NESTA MODALIDADE É REUNIR SINERGICAMENTE PESSOAS INTERESSADAS NO BENEFÍCIOS DE POSSUIREM UM RACK TIMELESS AUDIO EM SEUS SISTEMAS, DE MANEIRA QUE POSSAMOS PRODUIR LOTES OTIMIZADOS, GERANDO ECONOMIA (LOGÍSTICA E PRODUÇÃO) QUE ENTÃO É REVERTIDA AO PREÇO FINAL DO PRODUTO.

PARA COMEMORAR O 5º ANIVERSÁRIO TIMELESS AUDIO, NESTE MÊS ESTAREMOS OFERECENDO OS RACKS DA LINHA PERFORMANCE, A PREÇO QUASE DE CUSTO, À UM NÚMERO LIMITADO DE RESERVAS.

A OPORTUNIDADE É AGORA!

ATENÇÃO PESSOAL DO ANALÓGICO!
EM BREVE INICIAREMOS GRUPOS DE COMPRA PARA O TOCA-DISCOS CERES.
NOS ACOMPANHEM PARA MAIORES INFORMAÇÕES.



PARA MAIORES INFORMAÇÕES, LEIA A SEÇÃO DE PERGUNTAS FREQUENTES, NA ÚLTIMA PÁGINA DESTE INFORMATIVO.

RACK PERFORMANCE IMBUIA



PREÇO VIA GRUPO
DE: R\$ 4.260
POR:

R\$ 2.720
(36% OFF)

2 PRATELEIRAS: 50 X 60 CM (CADA)

ALTURA : 37CM

PESO : 15 KG

CAPACIDADE : 70 KG/PRATELEIRA

MATERIAL : *HPLB (HIGH PRESSURED LAMINATE BOARD)

PARAFUSOS: AÇO INOX

SPIKES: ESFERAS INOX OU BRONZE (OPCIONAL)

PREÇO VIA GRUPO
DE: R\$ 6.390
POR:

R\$ 3.990
(37% OFF)

3 PRATELEIRAS: 50 X 60 CM (CADA)

ALTURA : 72CM

PESO : 23 KG

CAPACIDADE : 70 KG/PRATELEIRA

MATERIAL : *HPLB (HIGH PRESSURED LAMINATE BOARD)

PARAFUSOS: AÇO INOX

SPIKES: ESFERAS INOX OU BRONZE (OPCIONAL)



OBS : PREÇOS VÁLIDOS ATÉ 31/05/2021 OU TÉRMINO DOS LOTES

***HPLB (HIGH PRESSURED LAMINATE BOARD):** MATERIAL DE ALTO DESEMPENHO ESTRUTURAL, ELABORADO A PARTIR DO EMPILHAMENTO DE MILHARES DE CAMADAS DE FIBRAS CELULOSE, IMPREGNADAS COM RESINA FENÓLICA. ESTA MATRIZ É ENTÃO Prensada SOB ALTA PRESSÃO (1450PSI) E CURADA SOB ALTA TEMPERATURA, RESULTANDO EM UM MATERIAL IMPERMEÁVEL, DENSO E COM EXCEPCIONAL DESEMPENHO PARA O CONTROLE DE VIBRAÇÃO. A SUPERFÍCIE É RECOBERTA POR UMA CAMADA DE MELAMINA (QUE PROPORCIONA COR E TEXTURA E É EXTREMAMENTE RESISTENTE A RISCOS). ESTA CAMADA É FUNDIDA AO CORE DURANTE O PROCESSO DE FABRICAÇÃO O QUE NOS PERMITE COM MUITA SEGURANÇA DAR GARANTIA VITALÍCIA AO PRODUTO CONTRA QUALQUER TIPO DE DELAMINAÇÃO DA SUPERFÍCIE AO CORE.

RACK PERFORMANCE PRETO



PREÇO VIA GRUPO
DE: R\$ 4.560
POR:

R\$ 2.900
(36% OFF)

2 PRATELEIRAS: 50 X 60 CM (CADA)

ALTURA : 37CM

PESO : 15 KG

CAPACIDADE : 70 KG/PRATELEIRA

MATERIAL : *HPLB (HIGH PRESSURED LAMINATE BOARD)

PARAFUSOS: AÇO INOX

SPIKES: ESFERAS INOX OU BRONZE (OPCIONAL)

PREÇO VIA GRUPO
DE: R\$ 6.840
POR:

R\$ 4.270
(37% OFF)

3 PRATELEIRAS: 50 X 60 CM (CADA)

ALTURA : 72CM

PESO : 23 KG

CAPACIDADE : 70 KG/PRATELEIRA

MATERIAL : *HPLB (HIGH PRESSURED LAMINATE BOARD)

PARAFUSOS: AÇO INOX

SPIKES: ESFERAS INOX OU BRONZE (OPCIONAL)



OBS : PREÇOS VÁLIDOS ATÉ 31/05/2021 OU TÉRMINO DOS LOTES

***HPLB (HIGH PRESSURED LAMINATE BOARD):** MATERIAL DE ALTO DESEMPENHO ESTRUTURAL, ELABORADO A PARTIR DO EMPILHAMENTO DE MILHARES DE CAMADAS DE FIBRAS CELULOSE, IMPREGNADAS COM RESINA FENÓLICA. ESTA MATRIZ É ENTÃO Prensada SOB ALTA PRESSÃO (1450PSI) E CURADA SOB ALTA TEMPERATURA, RESULTANDO EM UM MATERIAL IMPERMEÁVEL, DENSO E COM EXCEPCIONAL DESEMPENHO PARA O CONTROLE DE VIBRAÇÃO. A SUPERFÍCIE É RECOBERTA POR UMA CAMADA DE MELAMINA (QUE PROPORCIONA COR E TEXTURA E É EXTREMAMENTE RESISTENTE A RISCOS). ESTA CAMADA É FUNDIDA AO CORE DURANTE O PROCESSO DE FABRICAÇÃO O QUE NOS PERMITE COM MUITA SEGURANÇA DAR GARANTIA VITALÍCIA AO PRODUTO CONTRA QUALQUER TIPO DE DELAMINAÇÃO DA SUPERFÍCIE AO CORE.



PERGUNTAS FREQUENTES:

COMO PROCEDER PARA ENTRAR NO GRUPO DE COMPRAS?

O AMIGO QUE ESTIVER INTERESSADO ENTRE EM CONTATO CONOSCO ATRAVÉS DO WHATSAPP: **11-982119869** OU E-MAIL: **CONTATO@TIMELESS-AUDIO.COM.BR** ENVIANDO A MENSAGEM: GRUPO DE COMPRAS. RETORNAREMOS COM OS PROCEDIMENTOS PARA A RESERVA.

COMO FUNCIONA A COMPRA EM GRUPO?

ESCOLHIDO O(S) RACK(S) E FIRMADO A SUA RESERVA, O PEDIDO É ORDENADO SEQUENCIALMENTE EM UM GRUPO/LOTE, ONDE VOCÊ PASSA A SER INFORMADO ON-LINE (ATRAVÉS DO WHATSS-UP OU E-MAIL) SOBRE O STATUS E ANDAMENTO DO SEU GRUPO. QUANDO O GRUPO/LOTE ATINGIR 7 (SETE) PRATELEIRAS EM CARTEIRA, INICIAMOS A FABRICAÇÃO E PRODUZIREMOS O LOTE COMPLETO (ONDE O SEU PEDIDO ESTARÁ INCLUÍDO). OU SEJA, EXISTE UM PERÍODO DE CAPTAÇÃO E OUTRO DE FABRICAÇÃO.

QUAL É O PERÍODO DE CAPTAÇÃO?

DEPENDERÁ DO STATUS DE CAPTAÇÃO DO GRUPO E DO MOMENTO EM QUE VOCÊ ENTRAR NO GRUPO, O PERÍODO PODE VARIAR DE POUCOS DIAS A NO MÁXIMO 2 MESES (EXPLICAREMOS MAIS ABAIXO).

QUAL É O TEMPO DE FABRICAÇÃO ?

ENTRE 25 À 35 DIAS APÓS O PERÍODO DE CAPTAÇÃO.

O QUE ACONTECE COM O MEU PEDIDO SE O GRUPO NÃO ATINGIR O LOTE MÍNIMO DE FABRICAÇÃO?

SE EM ATÉ 60 DIAS DA DATA DO SEU PEDIDO/ RESERVA, O GRUPO NÃO CAPTAR EM CARTEIRA A QUANTIDADE MÍNIMA (7 PRATELEIRAS) O PEDIDO SERÁ PRODUZIDO INDIVIDUALMENTE DE MANEIRA QUE GARANTIREMOS A FABRICAÇÃO EM UM PERÍODO MÁXIMO DE 90 DIAS A PARTIR DA DATA DE RESERVA.

QUAIS AS FORMAS DE PAGAMENTO?

- 3 X SEM JUROS (NA RESERVA, 30 DIAS E NA ENTREGA)
- 2 X SEM JUROS (NA RESERVA E NA ENTREGA)

QUAIS MODELOS FAZEM PARTE DA COMPRA EM GRUPO?

APENAS OS RACKS PERFORMANCE, NAS CORES PRETO E IMBUIA.





AMPLIFICADOR DAC STREAMER CAMBRIDGE AUDIO EVO 150

A célebre empresa inglesa acaba de lançar seu mais novo 'tudo-em-um'. O Evo 150 é um amplificador integrado classe D com placa Hypex nCore que provê 150 W por canal em 8 Ohms, com entradas analógicas RCA, P2, XLR, phono MM, saída pre-out e saída para sub. Com um DAC Sabre que é Roon Ready e decodifica MQA, o Evo 150 possui uma tela frontal de 6.8 polegadas com funções de streamer, trazendo também entradas digitais HDMI TV ARC, USB (computador e drive externo), ethernet, coaxial e ótica. O preço do 'tudo-em-um' Evo 150 da Cambridge Audio é de US\$ 3.000, nos EUA.

www.cambridgeaudio.com

SL-100C - O TOCA-DISCOS DE ENTRADA DA TECHNICS

Aumentando ainda mais sua linha de produtos, a japonesa Technics, braço de áudio especializado do grupo Panasonic, apresentou seu novo toca-discos de vinil de entrada. O SL-100C dá continuidade ao lado espartano do famoso SL-1500C, incluindo o mesmo sistema de tração direct-drive, e uma versão mais simples do mesmo braço. O SL-100C, porém, não vem com o pré de fono interno, e está equipado com uma cápsula mais simples, a Audio Technica VM95C, com agulha com diamante de perfil cônico. O preço do Technics SL-100C é de 899 Euros.

www.technics.com/us/



CAIXAS ISODINÂMICAS DIPTYQUE DP107

A francesa Diptyque Audio acaba de adicionar à sua linha de caixas planares isodinâmicas, o modelo DP-107. Com um suporte de aço e carvalho, cujo design evoca os antigos microfones tipo ribbon, as DP-107 têm mais de um metro de altura e são compostas de uma membrana de graves e médios, operando em um sistema que a empresa chama de Push-Pull Bipolar Magnet, e um tweeter tipo ribbon com magnetos de neodímio e 45 cm de altura. As Diptyque DP107, que têm uma resposta de frequência de 40 Hz a 19 kHz, e 86 dB de sensibilidade, têm uma etiqueta de preço de 5.500 Euros, o par.

www.diptyqueaudio.com/en/





REDUTORES DE RUÍDO DE REDE IFI SILENTPOWER

A empresa inglesa iFi Audio é célebre por sua extensa linha de produtos que inclui DACs, systems, amplificadores para fones de ouvido, cabos e condicionadores de sinal. Chamados de 'enhancers', os mais recentes produtos são os filtros de ruídos de rede elétrica SilentPower: o DC Blocker filtra o DC na entrada, diminuindo o 'hum' do transformador, entre outras coisas. E o GND Defender trabalha os ruídos de aterramento e o famoso 'loop de terra'. O preço do iFi DC Blocker é de 129 Libras, e o do iFi GND Defender é de 99 Libras, no Reino Unido. ■

www.ifi-audio.com

BOOKSHELF JBL 4309 STUDIO MONITOR

A JBL traz mais um novo produto em seu aniversário de 75 anos, adicionando à sua linha 4300, com as bookshelf monitores de estúdio 4309. Com pouco mais de 40cm de altura, vêm com um driver de compressão com diafragma de 1 polegada montado em uma corneta que a empresa chama de High-Definition Imaging Horn, e um woofer de polpa de papel de 6.5 polegadas, com divisor que usa indutores de núcleo-ar e capacitores de filme metalizado. As 4309, que trazem um ajuste fino frontal das altas-frequências e bornes traseiros que permite bicablagem, têm uma etiqueta de preço de US\$ 2.000. ■

www.jbl.com



ALTO-FALANTE FULL-RANGE BINOM-A1 REV.2 DA CAMERTON AUDIO

Baseada em Berlim, a alemã Camerton Audio fabrica caixas acústicas e fones de ouvido, e os falantes usados em ambos. Seu mais recente falante full-range é o Binom-A1 Rev.2 traz um diafragma de madeira balsa com fibra de carbono impregnada com material absorvente, além de uma estrutura de ímãs nova. O Binom-A1 Rev.2, de 8 Ohms, traz resposta de frequência de 35 Hz a 28 kHz, eficiência de 89 dB e potência nominal de 35 W - e uma etiqueta de preço de 7.169 Euros, o par. ■

www.camerton-audio.com





UM MERCADO EM CONSTANTE TRANSFORMAÇÃO

XX Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

Quando as empresas hi-end internacionais nos solicitam ajuda para encontrar um bom parceiro comercial, sempre temos que, nos primeiros contatos, “desmistificar” a ideia de que por termos dimensões continentais, somos um grande mercado a ser descoberto.

Sempre começo por explicar que é preciso baixar todas as expectativas, pois ainda somos um país de terceiro mundo, com alíquotas de importação aviltantes, e completamente fechados em relação ao mercado mundial de bens duráveis.

Muitos de nossos interlocutores se assustam com o quadro que apresento, pois imaginam que aqui há um universo de oportunidades a ser explorado e que seus produtos são tudo que o consumidor de hi-end almeja.

Interessante que, mesmo depois de eu dar todas as coordenadas e mostrar a nua e crua realidade, muitos ainda querem fincar sua marca por aqui.

Fazendo uma retrospectiva dos nossos 25 anos, é notório que muitas das empresas de áudio hi-end espalhadas pelo mundo, também são empresas pequenas e que possuem um volume de venda anual tímido, e que poder estar em 20 a 30 países já será um feito e tanto, pois poderão sempre escoar sua produção sem enormes sobressaltos a cada nova crise econômica.

E neste um quarto de vida já sobrevivemos a grandes crises econômicas, internas e externas, e agora a uma epidemia de nível global. Claro que ainda é cedo para saber o tamanho do estrago que ▶

ELAC

ALC

DEBUT REFERENCE DBR62

Com base no status icônico da série Debut da Elac, uma nova linha de referência emerge para nossos revendedores exclusivos. A Debut Reference traz avanços acústicos e visuais significativos. Projetada para combinar com estilos tradicionais ou contemporâneos.

Possui um tweeter de cúpula de tecido, com 1 polegada de diâmetro, 1 woofer de fibra de aramida com 6,5 polegadas e seu gabinete de MDF, garantindo o máximo de qualidade aos amantes de música.



DISTRIBUIDORA OFICIAL ELAC NO BRASIL

mediagear.com.br
contato@mediagear.com.br

(16) 3621.7699

@WCJRDESIGN

OPINIÃO

esta pandemia fará ao mercado hi-end, mas me parece que a grande maioria das empresas está conseguindo se sustentar mudando a maneira de atender o consumidor, e criando ações em conjunto com suas revendas para driblar as restrições sanitárias.

Aqui, além da pandemia, temos as eternas crises políticas, e de câmbio, para dificultar ainda mais o que já é complicado. Então todos os importadores, fabricantes e revendas estarem em pé, já mostra o quanto o brasileiro é resiliente e criativo.

Já são 13 meses em que este frágil mercado luta com todas as forças para se manter atuante e, por incrível que pareça, nesses meses todos houveram “bolhas” de consumo que se mostraram essenciais para a sobrevivência da maioria.

O que todos aprenderão depois que a tempestade passar, ainda é uma incógnita, mas que temos inúmeras lições a serem assimiladas e discutidas, isso temos. E vou mais longe: se não aprendermos e fizermos as correções tão urgentes e essenciais, perderemos a maior de todas as oportunidades desses últimos 25 anos!

Vamos às lições:

A primeira é que o mercado de áudio estéreo hi-end só sobreviverá e colherá frutos se tiver a coragem de se reinventar, diminuindo custos, trabalhando seus produtos mais baratos diretamente online e vendendo direto ao consumidor.

As revendas precisarão também se adaptar a esta nova realidade, voltando-se integralmente ao mercado de automação e home-theater.

Os importadores terão que ser firmes e objetivos em suas negociações com os fabricantes de hi-end, pegando a representação tanto para o Brasil quanto para o Paraguai. Pois caso não feche a representação para o Paraguai, todo seu esforço será inútil, pois não se tem como concorrer com o contrabando e tão pouco o governo brasileiro consegue coibir a entrada de contrabando aqui.

Com a pandemia, a venda interna cresceu graças à falta de mercadoria no Paraguai, o que levou ao total desabastecimento de receivers em nosso mercado. O que prova que se os importadores brasileiros não tivessem a concorrência desleal do Paraguai, a venda de receivers no Brasil seria dez vezes maior!

O problema é que o Paraguai descobriu as vantagens de também oferecer hi-end via Mercado Livre, o que em médio prazo será a destruição deste mercado aqui, caso os importadores não sejam rigorosos na hora de fechar seus acordos comerciais.

Ou se estabelece essa política comercial agora, em que o mercado paraguaio ainda sofre com escassez de mercadoria, ou os importadores sofrerão muito nos próximos dois anos. Há muitos anos sabemos que seria uma questão de tempo os comerciantes paraguaios perceberem que o mercado de hi-end no Brasil havia

se solidificado, e que seria muito fácil para eles abocanharem parte deste mercado. Nós sempre fomos contrários a qualquer aproximação deles, tanto que sempre fechamos as portas, tanto na tentativa de participação no Hi-End Show como na possibilidade de anúncio na revista.

Ainda que em muitos momentos poderia ter sido financeiramente muito essencial à nossa sobrevivência fazê-lo. Mas sempre foi uma questão de princípio, fortalecer o mercado interno e ajudar a todos que nos procuraram para o desenvolvimento de seu trabalho.

A outra questão pertinente às mudanças urgentes que devemos encarar, e que já citei em outros Opiniões, é a valorização do produto usado. Ele representa mais de 50% do mercado de hi-end e significa a “porta de entrada” de inúmeros novos consumidores. É preciso que o mercado de usados se torne uma vitrine permanente para quem deseja se aventurar no universo audiófilo, mas se sente intimidado pelos preços dos novos com um dólar a quase 5,50.

Nós temos inúmeras ideias para fazer este segmento ter o valor merecido, mas precisamos unir esforços, sentar para conversar e deixar as ideias fluírem, para podermos montar uma estratégia que atenda a todos e ofereça ao consumidor a oportunidade de ter o seu primeiro equipamento hi-end, com garantia de três meses, apoio na montagem do sistema e principalmente que tenha a segurança de que está comprando um produto em excelente estado de conservação.

Os importadores também precisam participar e criar condições para que o produto usado possa ser parte do pagamento do produto novo. Pois enquanto o importador quiser vender o seu, mas não abraçar o usado, as vendas se tornam muito mais difíceis.

Nós sempre nos propusemos a ajudar a fomentar este segmento de usados (podendo desde que com a participação de todos que trabalham com usados), desde que eles emprestem esses equipamentos para que possamos fazer uma radiografia de como se situam em relação aos novos (recursos, performance, avaliação de seu estado - se está bem conservado, se é tudo original, embalagem, controle remoto, etc.).

Criando esta seção, certamente ajudaríamos nossos leitores indecisos a definirem se desejam ou não realizar tal upgrade. Pois um dos itens de maior consultoria é justamente este: se vale ou não a pena investir em um produto usado, se ele não está obsoleto e se ainda poderia atendê-lo. Que momento pode ser mais propício do que este que teremos pós pandemia?

E, por fim, temos o crescimento do fabricante nacional, que finalmente está em seu melhor momento nos 25 anos da revista. Estou cheio de confiança que os próximos cinco anos, o fabricante nacional de produtos hi-end irá ter uma fatia considerável do mercado, pois o “preconceito” aos poucos vem se diluindo, e o audiófilo ►

entendeu que a política de fidelidade criada por muitos desses fabricantes permite que os upgrades sejam constantes dentro da marca.

O que eu espero e desejo é que o fabricante nacional, perca o medo de nos enviar seu produto para avaliação. Pois nossa linha editorial, desde a edição zero, foi sempre dar o direito de abortar o teste desde que as expectativas do fabricante não sejam atendidas em nossa avaliação. Foram mais de 1000 testes abortados e nunca foram vazados para o mercado o que rejeitamos.

E sempre mostramos o motivo de tal teste não ser publicado (graças à Metodologia e nosso Sistema de Referência e sala tratada). Muitos aceitaram sem problemas e muitos não, e respeitamos perfeitamente que cada um reaja de acordo com suas expectativas e estratégias de mercado.

O que não muda nada, pois nosso compromisso editorial foi mantido desde nosso primeiro número lançado em março de 1996. Então não existe motivo algum para o fabricante nacional ter algum melindre ou receio.

E esqueçam as “barbaridades” que já ouviram falar sobre o Fernando Andrette, e tirem suas próprias conclusões e não por terceiros: venham conhecer nosso trabalho, ele não é perfeito, mas é transparente e honesto. E o que nos moveu nesses 25 anos de vida

continua sendo a essência de tudo o que já fizemos e ainda faremos: o amor e o prazer por tudo que produzimos.

Entendo que para muitos (leitores, importadores e fabricantes), nossa escolha de uma linha editorial que prima pela qualidade da reprodução musical, acima da qualidade dos equipamentos, não seja ainda muito bem aceita por todos.

Mas, à medida que nossos leitores passam por todas as etapas audiófilas (do descobrimento do palco sonoro à materialização física do acontecimento musical, e os arroubos e sustos com variações dinâmicas), ele percebe que esta longa jornada tem um único objetivo: fazer com que a música que amamos soe da forma mais magistral possível, dentro de nosso orçamento.

E qualquer desvio deste objetivo não tem como perdurar por um longo tempo, pois quanto mais nos tornamos obcecados por equipamentos, maior o risco de erros e de esquecermos o motivo de dedicarmos tantos anos de nossas vidas à busca deste santo graal sonoro.

Um dia todos temos que voltar para casa. E se neste dia cada um dos nossos leitores, por este um quarto de século, ao voltarem puderem ouvir toda sua coleção de discos e reconhecer que todo esforço, tempo e dinheiro valeu a pena, nossos 25 anos também valeram! ■

HIGH PERFORMANCE

Tonearms

From affordable to aspirational, Origin Live tonearms are renowned for their world leading, high performance designs.



A sinergia entre alguns produtos as vezes nos surpreende, foi assim com os braços Origin Live e o Toca discos Ceres, da Timeless Audio.

Durante o seu desenvolvimento, tamanha foi a sinergia que escolhemos trazer os braços da Origin Live para complementar nossa constante busca por excelência.

Agora você pode ter os melhores braços da atualidade. Nossos consultores estão a disposição para encontrar a melhor solução para você.

 **ORIGIN LIVE**

Recreating the
Original Sound

www.originlive.com



TIMELESS AUDIO

contato@timeless-audio.com.br
www.timeless-audio.com.br

021 99538 4779
011 98211 9869



Onyx



Silver



Zephyr



Encounter



Illustrious



Conqueror



Enterprise



Agile



QUEREM A VALIDAÇÃO DA BAIXA QUALIDADE!

XX Christian Pruks
christian@clubedoaudio.com.br

Uma suposta 'intolerância musical' quer ser substituída por uma intolerância a gostos e ideias. Não só parece que não se pode mais falar que não se gosta de um gênero musical, é preciso também 'amar' todos os gêneros - senão você é uma 'má pessoa', e o 'tolerante' que está do outro lado, fica se sentindo moralmente superior.

João só gosta de hambúrguer. José só gosta de pizza. João não tem cinco anos de idade, ele sabe que se ninguém mais gostar de hambúrguer no mundo, não altera nada pra ele, pois ele é seguro de seus gostos e ideias, como todo mundo devia ser, e ele sabe que José pode também odiar hambúrguer ao ponto de andar com uma camiseta com isso escrito na frente. Isso seria o normal, não é?

Aparentemente existe um movimento hoje em dia procurando validar toda e qualquer música 'na marra' - não existe, segundo algumas pessoas, música ruim, apenas a música que se gosta. E aí todo mundo que tem uma vivência musical maior, um conhecimento de como a música é feita, de sua estrutura, da técnica para tocá-la, não pode mais emitir opinião sobre isso - todo mundo é 'feito de açúcar' e está na chuva, ninguém pode ser contradito, não se pode mais apontar erros ou desconhecimentos. Tudo nivela-se por baixo. Quem tem conhecimento, vira esnobe...

No vendaval de abobrinhas que está sendo a validação da baixa qualidade musical - e da baixa qualidade de gravação - estão ►

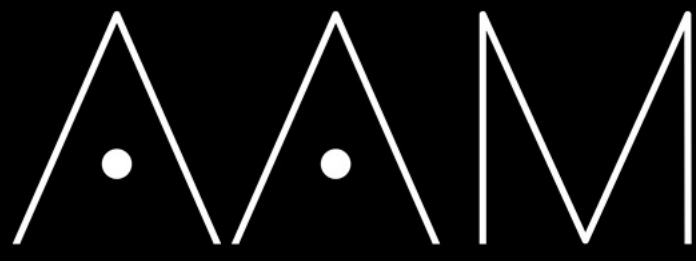
dizendo que qualquer faixa de qualquer disco pode ser usada como faixa de teste. Bom, vamos lá, em mais uma simples analogia (eu faço analogias com comida porque todo mundo come e a maioria gosta de comer, não é porque eu sou um glutão...). Digamos que você vá fazer um kibe assado, e você diz que precisa de carne moída de primeira, e vem uma pessoa que não tem conhecimento, estudo e nem educação de seu paladar, e diz que você é um esnobe, que faz ela se sentir mal com a carne moída sebeta de terceira dela, que você não tem esse direito, que ela defende todas as carnes (menos a sua, no fundo, porque ela não a conhece, não a entende, e nem quer entender).

Eu nunca ditei o que ninguém tinha que ouvir. Eu sugiro, apenas. E cada um ouve o que gosta. Mas não pode chegar ao ponto de profissionais da área de áudio dizerem que qualquer música, qualquer faixa que você gostar da música, serve como teste - porque isso está longe da verdade. Quer um kibe assado hi-end? Use carne moída hi-end. Claro que o objetivo de um sistema de áudio top é que ele toque quase qualquer nível de qualidade de gravação, de uma maneira mais do que decente, para que todo mundo possa usufruir

de todos os discos que o agradem musicalmente, ainda que muitos com qualidade de gravação sofrível. A busca é por essa ideia - isso é o Santo Graal! Mas daí pra dizer que qualquer coisa, qualquer música, qualquer disco, serve para avaliar um sistema e fazer seu acerto, seu casamento, sua sinergia, é querer distorcer o mundo demais para que ele passe a caber em conceitos tortos.

Não se pode mais dar opiniões que tenham embasamento em conhecimento e vivência - pois isso 'ofende' as pessoas que não tem esse embasamento e vivência. Bom, eu fui ensinado pelos meus pais e pelo meio onde cresci a aprender com quem sabe mais, e a entender o ponto de vista de quem tem vivência e conhecimento, e com isso rever os meus! Eu tenho que me adaptar ao mundo, e não o mundo se adaptar a mim!

Existem dois fatos a serem pensados, com intuitos diferentes. Primeiro: sim, existem muitos discos mal gravados, e eu acho que deve-se procurar o melhor equipamento para se fazer o melhor proveito desses discos - para quem os aprecia musicalmente - pois só o equipamento mais sinérgico, mais tolerante e com mais folga técnica, orgânica e musical é que vai tocar melhor esses discos. ▶



AUDIO CONSULTING

Para quem deseja extrair o melhor do seu sistema analógico.

A AAM presta consultorias em áudio e é especializada em instalação e ajustes de equipamentos analógicos - toca-discos e gravadores open reel.

andremaltese@yahoo.com.br - (11) 99611.2257

OPINIÃO

Mas não se pode fazer esse equipamento, não se pode montá-lo e avaliá-lo com esses discos, pois seria como fazer uma roupa sob medida torta para alguém que anda torto, em vez de ensiná-lo a andar reto.

Segundo: existe, sim, música ruim. Música de má qualidade, com arranjos pobres, com interpretações com técnica no mínimo duvidosa, com instrumentação de mau gosto. E, infelizmente, a maioria dessas músicas ruins, está no âmbito dos gêneros populares - são repetitivas, pobres, barulhentas, desagradáveis e nada adicionam. Não vou julgar a música de ninguém - meu papel na minha coluna Discos do Mês é de sugerir música de qualidade em gravações de qualidade, para pessoas com discernimento, que tenham interesse em expandir sua discoteca e seu conhecimento. O que cada um ouve, é seu, pessoal - cada um na sua! Mas eu tenho conhecimento e vivência o suficiente, na minha área, no meu trabalho e no meu hobby, para fazer julgamentos gerais, como este texto aqui, e julgamentos específicos como minhas sugestões de discos.

Um avaliador de um sistema ou de um componente, que escreve para uma revista ou site de áudio, não pode avaliar essas coisas usando só a música que ele gosta - é um pensamento extremamente simplista e incrivelmente errado o de que você deve avaliar e acertar o sistema com todo e qualquer disco que lhe agrada a música, com aqueles discos que são sua preferência, sem observar critérios qualitativos. Pois a música de avaliação, as faixas e discos de teste de boa qualidade, são a segunda maior ferramenta de avaliação - a primeira são os ouvidos, que ainda não foram substituídos por medição alguma na face deste planeta. As faixas de teste possuem qualidade sonora para deixar claros todos os aspectos pelos quais conheceremos como aquele aparelho se comporta, quais são seus pontos fortes, seus limites, suas fraquezas - é como usar uma lente de aumento ou um microscópio para avaliar como algo é. E uma faixa mal gravada é como uma lente fosca e fraca: não vai te dar todas as informações e não vai te dar todo o entendimento. O resultado? Informações errôneas, compras erradas, upgrades incertos, e ainda menor entendimento do sistema, de áudio e do hobby.

Além disso, certos gêneros musicais são necessários para uma visão total da capacidade de um aparelho - e isso inclui a boa habilidade dos músicos que o tocam, já que tentar entender a intencionalidade de um mau músico, um mau intérprete, é um tipo muito especial de perda de tempo. Um exemplo do que não se deve fazer é usar somente voz feminina para se avaliar ou acertar um sistema, pois é óbvio que isso limita seu conhecimento da qualidade sonora daquele sistema ou componente - simplesmente por não haver informação suficiente e clara sobre os extremos: as frequências mais

graves e as mais agudas. Outro tipo que não se deve usar é a música eletrônica moderna, por vários motivos, sendo o principal: os graves de uma batida eletrônica têm pobreza de textura e recorte, além de tamanhos, intensidades e harmônicos irreais - nesse caso fica óbvio que você não tem como saber qual a real qualidade e correção e precisão de seu aparelho. Não estou dizendo que não deve ouvir música eletrônica - eu ouço várias - mas que não dá para avaliar, não dá para afinar, e não vai realizar o potencial de seu sistema.

Outra falácia que eu ouvi recentemente é que a música é que deve fazer o sistema tocar bem, e não o sistema fazer a música tocar bem. Isso foi usado em uma justificativa para o uso de qualquer música para testes, avaliações e afinação do sistema. Primeiro, quem falou isso não se tocou que usou em contradição, já que uma música mais bem gravada, e não qualquer disco ou gênero que se goste ou se tenha em casa, é que obviamente vai fazer o sistema tocar melhor. Ao mesmo tempo que um sistema melhor, todo mundo sabe, todo mundo viu e ouviu, faz o disco tocar melhor (se for sinérgico e bem acertado) - daí a necessidade de uma boa avaliação do mesmo, para se fazer uma boa compra, uma boa escolha.

Qual seria a conclusão séria e não-simplista? Precisa-se de boas gravações para avaliar, montar, conhecer e afinar bons sistemas - a não ser que a busca, de alguns, tenha como cláusula pétrea a necessidade de validar o que se gosta de música a qualquer custo, usando, a título de metodologia, a ideia de que o mundo é que tem que se adaptar à pessoa.

Outra patacoada que me chegou aos ouvidos, é que não existe meritocracia na música, que quem pensa que tem mais bom gosto ou um gosto mais refinado, está errado. Uau! Nada como realmente nivelar as coisas por baixo! Ao transportar esse mesmo tipo de pensamento pequeno, tacanho e tosco para outras áreas, o resultado seria que não tem comida melhor ou pior, carro melhor ou pior, filmes melhores ou piores, roupas mais bem feitas ou mal feitas - no ponto de vista acima citado, tudo é igual, e quem falar que alguma coisa é melhor porque se informou, aprendeu, conheceu, educou-se, lapidou e reviu seus conhecimentos e idéias, seria alguma espécie execrável de 'elitista'. Ou seja, você melhorar o que você é e o que você sabe, passou a ser algo ruim.

O que é bom virou ruim - o que é ruim virou bom. É uma inversão de valores estúpida, vinda provavelmente de alguém com preguiça de aprender e de melhorar, alguém com grande chance de ter um mau gosto musical. Para que melhorar se essa pessoa pode simplesmente esperar que o mundo se adapte a ela, ou utilizar-se de um expediente de baixo caráter, declarando os valores simplesmente como invertidos? ■

PRECISÃO COM ALMA



HD PREAMP

Fundada em 1951, a NAGRA é a empresa suíça de áudio hi-end mais respeitada e admirada neste segmento. Seus produtos são feitos a mão, por profissionais altamente gabaritados e contruídos para durar por décadas. Ter um NAGRA é a realização de todos que amam ouvir música da melhor maneira possível. E AGORA VOCÊ PODERÁ REALIZAR ESTE SONHO!!

NAGRA

Acesse o link e entenda a paixão mundial pela NAGRA.



DISTRIBUIÇÃO OFICIAL

german
Audio
www.germanaudio.com.br

comercial@germanaudio.com.br - contato@germanaudio.com.br



CONEXÕES E CIRCUITOS BALANCEADOS

 Guilherme Petrochi
petrochi@gmail.com

A conexão balanceada, que é padrão em equipamentos profissionais há muito tempo, recentemente popularizou-se em produtos hi-end. Entender porque ela é indispensável no áudio profissional é fácil. Imagine, por exemplo, num grande show, um sinal que sai do microfone e percorre dezenas de metros até a mesa de som na 'housemix', depois percorre novamente a mesma distância até os amplificadores do PA. Além da degradação causada por ruídos de terra (hum e buzz), o sinal é afetado por cabos de energia elétrica e outras fontes de interferências externas (eletromagnéticas, eletrostáticas e também de radiofrequência). Se não fosse a conexão balanceada, o resultado sonoro seria caótico!

Nos estúdios, as condições de interferências são menos severas, mas a necessidade de evitar crosstalk entre canais, devido ao uso de multicabos e conectores multiway, torna obrigatória a conexão balanceada.

Qual é sua real importância em sistemas de áudio domésticos de alta fidelidade? Atualmente, a conexão balanceada é sinônimo de alta performance, conferindo este status a qualquer equipamento que a utilize. Mas o que poucos sabem é que esses equipamentos são, em sua maioria, desbalanceados e que empregam circuitos conversores balanceado / desbalanceado na entrada e / ou saída (adiante detalharemos o funcionamento de conexões balanceadas / desbalanceadas).

Tais circuitos podem comprometer a fidelidade e até mesmo a relação sinal / ruído do sistema de áudio! Essa afirmação parece incoerente, mas é a pura verdade. O leitor pensará: como um padrão de conexão, desenvolvido especialmente para eliminar interferências externas, loop e ruído de terra, pode comprometer a relação sinal / ruído de um equipamento? ▶

Podemos considerar que existe o mundo dentro do equipamento e o mundo fora dele. A conexão balanceada é, indiscutivelmente, uma tecnologia muito poderosa e valiosa quando o mundo de fora é hostil, mas, quando ele não é, os problemas de engenharia tornam-se evidentes.



sistema (com conexões desbalanceadas) sob controle, ou seja, bom aterramento das tomadas e arranjo correto dos equipamentos e do cabeamento para evitar que campos eletromagnéticos afetem o sinal de áudio. Transformadores da fonte de alimentação, por exemplo,

Figura 1-a, 1-b

Um equipamento desbalanceado pode ter sua relação sinal / ruído piorada em cerca de 15 dB, caso o circuito conversor da entrada não seja cautelosamente elaborado. Acredite, não é fácil desenvolver tal circuito de modo a não prejudicar o resultado final de um equipamento desbalanceado de qualidade.

Isso não significa necessariamente que a conexão balanceada seja pior (adiante veremos o caso de equipamentos fully balanced). Obviamente, estamos considerando que o audiófilo tenha seu

geram campos eletromagnéticos que podem afetar o sinal de toca-discos com cápsula MC ou cápsula MM sem blindagem. A saída de baixo nível das cápsulas MC (0,5 mV) e MM (5 mV) se beneficia da conexão balanceada, já a saída em nível de linha (2 V) das fontes digitais, como o CD player, normalmente não é afetada por interferências eletromagnéticas. As interferências eletrostáticas (crosstalk) não costumam ser um problema em sistemas hi-end, pois quase sempre os cabos de interconexão são separados.

Calibração de TVs e Projetores

Quer ver aquela imagem de Cinema em sua casa?

Comprou a TV dos seus sonhos e está decepcionado com a imagem de fábrica? Foi ao cinema e está se perguntando por que a qualidade da imagem é muito melhor?

Faça uma calibração profissional de vídeo e deixe sua TV ou projetor nos mesmos padrões dos estúdios de cinema! Assista seus filmes preferidos com cores mais vibrantes e naturais, menor fadiga visual, muito mais contraste e percepção de detalhes. Afinal, sua imagem também merece ser hi-end.

NAO CALIBRADO



CALIBRADO



Mais informações (11) 98311.8811
e agendamentos: jlrot2020@gmail.com

MATÉRIA TÉCNICA

Infelizmente, manter o sistema sob controle nem sempre é uma tarefa fácil e talvez esse seja o motivo da popularização da conexão balanceada nos equipamentos domésticos de alta fidelidade. Para entender como funciona a conexão balanceada, precisamos primeiro entender a desbalanceada (feita normalmente com conectores RCA).

O cabo coaxial (desbalanceado) simples (figura 1-a) é composto por apenas dois condutores: um deles, o condutor central, transmite o sinal de áudio, e o outro, a malha, conecta o terra dos equipamentos - servindo de retorno para o sinal - e protege o condutor central de interferências eletrostáticas (crosstalk).

A figura 2 mostra um circuito desbalanceado de entrada (buffer de ganho unitário) sendo alimentado por um sinal desbalanceado. A impedância de entrada do equipamento é definida pelo valor de R_e .

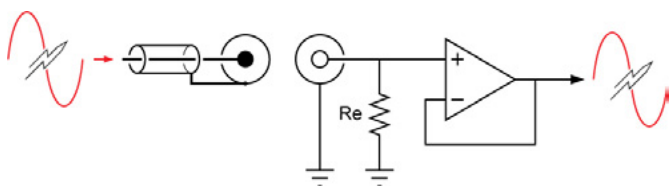


Figura 2

A figura 3 mostra um circuito desbalanceado de saída. A impedância de saída do equipamento é definida pelo valor de R_s . Baixas impedâncias (<100 Ohms) são importantes porque minimizam perdas de agudos, causadas por cabos de alta capacitância (>200 pF/m).

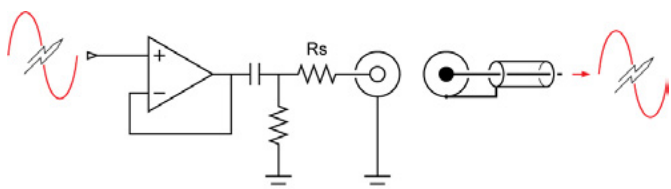


Figura 3

Quando a utilização de cabos longos faz-se necessária, a conexão desbalanceada fica vulnerável às interferências externas (eletromagnéticas, eletrostáticas e de radiofrequência), as quais, ao atingirem o sinal de áudio, o contaminam de forma definitiva. Note que os circuitos desbalanceados (figura 2) permitem que as interferências passem adiante, junto com o sinal.

Outra desvantagem de cabos longos é o ruído de terra, que ocorre porque uma pequena corrente ruidosa, proveniente da rede elétrica, sempre flui entre os terras dos equipamentos através da malha do cabo de interconexão. A passagem dessa corrente pela resistência da malha provoca uma diferença de potencial entre os terras. Como a malha serve de retorno para o sinal de áudio, a diferença de potencial se soma a ele e produz o desagradável ruído de terra, audível na forma de um 'buzz' (harmônicos de 60 Hz). Quanto maior

for o cabo, maior será a resistência da malha e, conseqüentemente, maior o ruído de terra. Esse é o tipo de ruído mais comum em sistemas desbalanceados e só não é pior que o ruído causado pelo loop de terra, como veremos a seguir.

Diferente do ruído de terra, que é dependente do cabo de interconexão e da qualidade do transformador da fonte (um dos componentes que deixa 'vazar' parte da corrente ruidosa da rede elétrica para o terra), o ruído inserido pelo loop de terra é dependente da qualidade do aterramento das tomadas: se todas as tomadas não forem ligadas a um único ponto de terra, haverá diferença de potencial entre os pinos de terra dos cabos de força de forma análoga à que ocorre no cabo de interconexão. A corrente ruidosa que flui entre os pinos de terra dos cabos de força também flui pela malha do cabo de interconexão e insere o famoso 'hum' (60 Hz da rede elétrica) no sinal de áudio. Esse fenômeno é o loop de terra.

Uma prática - nada segura - que elimina o loop de terra é o uso de tomadas sem aterramento ou a retirada do terceiro pino do cabo de força. Os problemas causados por interferências externas, loop e ruído de terra, são facilmente resolvidos com o uso da conexão balanceada.

O cabo balanceado simples (figura 1-b) é composto por três condutores: um deles (malha) conecta o terra dos equipamentos e proporciona blindagem eletrostática aos dois condutores centrais (hot e cold) que transmitem o mesmo sinal de áudio, mas com a fase invertida.

ENTRADA BALANCEADA

A figura 4 mostra um circuito conversor balanceado-desbalanceado (amplificador diferencial com buffers de ganho unitário) sendo alimentado por um sinal balanceado. A impedância de entrada do equipamento é definida pelo valor de R_{e+} e R_{e-} .

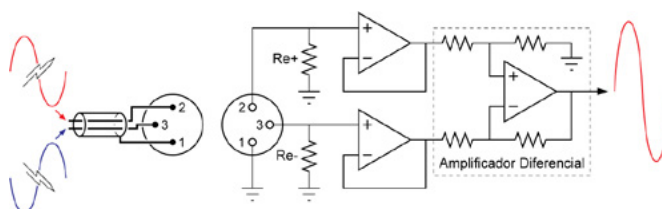


Figura 4

As interferências externas atingem os condutores hot e cold simultaneamente (common-mode). A entrada balanceada do equipamento rejeita informações comuns aos dois condutores (interferências e ruídos) e transforma os sinais em contra-fase (hot e cold), num único sinal. 'Hum' e 'buzz' causados por loop e ruído de terra são comuns aos dois condutores e também são eliminados pela entrada balanceada.

A imunidade à interferência de radiofrequência da entrada balanceada eletrônica, ao contrário do que muitos pensam, não é melhor

que a imunidade obtida com conexão desbalanceada. A entrada balanceada não consegue cancelar completamente esse tipo de interferência, pois ela não afeta os condutores hot e cold de forma idêntica por uma ampla faixa de frequências - fator essencial para a rejeição eficaz das interferências.

A característica mais importante da conexão balanceada é a CMRR (Common-Mode Rejection Ratio). Ela indica a taxa de rejeição dos ruídos / interferências e é dependente de fatores como: impedância de saída do equipamento que envia o sinal, impedância de entrada do que recebe, qualidade do cabo de interconexão e principalmente da precisão de R_{e+} e R_{e-} , responsáveis pelo balanço de impedâncias com relação ao terra.

A CMRR pode variar de -20 dB, para uma conexão ruim, a -140 dB, para uma conexão excelente. Valores em torno de -100 dB são suficientes para uma reprodução silenciosa. Infelizmente, poucos fabricantes indicam a CMRR nas especificações técnicas, pois ela é altamente dependente da interação entre equipamentos.

A entrada balanceada não precisa receber necessariamente dois sinais com fase invertida de mesma amplitude (hot e cold). Ela também pode ser alimentada por um sinal desbalanceado (hot e terra).

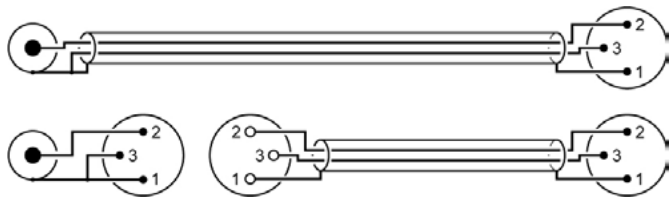


Figura 5-a, 5-b

Nesse caso o condutor cold é conectado ao terra do equipamento desbalanceado. Essa conexão deve ser feita no conector RCA (figura 5-a), pois, caso existam voltagens espúrias na malha, elas serão ignoradas pela entrada balanceada. Ao usar adaptadores RCA-XLR (figura 5-b) o raciocínio é o mesmo: o adaptador (RCA macho-XLR macho) deve ficar na saída do equipamento desbalanceado.

A figura 6 mostra uma entrada balanceada sendo alimentada por um sinal desbalanceado.

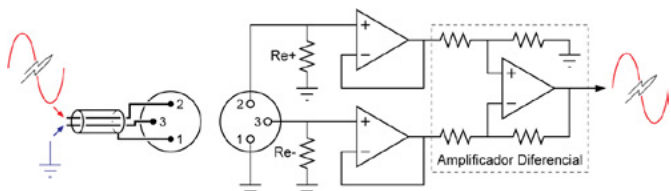


Figura 6

Essa conexão resolve problemas de loop e ruído de terra, mas a rejeição de interferências externas não é mais eficiente que a de uma conexão desbalanceada convencional. Isso acontece porque ao conectar o cold no terra (impedância zero), o balanço de impedâncias (característica crucial para uma boa CMRR) é afetado,

pois a impedância de saída para o hot normalmente varia de 47 a 100 Ohms. Um equipamento desbalanceado com 100 Ohms, por exemplo, degrada a CMRR da conexão para -40 dB, mesmo que a entrada balanceada tenha uma CMRR infinita.

Se o cabo RCA-XLR for montado da maneira inversa (figura 7-a) ou se o adaptador (RCA fêmea-XLR macho) for usado na entrada balanceada (figura 7-b), todos os benefícios da conexão balanceada serão desperdiçados e a rejeição a loop e ruído de terra será de 0 dB!

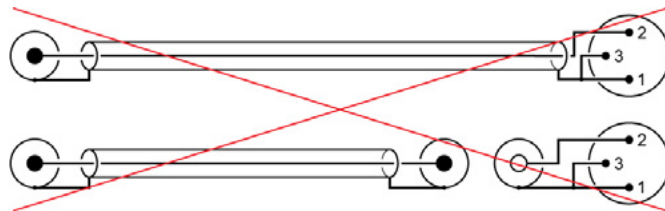


Figura 7-a, 7-b

Outra desvantagem da conexão desbalanceada-balanceada é a diminuição do ganho, pois o sinal desbalanceado (hot e terra) tem metade da amplitude do balanceado (hot e cold), ou seja, 6 dB a menos.

SAÍDA BALANCEADA

A figura 8 mostra um circuito conversor desbalanceado-balanceado. A parte de cima é idêntica à saída desbalanceada da figura 3 e a de baixo gera uma cópia do sinal, mas com a fase invertida. A impedância de saída do equipamento é definida pelo valor de R_{s+} e R_{s-} . Baixas impedâncias (<100 Ohms) são importantes porque otimizam a CMRR e minimizam perdas de agudos causadas por cabos de alta capacitância.

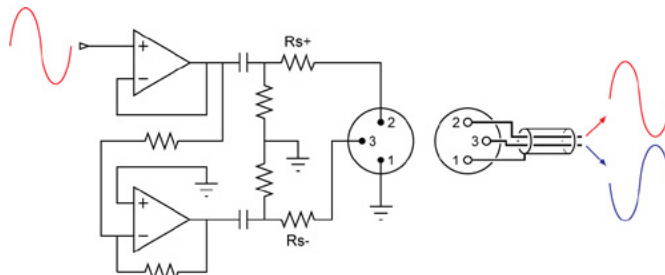


Figura 8

A vantagem da saída balanceada é que o aumento de 6 dB no nível do sinal contribui para uma melhora da relação sinal / ruído, bem como, da faixa dinâmica.

A conexão balanceada-desbalanceada também é possível, mas só deve ser feita quando o equipamento que envia o sinal não tiver saída desbalanceada, pois, de qualquer modo, a CMRR será sempre 0 dB! Existe, no entanto, um cuidado a ser tomado: o pino cold deve ser inutilizado (e nunca conectado ao terra), senão a parte inversora do circuito sobreaquecerá e injetará distorção na entrada desbalanceada.

MATÉRIA TÉCNICA

Existe ainda um tipo de saída balanceada (Quasi-Floating Output), na qual o cold deve ser conectado ao terra; caso contrário, a relação sinal/ruído poderá ser degradada em mais de 10 dB. A vantagem desta saída é que o nível do sinal não varia com o tipo de entrada alimentada (contudo, 6 dB de headroom são perdidos na conexão balanceada-desbalanceada). Por ser mais versátil, este tipo de saída (figura 9) é comum em equipamentos profissionais, sendo raramente utilizada em equipamentos hi-end.

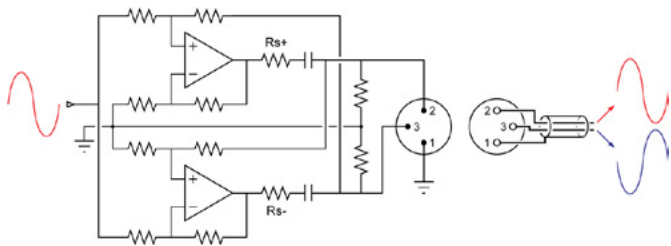


Figura 9

Se o manual de um equipamento que tem apenas saída balanceada não indicar o procedimento (cold aterrado ou não) para alimentar uma entrada desbalanceada, o resultado poderá ser desastroso.

Talvez, por esse motivo, alguns fabricantes de equipamentos profissionais usam a saída Impedance Balanced Output (figura 10), na qual o cold pode ser aterrado ou não. O nível do sinal também não varia com o tipo de entrada alimentada, pois, na verdade, esse circuito é o mesmo da figura 3 (saída desbalanceada) com uma pequena modificação: considerando-se a simetria de sinais, ele não é balanceado, pois não gera o sinal com a fase invertida (cold). As impedâncias, no entanto, são simétricas, pois o resistor adicional (R_{s-}) balanceia a saída.

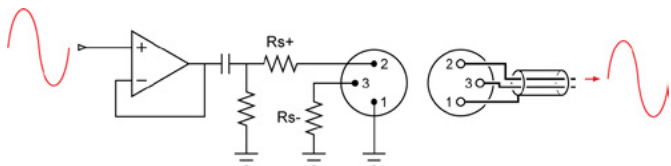


Figura 10

A precisão de R_{s+} e R_{s-} é o fator que define a CMRR de qualquer tipo de saída, portanto, a saída Impedance Balanced Output pode proporcionar boa CMRR à interface balanceada-balanceada, assim como outras saídas proporcionam. A desvantagem desse circuito é a diminuição de 6 dB no nível do sinal, se comparado às outras saídas balanceadas.

A maioria dos fabricantes de equipamentos profissionais que disponibilizam saídas balanceadas com conectores P10 fêmea usa o circuito Impedance Balanced Output.

CONVERSÃO POR TRANSFORMADORES

A primeira aplicação da conexão balanceada foi na telefonia. Ela possibilitava a transferência de sinais telefônicos por quilômetros

de fios sem que uma quantidade significativa de ruído afetasse a ligação. As aplicações seguintes foram em rádios, nos estúdios de gravação e no áudio profissional em geral.

Antes da conversão balanceado / desbalanceado ser feita eletronicamente, ela era realizada por transformadores (baluns). Esses dispositivos oferecem a solução mais simples para converter sinais desbalanceados em balanceados e vice-versa. A figura 11 mostra o circuito simplificado de um pré-amplificador desbalanceado com baluns na entrada e na saída.

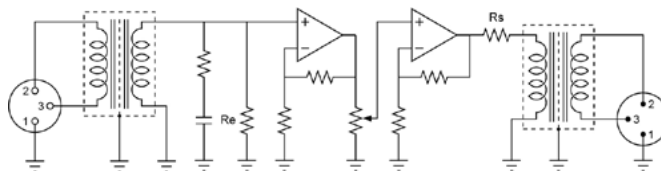


Figura 11

Os transformadores têm algumas vantagens sobre os circuitos eletrônicos, tais como alta CMRR e imunidade a interferências de radiofrequência. Infelizmente, eles geram distorções de baixas frequências, principalmente quando são fabricados com núcleos pequenos. Já os circuitos conversores eletrônicos oferecem melhor resposta de frequência, resposta de transientes e não têm problema de linearidade em baixas frequências.

Transformadores ainda são usados em algumas aplicações específicas do áudio profissional, devido à sua imunidade a interferências de radiofrequência: O Direct Box, por exemplo, é um acessório extremamente útil para conectar instrumentos musicais na entrada de microfones (balanceada) da mesa de som. Ele é composto basicamente por um balun. Estes dispositivos raramente são utilizados em equipamentos hi-end, mas alguns produtos com transformadores de altíssima qualidade, como o pré-amplificador Coherence, da Jeff Rowland, marcam história.

EQUIPAMENTOS FULLY BALANCED

Atualmente, existem vários fabricantes produzindo equipamentos fully balanced. Alguns dos pioneiros foram: Accuphase, Krell, Jeff Rowland, Atma-Sphere, Mark Levinson, Audio Research, Balanced Audio Technology, Gryphon, Ayre, Pass Labs, McIntosh, Boulder, Pathos, MOON, Karan, Theta Digital, Classé, Burmester e MBL. Contudo, só alguns dos fabricantes citados têm todas as linhas de produtos compostas por equipamentos fully balanced: normalmente essa característica é a mais enfatizada nas especificações técnicas.

Os circuitos que processam o sinal de áudio em um equipamento fully balanced têm o dobro de componentes eletrônicos que os circuitos de um equipamento desbalanceado. A figura 12 mostra o diagrama simplificado de um amplificador desbalanceado e de um fully balanced.

No amplificador desbalanceado, o borne negativo é o terra comum e o positivo é a saída do circuito de amplificação. No fully balanced, cada borne é a saída de um circuito e o sinal de áudio não passa pelo terra comum. Essa topologia é análoga para pré-amplificadores, players, DACs e pré-amplificadores de toca-discos.

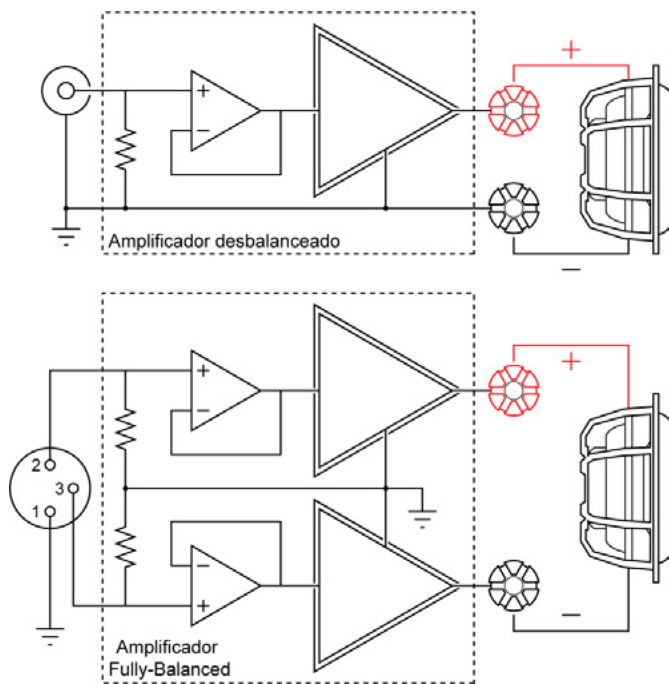


Figura 12

A grande vantagem da topologia fully balanced (operação diferencial) é que, além de eliminar interferências externas e ruídos comuns ao terra, ela também cancela distorções adicionadas durante o processamento do sinal de áudio (as distorções dos sinais diferenciais são simétricas, pois os circuitos que lidam com os sinais hot e cold são iguais. Distorções simétricas tendem a cancelar harmônicos pares.

Outra característica pouco conhecida dos equipamentos fully balanced é que perturbações da fonte de alimentação (como ripple e hum) são desprezíveis. Os circuitos fully balanced drenam corrente em modo diferencial, portanto, diminuem a demanda de potência e rejeitam os ruídos comuns da fonte.

CONCLUSÃO

A conexão balanceada é geralmente desnecessária na reprodução doméstica de alta fidelidade. É claro que não utilizá-la em equipamentos fully balanced é um desperdício do potencial da topologia. Na aplicação profissional, a conexão balanceada é imprescindível devido a fatores comprometedores, como interferências externas, comprimento dos cabos e problemas de aterramento.

Como vimos, existem equipamentos desbalanceados, desbalanceados com entrada e / ou saída balanceada (conversores) e fully

balanced. Os fully balanced são conhecidos por sua superioridade em resposta dinâmica, relação sinal / ruído e detalhamento.

Os desbalanceados com entrada e / ou saída balanceada precisam ser utilizados com sabedoria, isto é, só use as conexões balanceadas se for preciso. Assim, você evitará que o sinal faça um caminho mais longo, passando por circuitos conversores balanceado / desbalanceado. Normalmente o circuito conversor usado na entrada de equipamentos desbalanceados compromete sua relação sinal / ruído - o amplificador Cambridge Audio Azur 840 W, por exemplo, é uma exceção (seu circuito conversor é 0,9 dB mais silencioso que o circuito desbalanceado de entrada).

Os equipamentos desbalanceados não devem ser menosprezados, pois eles também podem ser extremamente silenciosos. Fabricantes como a Naim, por exemplo, nem ao menos disponibilizam conexões balanceadas. Ao invés disso, adotam soluções diferenciadas para garantir excelente relação sinal / ruído, como fonte de alimentação em gabinete separado e técnicas alternativas de aterramento.

Embora esta matéria pareça sugerir que os equipamentos fully balanced são os melhores, é preciso salientar que a única característica técnica levada em consideração foi a relação sinal / ruído. Existem muitos fatores que influenciam na sonoridade do sistema e em cada equipamento, sendo a relação sinal / ruído apenas um deles. No caso de equipamentos, fatores como variedade e possibilidades de associação dos componentes eletrônicos ativos (válvula; transistor bipolar, JFET ou MOSFET; Op Amp), topologia, polarização, tipo e projeto da fonte de alimentação, layout, material e qualidade dos componentes passivos, fiação, mecânica do gabinete e outros pequenos detalhes definem a assinatura sônica e as características técnicas de cada equipamento.

Os testes de laboratório são a base para a evolução da engenharia de áudio e dos estudos científicos, mas nem sempre o equipamento com melhor especificação técnica soa melhor. Os japoneses perceberam isso nos anos 80, quando, por curiosidade, resolveram alimentar as caixas acústicas daquela década usando amplificadores single-ended (fabricados nos anos 30) com válvulas triodo de aquecimento direto. Estes amplificadores têm todas as características indesejadas do ponto de vista técnico, como alta distorção, alta impedância de saída e relação sinal / ruído ruim, no entanto, existe um consenso entre os audiófilos que eles soam com maior 'naturalidade' e 'calor'.

O áudio hi-end beneficia-se da complexidade do ouvido e da maneira com que o cérebro interpreta o som. As especificações técnicas apenas auxiliam na escolha do equipamento ideal para você. Não deixe de testar um produto só porque ele não tem conexões balanceadas! ■



Ron Carter at the 2016 Detroit Jazz Festival

PLAYLIST DE MAIO

XX Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

CINCO GRAVAÇÕES QUE NOS ACOMPANHARÃO PARA SEMPRE.

Quando comecei a montar a Playlist deste mês, fiquei pensando em algumas possibilidades para comemorar nossos 25 anos. Passei alguns dias ouvindo novas gravações no Tidal e no Qobuz, e achei que todos os lançamentos interessantes poderiam esperar as próximas edições.

Aí, separando os discos da Metodologia para preparar as apostilas dos futuros Cursos de Percepção Auditiva, me perguntei quais os cinco discos que são imprescindíveis estar no CD que o participante do curso irá levar para casa, e comecei, no meio dos 100 discos usados nos 8 quesitos, a vasculhar aquela gravação que sempre

estive no fechamento final da nota de algum quesito, ou mais de um quesito, e acabei selecionando 10 discos.

Aí passei mais um “pente fino”, e escolhi os cinco que sempre estiveram na lista dos que são a mais fiel “radiografia” de qualquer componente, do sistema completo.

Cinco discos que já deram muito pano para manga, e discussões calorosas em fóruns ou em audições coletivas na casa de audiófilos.

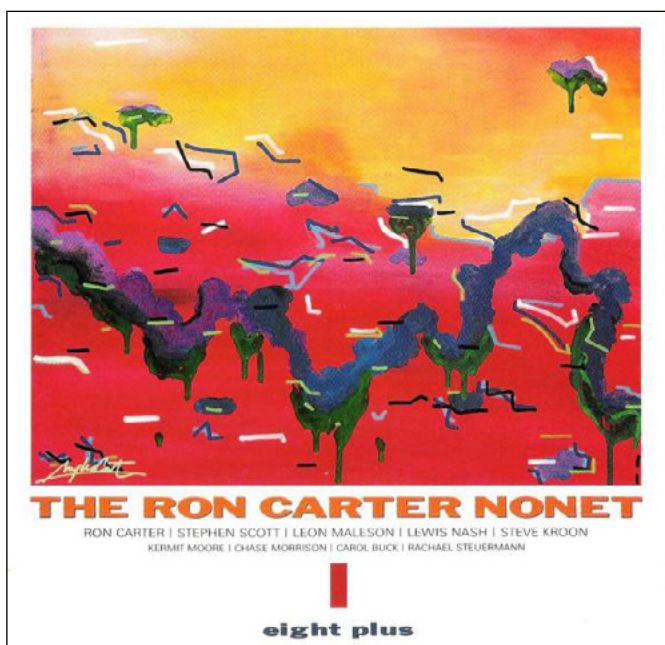
Mas, afinal, o que estes discos têm de tão especial?

Eu diria que tudo, desde uma qualidade técnica refinada, músicos virtuosos com excelentes instrumentos, engenheiros que souberam valorizar a qualidade artística e não “reinventar” a roda, e obras de extrema complexidade e bom gosto.

Passei inúmeras saias justas com esses cinco discos em cursos, consultoria e Hi-End Shows. Pois são gravações que mostram a beleza de um setup bem ajustado, e escancaram os erros de um sistema mal escolhido.

Nos primeiros anos após o lançamento da Metodologia, utilizava a seção CDs do Mês para mostrar lançamentos e gravações que pudessem ser usadas para o ajuste de cada quesito.

E por um bom par de anos, recebi muitas cartas (sim a revista recebeu muitas cartas nos primeiros 8 anos de vida), e e-mails desaforados de leitores afirmando que muitos discos indicados podiam ter seu valor artístico, mas eram ruins tecnicamente.



▶ OUÇA A FAIXA EIGHT - EIGHT PLUS - THE RON CARTER NONET, NO YOUTUBE.

O CD que mais recebeu críticas por mais de uma década (e se bobear ainda receberá críticas nesta edição) foi o **The Ron Carter Nonet: Eight Plus**, gravado no Japão para o selo JVC, e que eu indiquei para a Movieplay trazer em uma série de Jazz que tinha dez discos. Eu escolhi este disco justamente pela impressionante qualidade artística e técnica. E, por conta disto, o número de “pauladas” que recebi de leitores furiosos (dois quiseram seu dinheiro de volta, pois colocamos a coleção para ser vendida pela revista), e um me devolveu pessoalmente em pleno Hi-End Show, dizendo que era um lixo!

Eu sempre fui muito cuidadoso e respeitoso, pois sei que toda pessoa pública tem enorme responsabilidade, mas se fosse hoje, nesta altura da minha vida, eu faria o sujeito sentar e ouvir comigo

em nossa sala o disco todo. E ao final devolveria o CD e diria: “Vá fazer o seu dever de casa e arrume seu sistema por favor!”. Pois este disco, quando tocado em um sistema correto em termos de Equilíbrio Tonal, é simplesmente um espetáculo. Então, meu amigo, não o culpe se, no seu sistema, não estiver soando magistralmente. Aceite a possibilidade que seu sistema está torto ou ainda não “chegou lá”. Ele pode ser a bússola perfeita para o ajuste de vários quesitos da Metodologia: Equilíbrio Tonal, textura, micro e macrodinâmica, transientes e corpo harmônico.

Sim, é um disco com arranjos complexos e uma formação exótica: piccolo bass do Ron Carter, piano, baixo, bateria, percussão e quatro cellos. A região grave e médio-grave está sempre povoada ou por instrumentos solo ou pelo naipe de cellos em uníssono, o que exige um Equilíbrio Tonal e texturas perfeitos.

Aí que o caldo entorna, pois se o Equilíbrio Tonal e as texturas não forem corretíssimas, o sinal vira uma massaroca. E ouvi inúmeras vezes esta “massaroca” em inúmeros sistemas. Se queres que o seu sistema passe na prova final de correção e fidelidade extrema, este disco estará nessa etapa.



◆◆◆ OUÇA O BLACK LIGHT SYNDROME - BOZZIO LEVIN STEVENS, NO TIDAL.

◉ OUÇA O BLACK LIGHT SYNDROME - BOZZIO LEVIN STEVENS, NO SPOTIFY.

Outra pedreira que me foi muito cara em termos de impropérios, foi o **Bozzio Levin Stevens: Black Light Syndrome**. Que os ▶

PLAYLISTS

audiófilos mais jovens adoram escutar, e os mais velhos fogem como o diabo da cruz, rs! É um CD complicado, pois novamente temos três virtuosos inspirados e afim de virar qualquer sistema do avesso. E, acreditem, ele é capaz mesmo de deixar sistemas caros com as calças nas mãos! Pois ele não perdoa falta de macrodinâmica, de folga e de um exímio Equilíbrio Tonal. É o tipo de gravação que, em um sistema superlativo, se ouvirá o disco integralmente, com risco de bis em algumas faixas.

Mas em sistemas tortos, não se consegue escutar uma única faixa!

E quando isso ocorre, as desculpas dos donos dos sistemas são as mais “criativas” possíveis, como: “meu sistema não aceita nenhuma gravação comprimida”, ou: “não montei meu sistema para ouvir este tipo de música”. Essas duas respostas são as mais comuns, mas também tem o audiófilo que teima em dizer que a qualidade técnica é sofrível! E aí, quando ele escuta em um sistema sinérgico e correto, ou ele tem humildade e dá o braço à torcer, ou fica ainda mais furioso ao ver seu argumento cair por terra.

Se você nunca escutou este disco, torço para que sua primeira audição seja em um sistema correto. Se tirar a sorte grande de ouvir em excelente condição, garanto que este será um disco que você usará para avaliação de dinâmica, transientes e equilíbrio tonal. Pois essa gravação não faz refém: ou seu sistema passa, ou morre!

A terceira gravação, é a mais emblemática, pois é possível avaliar com apenas este disco os oito quesitos da metodologia (sim você leu certo: os oitos). **Gary Burton: Astor Piazzolla Reunion** - esta é uma das gravações mais primorosas já feitas pelo saudoso selo Concord em seus áureos tempos de gravações artística e tecnicamente audiófilas. Os arranjos são primorosos a execução de tirar o fôlego e a escolha do repertório exemplar!

Se você está pensando para ajustar o Equilíbrio Tonal de seu sistema há anos, e não sabe mais o que está no lugar ou não, ouça qualquer faixa deste disco (o ideal é ouvir as 13) mas para você ter uma primeira avaliação, comece pelas faixas 2, 4 ou 7. A formação é perfeita para avaliação de todos o espectro audível: vibrafone, violino, piano, baixo, bandoneon e guitarra. Aqui, um deslize no Equilíbrio Tonal e os erros serão “explícitos”. Novamente escutei todo tipo de desculpa das mais simplórias às mais estapafúrdias, como: “detesto vibrafone pois sempre soa brilhante e duro”, “os arranjos são muito confusos com muitos instrumentos soando nas mesmas frequências”, até “não gosto de Tango”! Ok, cada um escolhe a maneira que irá negar que o seu sistema está errado, mas novamente, em um sistema correto, não há nenhum dos oito quesitos que não

soem divinos! Eu, pessoalmente, utilizo este CD para fechamento das notas de Equilíbrio Tonal, textura, transientes e musicalidade.



◆◆◆ OUÇA O A TANGO EXCURSION - ASTOR PIAZZOLLA REUNION, NO TIDAL.

🎵 OUÇA O A TANGO EXCURSION - ASTOR PIAZZOLLA REUNION, NO SPOTIFY.

Chegamos aos dois últimos discos usados na Metodologia, e que também deram inúmeras discussões acaloradas.

Shirley Horn: You Won't Forget me. Este eu diria já ser um clássico da Metodologia, e continua sendo o disco mais tocado nos nossos Cursos de Percepção Auditiva. Ouça a faixa 11 - If You Go, por um simples motivo: a qualidade da microdinâmica, Equilíbrio Tonal e textura desta faixa. O desafio é que o ouvinte escute, logo no início do tema, quantas vezes o prato de condução se repete ondulando, até voltar ao silêncio. O problema é que a música está rolando e o baterista foi cuidadoso em bater no prato e deixar ele soando até acabar. Algumas pessoas escutam apenas 9 ondulações, outras 10, algumas 11. E os que têm melhor audição e melhor sistema, 13, sendo que em alguns sistemas de nível superlativo, passa de 13 (não vou contar para deixar a resposta para os que fizerem o nosso Curso em nossa sala, com nosso Sistema de Referência). O importante é que um exemplo tão simples e quase banal, tenha tanto a revelar sobre um sistema hi-end. Os que também não conseguiram em seus sistemas escutar mais que dez ondulações, sempre acham alguma justificativa para não escutar mais. ▶



◆◆◆ OUÇA O YOU WON'T FORGET ME - SHIRLEY HORN, NO TIDAL.

☰ OUÇA O YOU WON'T FORGET ME - SHIRLEY HORN, NO SPOTIFY.

Quando vejo este tipo de resistência, percebo claramente que o que está por detrás desta negação é simplesmente a não aceitação de que todo o trabalho feito ainda não está à contento. Já a maioria dos nossos leitores agradece a ajuda e a possibilidade de compartilhar ferramentas que os ajudem a “andar” com sua própria audição.

E como este é o nosso trabalho, a receptividade da maioria compensa as respostas atravessadas, mal educadas e muitas vezes desproporcionais ao que estamos escrevendo ou mostrando.

E, por fim, **Patricia Barber: Modern Cool**. O disco mais amado pelos fabricantes de caixas bookshelf, pois este disco os ajudou em inúmeros eventos e revendas, a convencer o consumidor que uma pequena caixa de estante atingiu a “maturidade” na resposta de graves, capaz de nos encantar com graves poderosos e repletos de energia. Mas essa gravação é muito mais que “graves de contrabaixo” e “bumbo de bateria” enérgicos. Ela tem o mérito técnico de excelente captação de todos os instrumentos, mixagem e masterização esmerada, e arranjos que trabalham muito bem o silêncio. Este silêncio é que dá este contraste que soa tão bem em sistemas hi-end decentes e em caixas book. Diria que este CD é uma das

maiores “peras doces” para demonstração de qualquer topologia bem ajustada e sinérgica. Ainda hoje é utilizado em diversos Hi-End Shows pelo mundo, e os audiófilos adoram.

Essa foi a gravação dos discos mais antigos da Metodologia que menos críticas recebeu. Claro que teve algumas, mas foram pontuais, falando de excesso de graves quando escutados em caixas com uma resposta mais baixa, ou que o corpo parece turbinado. Para essas críticas pontuais, sinto dizer que ambas não procedem. Pois se o grave sobra, ou a acústica de sua sala está defeituosa, ou seu setup e posicionamento das caixas está deficiente. Quanto ao corpo, eu desejaria que mais e mais gravações digitais tivessem este corpo harmônico, pois ao menos a diferença do digital para o analógico neste quesito não seria tão distante. Os engenheiros de gravação deste disco deveriam passar a fórmula para todos os seus colegas de profissão! É um dos poucos CDs em que realmente o corpo harmônico está bom, com tamanhos corretos.

Este é o meu presente para você leitor, que nos conheceu recentemente e está à procura de gravações que possam lhe fornecer um norte.

E se tocarem mal em seu sistema, não desanime, pois tudo tem concerto. A única coisa que não se conserta nesta vida é cabeça dura, ou teimosia extrema! ■



▶ OUÇA O THE ENCHANTMENT - CHICK COREA E BELA FLECK, NO TIDAL.



Rendez-vous Houston: A City in Concert - Jean Michel Jarre

JAZZ FUSION, ELETRÔNICO & MÚSICA DE CÂMARA

XX Christian Pruks
christian@clubedoaudio.com.br

Outro dia me perguntaram novamente porque eu não sugiro discos de música nova aqui nesta seção. Bom, para começar eu apresentei aqui vários discos de música nova, atual, feita nos últimos anos. Considero, também, que música boa não tem idade. Mas, claro, especifico claramente todos os meses quais são os gêneros musicais, porque ninguém é obrigado a gostar de clássicos, ou das numerosas vertentes de jazz, ou de rock - cada um absorve aquilo que mais lhe interessa, porque música é prazer, não existe obrigação de entender e apreciar gêneros, isso fica à cargo das pessoas que trabalham com isso. Cada um ouve aquilo que quer.

Daí, conversando, entendi que acham que eu deveria publicar discos de música pop, rock, alternativa, etc, atual. Bom, faço isso de bom grado, se forem bons discos, com bons intérpretes tocando música de qualidade, elaborada e pensada, estruturada - pois podem perceber que publico muito aqui discos que têm apenas

3 'estrelas' de qualidade sonora, porque são discos de alta qualidade musical, ou seja, esse último é o critério mais forte.

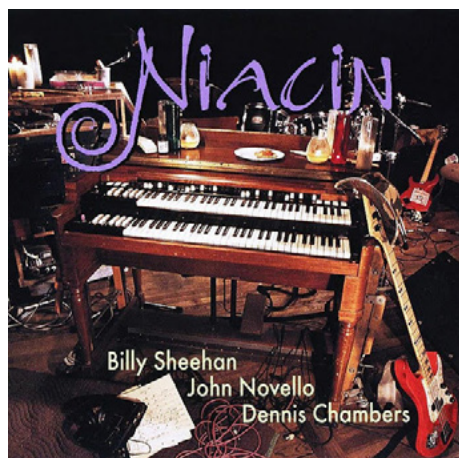
Não vou dizer que não tenham discos atuais de pop/rock/alternativo de alta qualidade musical por aí, mas posso dizer que o que eu tenho ouvido me deixa de cabelo em pé - e isso é um feito e tanto para alguém que quase não tem mais cabelo! Pobreza musical e esquiritice imperam, o 'oco' e o 'vazio' e o 'banal' parecem ser a ordem do dia para muitos - vai na total contramão do que eu ouço, estudo, entendo, e posso sugerir. Mas, se acharem coisas interessantes que possam ter qualidade musical, não hesitem em me sugerir! Estou sempre aberto à boa música - aliás, adoro aumentar o meu acervo com qualidade.

Então, hoje, vamos com os seguintes: Primeiro, um disco de jazz, fusion, rock, acid, 'com maisena', 'sem glúten', com alguns músicos bem especiais. Segundo, um disco de eletrônico, 'música espacial', ▶

DISCOS DO MÊS

synthpop, rock progressivo, de um dos pioneiros da coisa desde a década de 70. E, para finalizar, dois dos quartetos de cordas de um dos grandes compositores italianos de música erudita do século 20. Se o seu gosto musical abrange ouvir todos esses três discos, você receberá menção honrosa na próxima encarnação como 'Melômano Top Master Plus'.

Vamos à eles:



Niacin - Billy Sheehan, John Novello, Dennis Chambers (Stretch Records, 1997)

Esse é um daqueles discos que simplesmente 'apareceu'. Já tentei lembrar de onde veio, e não consegui. Obviamente é uma daquelas coisas que vêm por indicação em uma época onde se procurava discos de jazz e de boa qualidade de som com mais afinco, mas com mais dificuldade - pois CDs eram caros e não muito fáceis de achar, e mesmo assim comprava-se muita coisa 'no escuro'. Hoje, com o streaming, é muito mais fácil - seja para 'ouvir primeiro' e daí ir atrás do CD ou do vinil, seja para usufruir da música mesmo pelo próprio streaming, coisa que está se tornando a realidade de muito audiófilo e melômano - e eu pessoalmente considero uma opção já factível, em questão à qualidade sonora, para a maior parte dos audiófilos - pelo menos metade do que eu ouço no meu dia-a-dia, vem de sites de streaming.

Não é tudo de jazz fusion que me interessa - aliás, de grande parte dos praticantes mais famosos dessa vertente do jazz, prefiro mais sua obra anterior e mais 'tradicional' de jazz. Então, a apreciação se dá caso-a-caso - quando é bom, é muito bom!

Mas Niacin não é só jazz fusion, e sua sonoridade traz desde rock progressivo, passando por acid-jazz e jazz-rock. Nessa hora sempre me lembro a mania do ser humano de categorizar milimetricamente, mas também me ocorre que muitos dos trabalhos que levam

numerosas categorizações e rótulos, costumam ser mais interessantes, até porque têm misturas e sonoridades que saem do mais comum. Aquilo que é mais difícil de categorizar, pode acabar sendo mais rico e mais interessante. Por exemplo, se este disco fosse somente acid-jazz, eu não teria parado para ouvir tão atentamente. Inclusive achei engraçado um crítico elogiar este disco dizendo que a banda deve ter aprendido com outras iniciativas jazz-fusion a não usar muita pirotecnia, rrsrs! Os elogios à essa estreia da banda mostraram boa aceitação do público, tanto que o Niacin, desde 1997 para cá, já lançou outros cinco discos de estúdio!

Esse primeiro disco do Niacin é um daqueles que você ouve quando procura algo com uma pegada mais forte, mais rock, mas ainda quer virtuosismo e elaboração musical por parte de seus membros, e uma decente qualidade musical. A gravação é bem feita, e soar um pouquinho ardida para alguns, mas bem boa em sistemas equilibrados, e tem boa energia, apesar de ser ligeiramente comprimida.

O nome da banda é tirado direto do nome dado à vitamina B3: niacina (em inglês, 'niacin'), que é um composto orgânico, que é o ácido nicotínico. E é também o modelo do mais famoso e usado, e valioso, de todos os órgãos: o Hammond B3, amplamente utilizado no jazz, blues e rock, entre vários outros gêneros musicais, há muitas e muitas décadas, e eximamente tocado no Niacin pelo americano Joe Novello - um músico de estúdio especialista no Hammond B3, e em vários tipos de teclados, que escreveu o que é considerada uma das bíblias da arte de tocar instrumentos de teclado, o livro *The Contemporary Keyboardist: Stylistic Etudes*, até hoje vendido na Amazon, e bem avaliado. Quando perguntaram à Novello qual é o tipo de som da banda, ele respondeu: "é uma banda de progressivo retrô fusion"!

Se a sonoridade do Niacin tem como figura central o Hammond B3, a banda em si tem como fundador o baixista Billy Sheehan, americano de Buffalo, no estado de Nova York, que começou sua carreira como integrante de uma banda local chamada Talas - que chegou a ser muito bem considerada. A fama veio como baixista da banda que David Lee Roth formou para seus discos solo, quando saiu do posto de vocalista do Van Halen e, depois, como integrante fundador do Mr. Big. Os leitores da revista americana *Guitar Player* elegeram Sheehan cinco vezes como Melhor Baixista de Rock. No Niacin ele toca baixo elétrico.

O terceiro membro do trio Niacin é o, também americano, Dennis Chambers, um baterista autodidata que, recém saído do colegial em 1978 entrou para a lendária superbanda de funk Parliament-Funkadelic, do produtor George Clinton. Depois, na década de 80, foi parte da banda do guitarrista de jazz John Scofield, além de

gravar e tocar ao vivo com luminares como George Duke, o baixista Victor Wooten, Carlos Santana, e os guitarristas John McLaughlin e Mike Stern.

O Niacin, recém formado, assinou e teve seus primeiros discos lançados pela Stretch Records, um selo fundado pelo pianista e bandleader de jazz Chick Corea. O selo queria promover “música sem limites”, e ao longo dos anos lançou discos de nomes como os baixistas de jazz Avishai Cohen e John Patitucci, e o baterista de jazz fusion Dave Weckl. A partir de 2000, o Niacin assinou com o selo Magna Carta - que também é o selo do excelente grupo Bozzio Levin Stevens, já citado algumas vezes aqui na revista.

Atenção especial deve ser dada às faixas *No Man's Land*, e *Pay Dirt*, entre outras.

Pode ser encontrado em: CD / Serviços de Streaming selecionados. Foi através do CD que eu conheci a banda, mas eu estava

ouvindo esta semana no streaming e está bem bom! Nada de vinil no horizonte, infelizmente...



OUÇA UM TRECHO DA FAIXA “NO MAN’S LAND”
NO YOUTUBE: [HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=UTAJOC3M5KE](https://www.youtube.com/watch?v=UTAJOC3M5KE)

QUALIDADE DE SOM



MUSICALIDADE



Niacin ▶

DISCOS DO MÊS



Jean-Michel Jarre - In Concert: Houston / Lyon (Polydor, 1987)

No final de 1986 - os mais novos não acreditarão nisso - a gente sabia o que tinha de interessante de séries, programas de TV e até sobre música, através da TV aberta: Globo, SBT, Manchete (precuradora da Rede TV), Bandeirantes, Gazeta e Cultura. E todo mundo assistia o Fantástico!

Nessa época, algum iluminado dentro da Globo comprou os direitos para exibição, em pleno domingo, do show *Rendez-Vous Houston: A City in Concert* - que é uma versão estendida da primeira metade do disco aqui em questão. Tinha acabado de sair o disco de estúdio *Rendez-Vous*, e quem era fã de Jarre (como eu) estava-o adquirindo em prensagem nacional nas lojas especializadas. Lembro que eu e meu amigo de infância, Fábio (igualmente fã de Jarre), assistimos o show com a cara grudada na telinha. Fato: na época foi uma das coisas mais grandiloquentes e impressionantes que eu já vi. Fato, também: hoje o show tem um visual e uma levada, em momentos, um pouco datado e brega - mas acho que isso acontece com a maioria dos shows.

A verdade é que o show, na telinha, não só garantiu grande audiência, como também aumentou exponencialmente a venda do LP *Rendez-Vous*, e fez a Globo comprar os direitos também da sequência do show ao vivo, *Rendez-Vous Lyon: Concert for the Pope*. No ano seguinte, sairia um dos mais bem gravados vinis de música não-audiófila da década de 80, chamado *In Concert: Houston/Lyon*. Como os agudos deste LP estão entre os melhores e mais limpos que eu ouvi na época, era frequentemente usado como disco de teste, por mim e por vários amigos. É um disco muito bem gravado, com uma sonoridade bem detalhada, bem arejada, descongestionada e com boa ambiência - mesmo em CD ou streaming.

Este é um daqueles discos para todos que curtiram o rock progressivo desde a década de 70, mas que também acompanharam - e apreciavam - os vários tecladistas das bandas progressivas e afins (a 'música de tecladeira', como diz um amigo meu baixista), assim como seus discos solo, e sempre se interessaram pelos trabalhos de nomes da onda mais 'elaborada' da música eletrônica, que vão desde Vangelis e Jean-Michel Jarre, até Tangerine Dream - passando por muitos outros expoentes europeus.

O disco (e show) *In Concert: Houston / Lyon* ainda carrega algo que eu considero interessante e extremamente digno de nota - que aconteceu nos shows ao vivo do Jarre desde a década de 70 até 90. Em seus discos de estúdio a música é totalmente composta e arranjada por ele, e geralmente é tocada somente por ele. Apenas na década de 80, com o álbum *Zoolook* de 84 e, depois, o *Rendez-Vous* em 86, é que ele trouxe músicos extras. No caso do *Rendez-Vous* de estúdio, três tecladistas e um saxofonista trabalham com ele (depois vim a descobrir que um dos tecladistas, Michel Geiss, colaborou em várias ocasiões na obra de Jarre, às vezes sem ser creditado), além do uso do coro da Radio France. Michel Geiss é um engenheiro de som e desenvolvedor de instrumentos musicais eletrônicos, que projetou o Digisequencer, amplamente utilizado por Jarre em vários álbuns.

Mas, mesmo tudo isso de músicos nesse disco de estúdio, não se compara à equipe montada para seus shows ao vivo, principalmente do Houston/Lyon em diante, e até boa parte da década de 90. Como esse show, apesar de ser da turnê do *Rendez-Vous*, traz faixas favoritas de outros quatro discos seus, é a melhor oportunidade possível de ouvir essas faixas sendo tocadas por um banda completa, trazendo muito mais riqueza tímbrica e musical ao arranjo.

Entre as cidades escolhidas para os shows, Houston, no estado americano do Texas, aconteceu porque a direção da Ópera de Houston contactou Jarre com ideias para a comemoração dos 150 anos do Estado do Texas e da cidade, e os 25 anos da NASA, a agência espacial americana. Depois de ter sido apresentado ao astronauta Ron McNair, ele e Jarre tiveram a ideia de uma composição que Jarre tocaria no show (*Last Rendez-Vous - Ron's Piece*), e McNair tocaria o sax e gravaria a performance no ônibus espacial Challenger, em órbita, e teria sua imagem projetada em uma tela gigante na lateral de um dos edifícios do centro de Houston, durante a apresentação da faixa, no show.

Com a explosão da Challenger durante a decolagem, o concerto quase foi cancelado, mas vários astronautas e pessoal da NASA pediram que Jarre desse continuidade à montagem do mesmo, como uma homenagem - que ocorreu dois meses depois, com muitos contratemplos. Entre eles a chuva, o excesso de barulho nos ensaios, equipamentos danificados, até problemas com a quantidade ▶

de energia elétrica consumida - que estava atrapalhando o trabalho do FBI em vigiar o Coronel Kadafi, da Líbia, que estava em visita à cidade - além de problemas com os fogos de artifício e o forte vento.

O resultado foi que, durante a faixa que teria o solo de saxofone do astronauta Ron McNair, fotos e vídeos seus foram mostrados no telão, enquanto o solo de sax era executado por Kirk Whalum. Por muitos anos esse concerto deteve o recorde de público para esse tipo de evento, com uma plateia que oscilou entre 1 milhão e 1,5 milhão de pessoas - chegando a constar no Livro Guinness dos Recordes durante muitos anos. Não se sabe se o público incluiu o Kadafi, ou não. Mas o próprio Jarre faria um concerto performático anos depois, em Moscou, para uma plateia de 3,5 milhões de rusos, desbancando seu próprio recorde.

O show em Houston foi em 5 de abril de 1986, e em 5 de outubro do mesmo ano, também como turnê do disco *Rendez-Vous*, houve o *Rendez-Vous Lyon: Concert for the Pope* (cujos excertos compõem o lado B do disco aqui sugerido). Lyon é a cidade natal de Jean-Michel Jarre, e o show foi uma espécie de boas-vindas da cidade à visita do Papa João Paulo II, com um show de luzes e um palco digno de qualquer outro concerto do músico francês - para um público de aproximadamente 800 mil pessoas.

Diz a história, inclusive, que as autoridades da cidade de Lyon estavam apreensivas com a visita do Papa, por causa de uma antiga previsão de Nostradamus que dizia que um papa seria assassinado em uma cidade francesa cruzada por dois rios. A segurança foi dobrada, e não houve nenhum problema.

Os concertos de Houston e Lyon tiveram praticamente os mesmos músicos em sua apresentação, diferindo apenas que, em Houston, os coros usados foram da High School for the Performing and Visual Arts, e os Singing Boys of Houston. E em Lyon o coro que se apresentou foi o La Cigale De Lyon, com a L'Orchestre National de Lyon. Os músicos no palco foram: Jean Michel Jarre (teclados e laser harp), com Michel Geiss, Sylvain Durand, Dominique Perrier, Francis Rimbart e Pascal Lebourg, todos nos teclados e sintetizadores. Também estavam: Jo Hammer na bateria, Guy Delacroix no baixo, Dino Lumbroso na percussão, Kirk Whalum no sax alto, e a soprano Christine Durand.

O disco chama-se *In Concert: Houston / Lyon*, lançado em vinil e CD em 1987, mas anos depois houve uma nova prensagem em CD (e streaming) chamada *Cities In Concert Houston Lyon*.

Jean-Michel André Jarre nasceu em 1948 em Lyon, na França, e foi criado pela mãe e pelos avós, aprendendo piano desde criança, com várias influências musicais, sendo que até tocou guitarra em uma banda de rock. Mas sua maior influência foi o musicólogo francês Pierre Schaeffer, pioneiro da manipulação eletrônica de sons e

efeitos em um tipo de composição chamado de musique concrète - e daí nasceu toda sua experimentação com sintetizadores e teclados. O estilo musical de Jarre que mais me agrada prevaleceu principalmente entre seu início com o disco *Oxygène*, de 1976, até mais ou menos a década de 90. Depois Jarre acabou por se reinventar um pouco, passando a encampar estilos como ambient, trance e techno - com algumas excelentes 'recaídas', como o disco *Equinoxe Infinity*, de 2018, e as continuações do *Oxygène*. Jarre é filho do compositor de trilhas francês Maurice Jarre, famoso e prolífico em Hollywood, mas teve pouco contato com o pai durante sua vida.

Apesar de toda a busca de reinvenção - que não me agradou musicalmente - considero o Jean-Michel Jarre como um excelente músico e compositor, ou 'conceptualizador' de música, proporcionando numerosos excelentes álbuns, em minha opinião. A persona de mestre de cerimônias de shows grandiloquentes e altamente luminosos - que não acho que combine muito com a pessoa dele que transparece em documentários e entrevistas - valeu uma alcunha, habilmente proferida por uma amiga minha, décadas atrás, de: "Liberace Cibernético". E eu ainda rio disso, mesmo hoje... rrsrsrs...

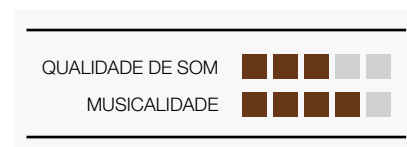
In Concert: Houston / Lyon, foi gravado e mixado em um gravador digital de fita magnética Otari de 32 canais, modelo DTR-900, pelo engenheiro de gravação francês Denis Vanzetto - que foi quem gravou vários discos de Jarre, tanto de estúdio quanto ao vivo, entre as décadas de 80 e 90.

Destaque para as faixas *Rendez-Vous II*, e *Magnetic Fields I* - muito boas, em um disco que vale a pena ser ouvido 'quase' inteiro (a meio 'festiva' *Rendez-Vous IV*, consta como última faixa do lado B, e pode ser facilmente ignorada, por quem assim o quiser).

Pode ser encontrado em: CD / Vinil / Serviços de streaming selecionados. No streaming está muito bem transferido, e eu curti muito ouvir - e o CD é muito fácil de achar, porque vendeu um bocadinho em vários lugares do mundo. O vinil nacional é bem bom, mas em um vinil importado, americano ou europeu, fica clara melhor masterização e prensagem. E, claro, é um LP que existe em prensagem japonesa - e adquira uma quem puder!



OUÇA UM TRECHO DA FAIXA "RENDEZ-VOUS II"
NO YOUTUBE: [HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/
WATCH?V=PC838YQA8UC](https://www.youtube.com/watch?v=PC838YQA8UC)



DISCOS DO MÊS



Jean-Michel Jarre



Respighi: Quartetto Dorico - Quartetto d'Archi di Venezia (Dynamic, 2000)

Quando penso em quartetos de cordas, lembro-me do saudoso amigo Marcelo Jaffé, que entre outras peripécias musicais e

educacionais, é violista do Quarteto de Cordas da Cidade São Paulo, o quarteto vinculado ao Theatro Municipal e à Orquestra Sinfônica Municipal de São Paulo. Muito expandi meu contato com o repertório de quartetos de cordas assistindo um sem número de apresentações do Quarteto. Assim como aprendi muito sobre a matéria, com minhas longuíssimas conversas com o Marcelo, um educador nato! Como a minha memória tem ficado mais fraca, não me lembro de ter assistido eles tocarem quartetos de Respighi - mas posso estar errado, claro.

A não ser que eu ouça alguma obra específica que me despertou interesse, de algum compositor erudito com cuja obra eu não esteja familiarizado, vou procurar primeiro obras sinfônicas, depois quartetos de cordas, depois concertos para piano - por ordem de preferência. Mas, estranhamente, mesmo conhecendo, estando familiarizado, tendo em minha discoteca obras de Respighi, nunca havia me preocupado em ver se ele tinha quartetos de cordas - e foi aí que eu topei com este disco, tocado inclusive por seus conterrâneos, o Quarteto de Cordas de Veneza, ou Venice String Quartet, ou, melhor ainda, Quartetto d'Archi di Venezia!

Esse é um disco para fãs de música clássica, para apreciadores de música de câmara, e especialmente para os que curtem muito o gênero específico do quarteto de cordas - que para mim traz uma riqueza musical impressionante em sua estrutura e forma que é, enganosamente, simplificada, além de exigirem tremendamente dos músicos e permitir que o melômano 'visualize' a sonoridade de cada um dos quatro instrumentos (dois violinos, viola e cello) com extrema clareza, assim como deixa o músico desnudado em sua capacidade técnica e expressiva. Quase que dá pra 'ver' da Lua, junto com a Muralha da China, se o músico cometer um erro ou for desleixado. Somente grandes músicos, e um grupo com boa sinergia musical, podem resultar em um grande quarteto.

A gravação deste disco é um tanto difusa no foco, mas com boas texturas e excelente ambiência. É de um selo independente italiano, de Gênova, de pequeno repertório em matéria de discos - ainda - e que eu nunca ouvi falar, chamado Dynamic, mas que parece ser especializado mesmo é em DVDs de ópera.

Quando se pensa em compositores clássicos italianos, a primeira coisa que vem à cabeça são os mestres da ópera, como Verdi, Puccini, Rossini, entre outros - sendo estes principalmente da segunda metade do século 19, do período cultural do Romantismo. Já Ottorino Respighi nasceu em 1879, em Bolonha, de uma família com propensões artísticas, com escultores pelo lado de sua mãe, um avô organista e um pai pianista que lhe incentivou totalmente suas aptidões e interesses musicais, os quais passou a demonstrar após os 8 anos de idade, com aulas de violino e piano, e aprendendo sozinho a tocar os *Estudos Sinfônicos* de Schumann. Sua natural aptidão o permitiu aprender vários instrumentos, como a harpa, que dizem ter aprendido a tocar em questão de dias. Em 1891, entrou para o Liceo Musicale di Bologna, onde estudou violino e viola e, quatro anos depois, composição.

Durante seus anos escolares, Respighi tinha como passatempo o estudo informal de línguas, tornando-se bastante fluente em 11 delas, aprofundando-se em suas literaturas e culturas. Em 1900 tornou-se spalla das violas da temporada de óperas da Orquestra do Teatro Imperial Russo, em São Petersburgo - onde fez amizade e teve aulas com o famoso compositor Rimsky-Korsakov - que ajudou a supervisionar a obra que Respighi mostrou em sua conclusão do curso de composição, no Liceo, em Bolonha, recebendo o maior dos cumprimentos de seu professor Giuseppe Martucci: "Respighi não é um aluno, Respighi é um mestre!".

A carreira de Respighi compreende ser primeiro violino do Mugellini Quintet, compor óperas, fazer transcrições para voz e orquestra de obras de Monteverdi, trabalhar como pianista acompanhando cantoras líricas, dar aulas de composição, entre várias outras atividades. Com o amadurecimento de suas composições,

e como resultado de suas viagens, ele queria modernizar a música italiana, e em 1917 estreou o primeiro de seus poemas sinfônicos: *Fontane di Roma* - que, junto com *Pini di Roma* e *Feste Romane*, tornariam-se a *Trilogia Romana*, os trabalhos pelos quais Respighi seria reconhecido mundialmente, até hoje.

Claro que Respighi, além de obras operísticas, transcrições, e da *Trilogia Romana*, tem uma longa lista de composições, com muitas obras para canto, de música de câmara, vários poemas sinfônicos e suítes orquestrais, e balés. O disco aqui sugerido traz dois de seus mais famosos quartetos: o *Quarteto de Cordas em Ré Menor* (1909) - que mostra uma influência germânica, comum à época - e o *Quartetto Dorico* (1924) - uma obra mais madura, que mostra influências de sua amizade com Rimsky-Korsakov, e o conhecimento das obras de Stravinsky e do impressionismo francês de Debussy e Ravel, sendo que estes últimos são latentes na *Trilogia Romana*, por exemplo. São, na verdade, duas de suas obras para quarteto de cordas mais gravadas, e ainda assim é uma das partes menos exploradas e conhecidas de sua obra. Alguns críticos afirmam que



Ottorino Respighi

DISCOS DO MÊS



Quartetto d'archi di Venezia

Respighi não se sentia confortável com a forma e linguagem de música de câmara, mas seu trabalho foi extenso nessa área, além dele mesmo ter começado profissionalmente em um quinteto de música de câmara. Ou seja, vale conhecer, e é um trabalho bonito!

Com uma discografia de mais de vinte discos, gravados para selos como a Naxos, a Decca e, principalmente, o conterrâneo Dynamic, o Quartetto d'Archi di Venezia já tocou até pro Papa! rrsrrsrs... Pensando bem, capaz de todos os grupos italianos bem sucedidos de música erudita já terem tocado para o Papa (neste caso, o João Paulo II), então seria o mesmo que dizer que eles têm afinidade com um bom macarrão. O grupo também já fez turnês para países como os EUA, Canadá, Taiwan, Japão, Coreia, Brasil, Uruguai, Argentina e, claro, vários países da Europa, além de já terem sido indicados para um prêmio Grammy.

Ativos desde a década de 80 até hoje, o Quartetto é composto pelos violinistas Andrea Vio e Alberto Battiston, o violista Luca Morassutti, e o cellista Angelo Zanin, e têm um repertório que vai bastante além da música de câmara italiana, com obras de compositores como Brahms, Bartok, Saint-Saens, Schubert, Hindemith,

Shostakovich, entre outros, que os garantiu boas críticas de periódicos de vários lugares do mundo.

O destaque especial vai para a primeira faixa, o *Quartetto Dorico*.

Pode ser encontrado em: CD / Serviços de Streaming selecionados. Até onde eu sei, é só por aí mesmo. O CD é europeu, de uma tiragem pequena, mas o que está no streaming está muito bom. Mas nada, nada de vinil. ■



OUÇA UM TRECHO DO "QUARTETTO DORICO"
NO YOUTUBE: [HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/
WATCH?V=JVNUQ5B2E7C](https://www.youtube.com/watch?v=JVNUQ5B2E7C)

QUALIDADE DE SOM ■■■■■
MUSICALIDADE ■■■■■

SEU GUIA DE FONES DEFINITIVO

UMA EVOLUÇÃO CONSTANTE

FONE DE OUVIDO SENNHEISER HD 660S



E MAIS

NOVIDADES DE MERCADO

GRANDES NOVIDADES DAS
PRINCIPAIS MARCAS DO
MERCADO

GUIA DE REFERÊNCIA

CONFIRA TODOS OS FONES
JÁ TESTADOS PELA AVMAG

USE E ABUSE



FAÇA O DOWNLOAD GRATUITO DESTE CD EM NOSSO WEBSITE,
E UTILIZE-O PARA AVALIAR SEU FONE E EM FUTUROS UPGRADES.



AUDIOFONE

WWW.CLUBEDOAUDIO.COM.BR/CDETESTE4

EDITORA
AMMAG

ÍNDICE



FONE DE OUVIDO SENNHEISER HD 660S

56

E EDITORIAL 50

Por que são tão diferentes as conclusões sobre um mesmo fone?

NOVIDADES 52

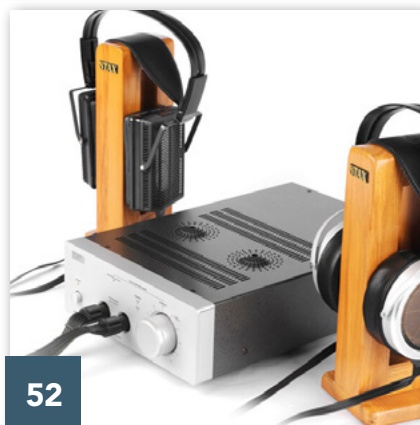
Grandes novidades das principais marcas do mercado

TESTES DE ÁUDIO

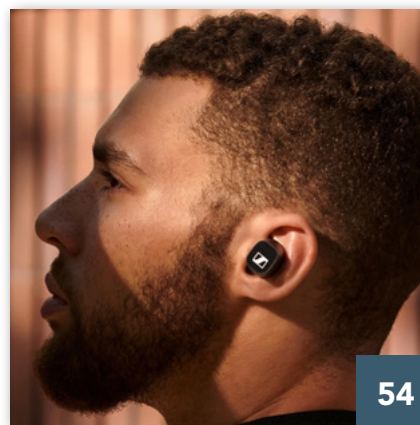
56
Fone de ouvido
Sennheiser HD 660S

RELAÇÃO DE FONES/DACS 62

Relacionamos todos os fones e amplificadores/DACs de fones que já foram publicados na *Áudio e Vídeo Magazine*



52



54



Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

POR QUE SÃO TÃO DIFERENTES AS CONCLUSÕES SOBRE UM MESMO FONE?

Essa pergunta me foi feita pela leitora Lais Ramos, que interessada em dar um fone de ouvido de qualidade para o seu marido, começou a ler a Audiofone e vários canais dedicados, e me confessou que ficou ainda mais confusa com as opiniões tão “divergentes”! Expliquei a ela que também ficaria, pois os critérios são muito “subjetivos”, levando a conclusões muitas vezes antagônicas. Aí ela me fez a pergunta óbvia, em um segundo e-mail: “em quem confiar então?”. Em quem tenha uma Metodologia e possa repetir o teste infinitamente com os mesmos resultados, respondi. E que os critérios estabelecidos para a análise possam também ser utilizados pelo leitor, pois o objetivo é que o consumidor, depois de entender o que ele tem que “avaliar” para escolher seu fone, ande com suas próprias pernas. O passo seguinte foi mostrar a ela como usar o CD que disponibilizamos em nosso site para ser usado na avaliação de qualquer fone, e aí ela compreendeu que existem critérios que, se seguidos corretamente, tornarão a escolha muito mais segura e prazerosa. Passamos este “sufoco” aqui e na *Áudio & Vídeo Magazine* todos os meses, pois sempre ocorre de muitas vezes nossas observações não baterem com a de muitos outros revisores de áudio. Mas tenho que confessar que no caso de fones a situação é muito mais “dramática”, pois as conclusões muitas vezes são opostas às de outros veículos.

Este mês, por exemplo, no teste do fone HD 660S, discordamos integralmente das conclusões de dois revisores quanto ao equilíbrio tonal geral e, principalmente, em relação às duas pontas (graves e agudos). Eu já levantei a origem deste problema em diversos artigos, mas acho que vale a pena voltar ao assunto. Um dos revisores tem a brilhante ideia de avaliar os fones detectando os problemas que ele julga existir e, depois, oferece um gráfico com a curva de equalização que ele acredita ser o ideal para “corrigir” os defeitos do fone avaliado! Um outro, que também discordamos na totalidade, utiliza músicas eletrônicas e sempre reclama que a maioria dos fones falta “sub grave”! E se olharmos o equipamento que grande parte dos revisores críticos utilizam, muitas vezes eles estão muito abaixo da qualidade dos fones testados. Claro que o leigo terá dificuldade de observar nas “entrelinhas” os motivos para tantas conclusões opostas, mas o nosso “novo” leitor já deve estar começando a entender o quanto é importante haver critério e Metodologia. Pois sem essa “base” é tudo puro chute, ou pior, apenas uma questão de gosto pessoal!

Espero que você aprecie esta nova edição encartada na mais antiga revista de áudio e vídeo da América Latina.


E saiba que todo o nosso expertise adquirido com a *Áudio & Vídeo* está sendo também utilizado aqui. Para lhe dar “segurança” em todo novo upgrade que você for realizar! ■



Razão e Sensibilidade

GRADO



 DISTRIBUIÇÃO OFICIAL

fernando@kwhifi.com.br - (48) 3236.3385
(48) 98418.2801 - (11) 95442.0855

www.kwhifi.com.br



A EDIFIER TRAZ AO BRASIL OS FONES HIGH-END DA STAX



A Edifier Brasil, empresa do segmento de fones de ouvido bluetooth e caixas acústicas para monitoração, conhecidos pelo custo benefício, traz a sua primeira marca de luxo para o mercado brasileiro.

A STAX foi fundada em 1938, no Japão, e em 1959 desenvolveu o primeiro fone de ouvido com tecnologia eletrostática: o lendário SR-1, lançado logo no ano seguinte. A empresa dá continuidade à sua tradição com uma linha de fones premium para aplicações profissionais e audiófilas, denominados “earspeakers” - algo como “caixas acústicas de ouvido”, que ressaltam sua ultra alta fidelidade que pode ser comparada a alto falantes tradicionais high-end.

Ao contrário dos fones de ouvido eletrodinâmicos, que funcionam a partir da energia armazenada nos seus ímãs, os fones eletrostáticos são energizados com tensões de até 600V por pré-amplificadores, que com os quais compõem conjuntos de reprodução eletrônica de alta qualidade.

Outra diferença essencial está na massa desprezível de seus diafragmas - na verdade superfícies em material composto delgado

dopado por metais nobres, cuja velocidade de resposta reproduz os transientes sonoros mais sutis. Por analogia, se um falante eletrodinâmico ‘atinge’ 0 a 100 km/h em 5 segundos, os eletrostáticos conseguem ‘atingir’ essa marca em menos de 1,5 segundos. Ou seja, os fones eletrostáticos são os ‘Fórmula 1’ dos fones de ouvido.

A Edifier Brasil disponibilizou três kits com fones e pré-amplificadores: um de entrada com o fone SR-L500 MKII e o pré SRM-D10 (R\$ 11.999), um intermediário com o SR-L700 MKII e o pré SRM-353X (R\$ 19.999) e, finalmente, o premium com o SR-009S e o SRM-700T (R\$ 59.999).

Para conhecer fones especiais, é necessário agendar um horário pelo (11) 5033-5100 ou pelo e-mail: contato@staxaudio.com.br. ■

Para mais informações:
Edifier
www.edifier.com.br

JBL ENDURANCE PEAK II ALIA SOM POTENTE, CONFORTO E PRATICIDADE PARA LIBERAR O POTENCIAL DOS ESPORTISTAS



Segunda geração da linha JBL Endurance Peak amplia autonomia da bateria e agrega novos recursos exclusivos da marca aos fones de ouvido.

A JBL lançou no mercado brasileiro seu mais novo fone de ouvido esportivo para liberar todo o potencial atlético dos consumidores: o JBL Endurance Peak II. A novidade conta com até 30 horas de reprodução combinada livre de fios, tecnologia Dual Connect e entrada USB-C, além do JBL Pure Bass para estimular os treinos no dia a dia. Com um design de ponta, à prova d'água e uma série de recursos exclusivos da marca, o produto proporciona o máximo conforto e uma conectividade impecável.

Este lançamento possui Bluetooth 5.0 e uma bateria com capacidade para até 30 horas de reprodução combinada (sendo seis horas nos fones e mais 24 horas de backup no estojo de carregamento). Com drivers dinâmicos de 10mm e a tecnologia JBL Pure Bass, o JBL Endurance Peak II oferece graves precisos e potentes para envolver os usuários em suas playlists favoritas.

Praticidade é um dos conceitos que norteiam este lançamento, pensando em otimizar ao máximo os treinos cotidianos. Graças ao recurso Fast Pair, os fones são prontamente emparelhados ao dispositivo Android com um único toque, assim que o estojo de carregamento é aberto. Outra novidade que chega à família JBL Endurance Peak nesta segunda geração é a Tecnologia Dual

Connect, possibilitando que os dois fones (direito e esquerdo) sejam utilizados individualmente para atender chamadas, ajustar o volume ou acionar o assistente de voz. Por meio de controles intuitivos o usuário ainda efetua com facilidade suas ligações telefônicas em viva-voz.

O design de ponta também se faz presente neste lançamento. O ajuste ergonômico e a classificação IPX7, à prova de água e suor, permitem que os consumidores se exercitem por mais tempo e com maior dedicação, independente do ambiente ou da previsão do tempo. Já o design Powerhook proporciona um gancho dobrável, que permite ajustar o modelo de acordo com as preferências de cada um, além de ligar e desligar automaticamente o fone quando ele é colocado ou retirado da orelha.

Disponível no Brasil, na cor preta, o JBL Endurance Peak II está na loja online da marca. ■

Preço sugerido: R\$749.

Para mais informações:

JBL

<https://www.jbl.com.br/fone-de-ouvido-true-wireless/ENDURANCE+PEAK+II-.html>

A SENNHEISER VENDEU SEU NEGÓCIO DE ÁUDIO AO CONSUMIDOR



A Sennheiser vendeu sua divisão de áudio para consumidores. O negócio - que fabrica fones de ouvido, soundbars e DACs - foi adquirido por uma empresa de audição médica, com sede na Suíça, chamada Sonova Holding AG, especializada em aparelhos auditivos e implantes cocleares.

No início do ano, a Sennheiser anunciou que estava procurando um comprador, um 'parceiro' para essa parte de seu negócio, então já era algo que o mercado sabia que ia acontecer.

O negócio deve ser concluído até o final do ano. Felizmente, ainda veremos mais produtos Sennheiser, pois as duas empresas trabalharão juntas para fabricar dispositivos de consumo sob a marca Sennheiser.

"Uma cooperação permanente está planejada sob o guarda-chuva da marca Sennheiser, para continuar oferecendo aos clientes da Sennheiser soluções de áudio de primeira classe, no futuro", diz a declaração das empresas. Eles também concordaram com um contrato de licença para uso futuro da marca Sennheiser.

Os co-CEOs da marca ficaram entusiasmados com a mudança, sugerindo que ela poderia abrir mais oportunidades para aparelhos auditivos habilitados para fala da Sennheiser, e para fones de ouvido sem fio e também outros verdadeiramente audiófilos.

A Sennheiser opera há mais de 75 anos, com destaques mais recentes para os fones de ouvido sem fio CX 400BT, os Momentum True Wireless 2, e os fones com fio HD 560S, além da marca trazer também a premiada soundbar Ambeo. Outro lado bom é que a Sennheiser continua produzindo microfones e outros para uso profissional - setor que não está incluso no negócio com a Sonova. ■

Para mais informações:
Sennheiser
<https://pt-br.sennheiser.com/cx-400>

JBL FREE II TRAZ O SOM LIVRE DE FIOS E COM DESIGN INTUITIVO



O JBL Free II já está disponível no mercado brasileiro, aprimorando a família de fones de ouvido True Wireless (TWS) da marca. O modelo foi projetado para quem leva um dia a dia ativo, com um design prático e intuitivo para realizar chamadas e ouvir músicas. Este lançamento é a evolução do JBL Free X, qualificando a conectividade Bluetooth e trazendo novos recursos voltados à praticidade do usuário.

Totalmente livre de fios e fácil de usar, o JBL Free II possui Bluetooth 5.0 para uma conexão impecável. Esta novidade reproduz um som envolvente, com drivers dinâmicos de 5,6mm, por até 24 horas combinadas - sendo 6h nos fones e outras 18h com o backup no estojo de carregamento. Além disso, traz um botão intuitivo para atender ligações, inclusive com a opção viva-voz, e a possibilidade de prática alternância entre os modos mono e estéreo.

Uma das novidades que chega por meio deste lançamento na linha JBL Free é a tecnologia Dual Connect, fazendo com que os fones (direito e esquerdo) possam funcionar de maneira independente - sendo possível recarregar um enquanto usa o outro, por exemplo. Também visando a máxima conveniência do consumidor,

o modelo conta com o recurso FastPair, para emparelhar os fones em dispositivos Android 6.0 em apenas um toque, no momento em que o estojo de carregamento é aberto.

O produto traz a tecnologia em ergonomia para garantir um encaixe seguro e confortável, além de ser resistente a respingos d'água com a classificação IPX4. Os fones vêm acompanhados de três tamanhos de ponteiros auriculares para que cada pessoa possa encontrar seu melhor ajuste. Todos estes recursos ainda são combinados ao visual discreto e elegante.

Disponível nas cores branco e preto, o JBL Free II já está disponível no Brasil. Mais informações na loja online da marca. ■

Preço sugerido: R\$ 599.

Para mais informações:
JBL

<https://www.jbl.com.br/fone-de-ouvido-true-wireless/FREE+II-.html>

TESTE
1
FONE



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=N0AALH3NARU](https://www.youtube.com/watch?v=N0AALH3NARU)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=XIYAOKD55QQ](https://www.youtube.com/watch?v=XIYAOKD55QQ)



FONE DE OUVIDO SENNHEISER HD 660S

XX Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

Introduzir um novo modelo em uma série que é uma referência no mercado de áudio hi-end, como foi por uma década com os modelos HD 600 e HD 650, é um desafio e tanto.

Mas a Sennheiser sabe muito bem o que faz, e sentiu em 2017 que estava na hora de mostrar que os avanços obtidos no HD 800 deveriam ser também oferecidos em uma nova geração da série 600.

Tive o HD 650 por um bom par de anos, antes de ir para o HD 800, e sentia que a distância entre ambos era muito grande (o que dirá então para o HD 600). Mas, ainda assim, o DNA Sennheiser fica evidente em ambos com algumas horas de audição com um bom amplificador de fone.

O interessante da série 600 é que, ou o audiófilo ama sua sonoridade e construção, ou a abomina. Raramente presenciei, com outros fones, posições tão “demarcadas”. O que eu sempre questioneei aos que nunca deram uma “boa chance” para a série 600,

é que não dá para querer os benefícios e a qualidade da série 800 pelo preço que custa a linha 600.

Esqueça “preço Brasil”, em que tudo é exorbitantemente fora da realidade. O produto em teste custa menos de 500 dólares lá fora, e aqui no Mercado Livre é vendido acima de 4000 reais! Como diria o Caetano Veloso: “Alguma coisa está fora da ordem”. E está mesmo, ou melhor, sempre esteve, e enquanto este país for fechado ao mundo (não precisa ter uma reserva de mercado, basta ter alíquotas exorbitantes) para fazer o trabalho sujo e ainda assim não ser criticado pela OMC (Organização Mundial do Comércio).

Não sei se viverei para ver este país ter alíquotas de importação justas, para se acabar de vez com o contrabando e as falsificações indecentes vendidas nos camelôs das cidades.

Mas esse não é o meu trabalho, então voltemos ao HD 660S, em termos estéticos as mudanças foram bastante pontuais. Continua sendo um fone confortável, com quase toda estrutura de plástico ▶



(mas que nunca tive nenhum problema de trinca ou quebra de alguma parte). Aos que atacam ele ser de plástico, gostaria de lembrar que este é um dos motivos dele ser leve e permitir audições mais prolongadas.

Como todo fone, os cuidados precisam ser redobrados com relação à almofada, pois de tempos em tempos será preciso trocá-las (principalmente os que vivem deixando o HD 660S, pegando sol ou fora de sua embalagem).

Li também que muitos consumidores reclamam que o cabos de 3 metros ser difícil de colocar de novo na embalagem (um consumidor até usou o termo “rebelde” para reclamar do cabo), e pensei com os meus botões: se este consumidor um dia tiver um fone Grado, ele enlouquece, rs).

Outras reclamações dos “orelhudos” é que o diâmetro da espuma poderia ser maior para que parte das orelhas não fiquem sobrando para fora. Eu fiquei olhando as espumas do HD 660S e achei que para isso ocorrer a orelha terá que ser realmente grande!

O HD 660S vem com dois cabos, um com a terminação de 1/4, e o outro é um cabo 4,4 mm balanceado. No pacote a Sennheiser também inclui um adaptador de 1/4 para cabo de 3,5 mm. Segundo o fabricante, a impedância é de 150 Ohms e a sensibilidade de 104 dB, e resposta de 10 Hz a 41 kHz.

A única mudança visual digna de nota é que saiu o cinza chumbo da série 600, e agora o preto fosco é que irá prevalecer.

Para o teste, utilizamos nosso amplificador de fone que está incluso no pré de linha do Nagra Classic. O fone já veio integralmente amaciado, com mais de 500 horas de uso. O que nos facilitou enormemente, pois só tivemos o trabalho de selecionar as faixas para avaliação de cada um dos quesitos da Metodologia.

Por ser um fone aberto, é sempre importante o usuário levar em conta o ambiente à sua volta, pois ele pode realmente incomodar as pessoas à volta! Então, se este for seu caso, pense nas consequências na calada da noite enquanto os outros dormem, o volume que você irá utilizar para escutar suas músicas. ▶

Uma reclamação recorrente que sempre escutei na série 600 era ter pouco grave. E tenho que concordar que no HD 600 esta limitação era mais evidente, que no HD 650 melhorou “sutilmente”. E agora no HD 660S?

Bem, se o amigo for um rato de informação como eu, e ler quatro a cinco testes, ficará mais confuso que bêbado no cemitério! Pois li resenhas desancando os graves e revisões elogiando os graves do HD 660S. Em quem acreditar? Quem tem maior credibilidade e conhecimento para dizer se tem ou se falta? Eu só posso lhe dizer como eu separei o “joio do trigo”: vejo atentamente os equipamentos que o revisor tem ou usou, e principalmente as músicas utilizadas para a avaliação auditiva. Aí eu consigo ter um norte razoável.

Um dos caras que desancou os graves, teve a sutileza de afirmar que “falta sub grave” no fone! UAU! Imagino quais sejam seus fones de referência para avaliar graves, pois se me oferecerem um fone que reproduz “subgraves” eu nem coloco na cabeça!

Outro escreveu que os graves eram tímidos e sem dinâmica. Aí fui olhar a lista de discos dos dois “formadores de opinião”, e fui ouvir suas referências. O do sub grave utiliza gravações eletrônicas e o famoso “bate estaca” em todas as gravações citadas. Ele jamais deveria perder seu tempo com um fone Sennheiser. E o outro é um pouco mais “comedido”, mas suas referências pop são altamente turbinadas e comprimidas.

Detalhe: ambos também criticaram os agudos, afirmando que falta “brilho” e “clareza”! Bem, meu amigo, se estes são os caras que irão lhe orientar na compra só seu futuro fone, não leia mais uma linha deste teste, pois tudo que observei vai na contramão do que eles observaram e escreveram.

Os graves não são de um HD 800, ou de um Classic Meze. Mas são melhores que as versões da série 600 anteriores, com uma melhor extensão e sustentação (principalmente na reprodução de órgão de tubo, que deixou nítido esta melhora) e mais peso e definição a partir dos 60Hz, que é onde se define o médio-grave no primeiro, segundo e terceiro harmônico!

Com isso, o HD 660S deu um passo significativo à frente.

Os médios, como em todos os fones da série HD 600, são excelentes. Transparência, recuperação de micro detalhes, planos e uma facilidade de organizar os naipes de forma magistral.

O amigo leitor quer saber quanto os médios de seu fone de ouvido são bons? Ouça corais à capela bem gravados, sejam os grandes corais russos ou de música sacra. Nos crescendos é que o bicho pega. Se seu fone separar os naipes com precisão, possibilitando acompanhar todas as vozes sem perder o todo, creia que seu fone passará em qualquer teste.

E os agudos que os revisores citados disseram que faltava “brilho”, felizmente estão certíssimos! Esta “falta de brilho” é que faz do HD 660S um fone com excelente equilíbrio tonal nas altas. O amigo poderá ouvir flautins, pratos, trompete com surdina, pianos, violinos com o melhor conforto auditivo possível!

Também ouvi críticas à dinâmica do fone. Não sei o que os críticos imaginam ser uma boa dinâmica para um fone hi-end, mas eu diria que o HD 660S cumpre com méritos as passagens do forte para o fortíssimo como todos os bons fones hi-end desta categoria.

E outra crítica que li (esta por mais de um revisor) é que o soundstage não é bom! Bem, aqui somos a única revista que aboliu este quesito da Metodologia de fones, pois em fone nenhum o soundstage é bom. Desculpem, a música não foi gravada para tocar em volta da nossa cabeça, ou o cantor aparecer na ponta do meu nariz. Essa discussão eu já tinha na revista Audio News, quando fui convidado para ser jurado do primeiro campeonato de som automotivo hi-end no Brasil. Foi tão constrangedor dar nota para um item que não existe nos carros que jurei a mim mesmo, nunca mais passar por aquilo!

Fone de ouvido é a mesma coisa. O soundstage necessita de arejamento, espaço, corpo harmônico, silêncio em volta de cada instrumento. Isso não existe nem na acústica de um carro e muito menos em um fone de ouvido!



CONCLUSÃO

O HD 660S é um passo muito consistente à frente em sua série. Em um nicho tão disputado como o de fones na faixa de 500 dólares, muitas concessões tiveram que ser feitas em termos de acabamento e tecnologia.

Mas o importante, na minha opinião, é que algumas limitações foram resolvidas e o colocam mais perto da série 800 que todos os seus antecessores.

E isso é bom? Para quem busca um fone de ouvido hi-end nesta faixa de preço, certamente que sim.

E o que mais prezo neste avanço que o aproximou do HD 800, foi seu conforto auditivo! Algo tão essencial e tão relegado a segundo plano, por quem nunca ouviu um fone hi-end equilibrado.

Se o sujeito quer furar os tímpanos e perder sua audição aos 40 anos, existem baciada de opções para lhe deixar surdo! Mas se o sujeito quer apenas ouvir suas músicas com conforto e prazer, o HD 660S faz parte deste grupo, que felizmente ainda é significativo.

Então, meu amigo, se é um fone desse “perfil” que estás procurando, escute-o com a atenção que ele merece. ■

ESPECIFICAÇÕES

Tipo	Dinâmico / Over-ear
Tipo de fone de ouvido	Aberto
Cabo destacável	Sim
Cor principal	Preto
Material	Velour
Resistência	150 Ohms
Resposta de frequência	10 a 41.000 Hz
Distorção harmônica	<0,04%
Pressão sonora (SPL)	104 dB
Garantia	12 meses
Plugue	3.5 + adaptador 6.3 mm
Peso	260 g

PONTOS POSITIVOS

Um fone hi-end de entrada muito bem planejado.

PONTOS NEGATIVOS

Por ser um fone tipo aberto, necessita de cuidados na regulação de volume para não incomodar as pessoas em volta.

FONE DE OUVIDO SENNHEISER HD 660S

Conforto Auditivo	8,0
Ergonomia / Construção	8,0
Equilíbrio Tonal	9,0
Textura	9,0
Transientes	10,0
Dinâmica	9,0
Organicidade	9,0
Musicalidade	9,0
Total	71,0

VOCAL	████████████████████
ROCK . POP	████████████████████
JAZZ . BLUES	████████████████████
MÚSICA DE CÂMARA	████████████████████
SINFÔNICA	██████████████████

Sennheiser
(11) 3136.0171
R\$ 4.071

OURO
REFERÊNCIA





Novo album piano solo
Dedicado à obra de
Noel Rosa

Já disponível nas
plataformas digitais.

Arquivos originais em
24/96 disponíveis
para venda exclusiva
através do site.

Lançamento
Janeiro 2020

“Foi na noite do dia 19 de outubro de 2019 que este álbum foi integralmente gravado, num só fôlego. Minha vontade foi mesmo criar um som intimista, noturno, aconchegante e lento. Abri o songbook Noel Rosa e comecei a gravar algumas canções, na ordem (alfabética) em que se apresentam. O repertório parecia já saber o que me pedir como pianista. Assim, neste álbum, apresento as músicas na ordem em que as gravei. O que ouvimos aqui é o lume daquela irrepetível noite que me antecipava uma aurora de sonhos e galáxias que dançam ao som de Noel Rosa.”

André Mehmani

Música Brasileira de excelência produzida hoje.

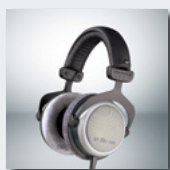
Conheça os lançamentos do selo Estúdio Monteverdi

<http://www.andremehmani.com.br/loja-shop>



ESTÚDIO Monteverdi

RELAÇÃO DE FONES/DACS PUBLICADOS

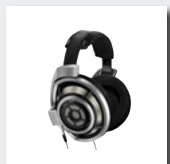


FONE DE OUVIDO BEYERDYNAMIC DT880 PRO

Edição: 167
Nota: Primeiras Impressões
Importador/Distribuidor: Playtech



OURO REFERÊNCIA

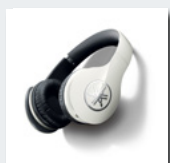


FONE DE OUVIDO SENNHEISER HD800

Edição: 175
Nota: 85
Importador/Distribuidor: Sennheiser



ESTADO DA ARTE

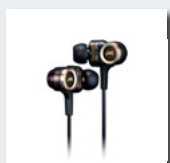


FONE DE OUVIDO YAMAHA PRO500

Edição: 190
Nota: Primeiras Impressões
Importador/Distribuidor: Yamaha

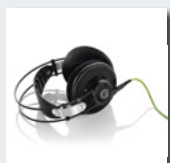


OURO REFERÊNCIA



FONE DE OUVIDO JVC FX200

Edição: 192
Nota: Espaço Aberto
Importador/Distribuidor: JVC

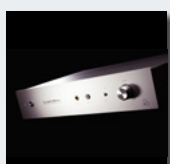


FONE DE OUVIDO AKG QUINCY JONES Q701S

Edição: 193
Nota: 82
Importador/Distribuidor: Harman Kardon



DIAMANTE REFERÊNCIA

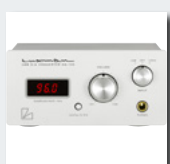


AMPLIFICADOR DE FONES DE OUVIDO LUXMAN P-200

Edição: 194
Nota: Primeiras Impressões
Importador/Distribuidor: Alpha Áudio e Vídeo



ESTADO DA ARTE

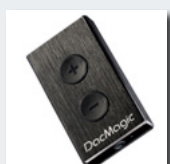


DAC USB E PRÉ DE FONES DE OUVIDO LUXMAN DA-100

Edição: 200
Nota: 82
Importador/Distribuidor: Alpha Áudio e Vídeo



DIAMANTE REFERÊNCIA



DAC USB E PRÉ DE FONES DE OUVIDO DACMAGIC XS

Edição: 201
Nota: 70,5
Importador/Distribuidor: Mediagear



OURO REFERÊNCIA

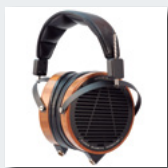


MICROMEGA MYSIC AUDIOPHILE HEADPHONE AMPLIFIER

Edição: 202
Nota: 78
Importador/Distribuidor: Logiplan



DIAMANTE REFERÊNCIA



FONE DE OUVIDO AUDEZE LCD3

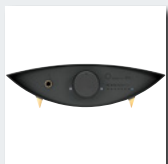
Edição: 204

Nota: 83

Importador/Distribuidor: Ferrari Technologies



ESTADO DA ARTE



DAC E PRÉ DE FONES DE OUVIDO KORG DS-DAC-100 - REPRODUZINDO DSD

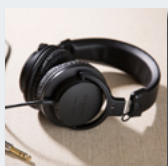
Edição: 205

Nota: 80

Importador/Distribuidor: Pride Music



DIAMANTE REFERÊNCIA



FONE DE OUVIDO PHONON SMB-02 DS-DAC EDITION

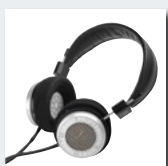
Edição: 206

Nota: 80

Importador/Distribuidor: Pride Music



DIAMANTE REFERÊNCIA



FONE DE OUVIDO GRADO PS500E

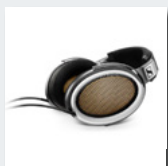
Edição: 210

Nota: 81,25

Importador/Distribuidor: Audiomagia



DIAMANTE REFERÊNCIA



FONE DE OUVIDO SENNHEISER HE 1

Edição: 240

Nota: 95

Importador/Distribuidor: Sennheiser



ESTADO DA ARTE



AMPLIFICADOR DE FONES DE OUVIDO SENNHEISER HDV 820

Edição: 244

Nota: 86

Importador/Distribuidor: Sennheiser



ESTADO DA ARTE



PS AUDIO STELLAR GAIN CELL DAC - COMO AMPLIFICADOR FONE DE OUVIDO

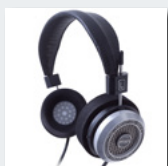
Edição: 247

Nota: 85

Importador/Distribuidor: German Audio



ESTADO DA ARTE



FONE DE OUVIDO GRADO SR325E

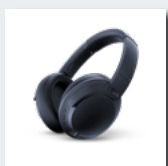
Edição: 258

Nota: 72

Importador/Distribuidor: KW Hi-Fi



DIAMANTE RECOMENDADO



FONE DE OUVIDO SONY WH-XB900N

Edição: 258

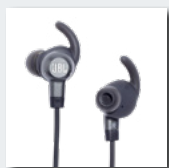
Nota: 62 / 63

Importador/Distribuidor: Sony



OURO RECOMENDADO

RELAÇÃO DE FONES/DACS PUBLICADOS



HEADPHONE JBL EVEREST ELITE 150NC

Edição: 260

Nota: 58

Importador/Distribuidor: JBL



PRATA REFERÊNCIA



AMPLIFICADOR DE FONE DE OUVIDO QUAD PA-ONE+

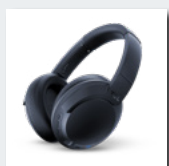
Edição: 260

Nota: 83

Importador/Distribuidor: KW Hi-Fi



ESTADO DA ARTE



FONE DE OUVIDO WIRELESS TCL ELIT400NC (VIA CABO P2)

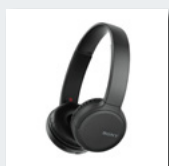
Edição: 260

Nota: 61

Importador/Distribuidor: TCL



PRATA REFERÊNCIA



HEADPHONE SONY WH-CH510

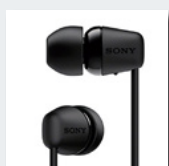
Edição: 261

Nota: 58,5

Importador/Distribuidor: Sony



PRATA REFERÊNCIA



FONE DE OUVIDO SONY WI-C200

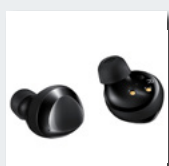
Edição: 262

Nota: 57

Importador/Distribuidor: Sony



PRATA REFERÊNCIA



SAMSUNG GALAXY BUDS+

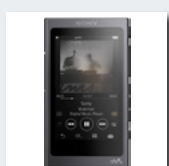
Edição: 261

Nota: 44

Importador/Distribuidor: Samsung



BRONZE REFERÊNCIA



SONY WALKMAN NW-A45

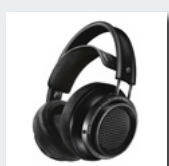
Edição: 262

Nota: 62,5

Importador/Distribuidor: Sony



OURO RECOMENDADO



FONE DE OUVIDO PHILIPS FIDELIO X2HR

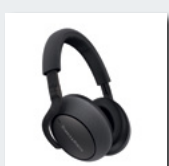
Edição: 263

Nota: 78

Importador/Distribuidor: Philips



DIAMANTE REFERÊNCIA



HEADPHONE BLUETOOTH COM CANCELAMENTO DE RUÍDO B&W PX7

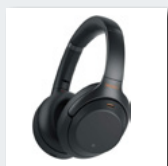
Edição: 264

Nota: 75,5

Importador/Distribuidor: Som Maior



DIAMANTE RECOMENDADO



FONE DE OUVIDO BLUETOOTH SONY WH-1000 XM3

Edição: 265

Nota: 76

Importador/Distribuidor: Sony



DIAMANTE RECOMENDADO



GRADO LABS SR125e PRESTIGE

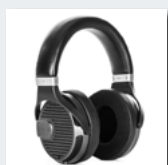
Edição: 266

Nota: 62,5

Importador/Distribuidor: KW Hi-Fi



OURO RECOMENDADO



FONE DE OUVIDO QUAD ERA-1

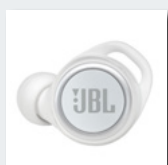
Edição: 267

Nota: 83,0

Importador/Distribuidor: KW Hi-Fi



ESTADO DA ARTE



FONE DE OUVIDO JBL LIVE 300TWS

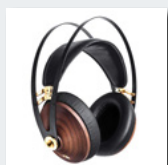
Edição: 267

Nota: 56,0

Importador/Distribuidor: Harman



PRATA REFERÊNCIA



FONE DE OUVIDO MEZE 99 CLASSICS

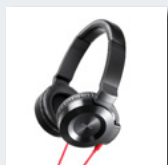
Edição: 268

Nota: 84,0

Importador/Distribuidor: German Audio



ESTADO DA ARTE



FONES DE OUVIDO ONKYO ES-FC300

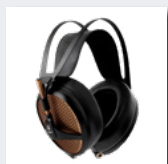
Edição: 268

Nota: 76,0

Importador/Distribuidor: Onkyo



DIAMANTE RECOMENDADO



FONE DE OUVIDO MEZE EMPYREAN

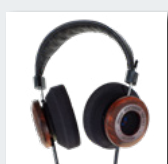
Edição: 269

Nota: 98,0

Importador/Distribuidor: German Audio



ESTADO DA ARTE



FONE DE OUVIDO GRADO STATEMENT GS3000E

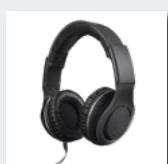
Edição: 271

Nota: 95,0

Importador/Distribuidor: KW Hi-Fi



ESTADO DA ARTE



FONE DE OUVIDO RELOOP RHP-30

Edição: 272

Nota: 58,5

Importador/Distribuidor: Alpha Áudio e Vídeo



PRATA REFERÊNCIA



RANKING DE TESTES DA ÁUDIO VÍDEO MAGAZINE

Apresentamos aqui o ranking atualizado dos produtos selecionados que foram analisados por nossa metodologia nos últimos anos, ordenados pelas maiores notas totais. Todos os produtos listados continuam em linha no exterior e/ou sendo distribuídos no Brasil.

AUDIO
VIDEO
MAGAZINE

TOP 5 - AMPLIFICADORES INTEGRADOS

Nagra Classic INT - 99 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed.260
Hegel H590 - 97,5 pontos (Estado da Arte) - Mediagear - Ed.256
Hegel H390 - 97 pontos (Estado da Arte) - Mediagear - Ed.269
Sunrise Lab V8 SS - 96 pontos (Estado da Arte) - Sunrise Lab - Ed.259
Hegel H360 - 95 pontos (Estado da Arte) - Mediagear - Ed.235

TOP 5 - PRÉ-AMPLIFICADORES

Nagra HD Preamp - 110 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.257
Nagra Classic Preamp (com a fonte PSU) - 105 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.261
CH Precision L1 - 104 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Ferrari Technologies - Ed.239
Nagra Classic Preamp - 100 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.261
D'Agostino Momentum - 100 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Ferrari Technologies - Ed.198

TOP 5 - AMPLIFICADORES DE POTÊNCIA

CH Precision M1 - 106 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Ferrari Technologies - Ed.238
Nagra Classic Amp Mono - 104 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.258
Goldmund Telos 2500 - 104 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Logical Design - Ed.200
CH Precision A1.5 - 102 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Ferrari Technologies - Ed.263
Audio Research 160M - 102 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.251

TOP 5 - PRÉ-AMPLIFICADORES DE PHONO

Nagra Classic Phono (com a fonte PSU) - 115 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.273
CH Precision P1 - 110 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Ferrari Technologies - Ed.266
Nagra Classic Phono - 110 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.273
Luxman EQ-500 - 104 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Alpha Áudio e Vídeo
Boulder 508 - 102 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Ferrari Technologies - Ed.253

TOP 5 - FONTES DIGITAIS

Nagra DAC X - 111 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.264
MSB Select DAC - 106 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.252
Nagra Tube DAC - 105 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.262
dCS Rossini - 100 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Ferrari Technologies - Ed.250
dCS Scarlatti - 100 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Ferrari Technologies - Ed.183

TOP 5 - TOCA-DISCOS DE VINIL

Origin Live Sovereign MK4 - 112 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Timeless Audio - Ed.273
Basis Debut - 104 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Ferrari Technologies - Ed.196
Acoustic Signature Storm MkII - 103,5 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Performance AV Systems Ltda. - Ed.257
Transrotor Rondino - 103 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Logical Design - Ed.186
Timeless Audio Ceres - 99 pontos (Estado da Arte) - Timeless Audio - Ed.269

TOP 5 - CÁPSULAS DE PHONO

Soundsmith Hyperion MKII ES - 106 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Performance AV Systems Ltda. - Ed.256
Hana Umami Red - 105 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.273
MY Sonic Lab Ultra Eminent EX - 105 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Ferrari Technologies - Ed.202
Air Tight PC-1 Supreme - 105 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Alpha Audio & Vídeo - Ed.196
MC Murasakino Sumile - 103 pontos (Estado da Arte Superlativo) - KW Hi-Fi - Ed. 245

TOP 5 - CAIXAS ACÚSTICAS

Wilson Audio Alexandria XLF - 104 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Ferrari Technologies - Ed.200
Wilson Audio Sasha DAW - 103 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Ferrari Technologies - Ed.256
Rockport Avior II - 101 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Performance AV Systems Ltda. - Ed.258
Evolution Acoustics MMThree - 100 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Logical Design - Ed.176
Kharma Exquisite Midi - 99 pontos (Estado da Arte) - Maison de La Musique - Ed.198

TOP 5 - CABOS DE CAIXA

Dynamiq Audio Apex - 112 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.267
Transparent Audio Reference XL G5 - 103,5 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Ferrari Technologies - Ed.231
Crystal Cable Absolute Dream - 103 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Ferrari Technologies - Ed.205
Sunrise Lab Reference Quintessence Magic Scope - 101 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Sunrise Lab - Ed.240
Feel Different FDIII - Série 3 - 100 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Feel Different - Ed.265

TOP 5 - CABOS DE INTERCONEXÃO

Dynamiq Audio Apex - 106 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.258
Transparent Opus G5 XLR - 105 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Ferrari Technologies - Ed.214
Sax Soul Ágata II - 103 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Sax Soul - Ed.251
Dynamiq Audio Zenith 2 XLR - 102 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.263
Sunrise Lab Quintessence - 102 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Sunrise Lab - Ed.244



GUIA BÁSICO PARA A METODOLOGIA DE TESTES

Para a avaliação da qualidade sonora de equipamentos de áudio, a *Áudio Vídeo Magazine* utiliza-se de alguns pré-requisitos - como salas com boa acústica, correto posicionamento das caixas acústicas, instalação elétrica dedicada, gravações de alta qualidade, entre outros - além de uma série de critérios que quantificamos a fim de estabelecer uma nota e uma classificação para cada equipamento analisado. Segue uma visão geral de cada critério:

EQUILÍBRIO TONAL

Estabelece se não há deficiências no equilíbrio entre graves, médios e agudos, procurando um resultado sonoro mais próximo da referência: o som real dos instrumentos acústicos, tanto em resposta de frequência como em qualidade tímbrica e coerência. Um agudo mais brilhante do que normalmente o instrumento real é, por exemplo, pode ser sinal de qualidade inferior.

PALCO SONORO

Um bom equipamento, seguindo os pré-requisitos citados acima, provê uma ilusão de palco como se o ouvinte estivesse presente à gravação ou apresentação ao vivo. Aqui se avalia a qualidade dessa ilusão, quanto à localização dos instrumentos, foco, descongestionamento, ambiência, entre outros.

TEXTURA

Cada instrumento, e a interação harmônica entre todos que estão tocando em uma peça musical, tem uma série de detalhes e complementos sonoros ao seu timbre e suas particularidades. Uma boa analogia para perceber as texturas é pensar em uma fotografia, se os detalhes estão ou não presentes, e quão nítida ela é.

TRANSIENTES

É o tempo entre a saída e o decaimento (extinção) de um som, visto pela ótica da velocidade, precisão, ataque e intencionalidade. Um bom exemplo para se avaliar a qualidade da resposta de transientes de um sistema é ouvindo piano, por exemplo, ou percussão, onde um equipamento melhor deixará mais clara e nítida a diferença de intencionalidade do músico entre cada batida em uma percussão ou tecla de piano.

DINÂMICA

É o contraste e a variação entre o som mais baixo e suave de um acontecimento musical, e o som mais alto do mesmo acontecimento. A dinâmica pode ser percebida até em volumes mais baixos. Um bom exemplo é, ao ouvir um som de uma TV, durante um filme, perceber que o bater de uma porta ou o tiro de um canhão têm intensidades muito próximas, fora da realidade - é um som comprimido e, portanto, com pouquíssima variação dinâmica.

CORPO HARMÔNICO

É o que denomina o tamanho dos instrumentos na reprodução eletrônica, em comparação com o acontecimento musical na vida real. Um instrumento pode parecer “pequeno” quando reproduzido por um devido equipamento, denotando pobreza harmônica, e pode até parecer muito maior que a vida real, parecendo que um vocalista ou instrumentista sejam gigantes.

ORGANICIDADE

É a capacidade de um acontecimento musical, reproduzido eletronicamente, ser percebido como real, ou o mais próximo disso - é a sensação de “estar lá”. Um dos dois conceitos subjetivos de nossa metodologia, e o mais dependente do ouvinte ter experiência com música acústica (e não ampliada) sendo reproduzida ao vivo - como em um concerto de música clássica ou apresentação de jazz, por exemplo.

MUSICALIDADE

É o segundo conceito subjetivo, e necessita que o ouvinte tenha sensibilidade, intimidade e conhecimento de música acima da média. Seria uma forma subjetiva de se analisar a organicidade, sendo ambos conceitos que raramente têm notas divergentes.

TESTE

1

AUDIO





NAGRA CLASSIC PHONO

XX Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

Minha filha tinha apenas cinco anos quando um dia entrou na cozinha, me viu cozinhando, e perguntou: “Como deve ser o cheiro da Lua?”. Achei que ela estava apenas em um momento lúdico que toda criança tem, e respondi que não fazia a menor ideia. Ela aceitou prontamente a resposta, deu de ombros, e voltou para suas bonecas esparramadas no chão da sala.

Eu nem percebi que ali provavelmente estava o início de uma de suas maiores virtudes, que hoje lhe é tão peculiar: um olfato extremamente apurado! Minha filha é capaz, aos 12 anos, de chegar da escola, e da sala reconhecer o que estou cozinhando para o almoço com tamanha precisão que algumas vezes chega a me assustar. Vou dar apenas alguns exemplos: ela sabe pelo cheiro se o feijão cozinhando na panela de pressão é feijão preto, carioca, bolinha ou branco. Sabe dizer se entre as verduras diárias o pai fez: quiabo, brócolis ninja ou o tradicional, cenoura, quiabo, vagem, beterraba, milho, batata, etc. E até se o arroz é o branco ou o integral!

E quando lembro de que nesta mesma idade dela, meu filho já sabia com total segurança o que queria ser e traçava com enorme autoridade o que precisava para chegar aos seus objetivos, percebo que essa determinação em ambos eu também tinha. E por mais que meu pai me incentivasse a dar asas a minha imaginação e senso apurado de audição, eu no meu íntimo era uma criança cheia de dúvidas e mais perguntas do que respostas. E como era difícil arrancar respostas de meu pai, eu trilhei caminhos muito solitários, para montar meu mosaico de dúvidas.

Lembro que uma de minhas primeiras perguntas sem respostas foi ao ouvir que palmas em diferentes setups dos clientes do meu pai, soavam muito diferentes. E fiquei meses antes de me abrir com meu pai, achando que só eu percebia essas grandes diferenças. E eu era tão jovem e inocente que custei a ligar que se as palmas soavam diferentes em cada sistema, a música também deveria sofrer este mesmo efeito. E quando percebi chocado que sim, foi que criei

coragem e contei minha descoberta ao meu pai. Claro que suas expressões me indicavam que ele também observava o mesmo, mas ele queria que eu descobrisse sozinho que todo sistema tem uma assinatura sônica, e que esta assinatura irá determinar, como na brincadeira de adivinhação, o quanto está “quente” ou “frio”.

Quando entendi o que meu pai estava me sugerindo, criamos até um código, em que eu perguntava antes de chegarmos à casa do cliente se aquele sistema estava quente ou frio. Ainda ecoa em minha mente as três opções ditas por ele: friooooo, frio e quente. Ele talvez não tivesse ideia do quanto essa brincadeira me ajudou a treinar minha audição e como foi importante para eu aprimorar o foco de atenção e o ouvir atentamente.

E nunca esqueço a única vez que um sistema que ouvimos estava tão bem ajustado que eu, ao entrar no carro, falei para ele: “que quente este sistema, hein?”. Rimos alguns minutos antes dele dar a partida, e saímos dali.

Minha formação musical é tão eclética que, mesmo para mim, fica difícil entender como ainda o “feeling” é uma ferramenta tão presente e se mostra tão eficaz ainda hoje. Este feeling nunca me abandonou e muitas vezes me ajuda a dar respostas que, no nível da compreensão e do bom senso, ou da experiência, não obtenho. Por exemplo: quantas vezes tive a certeza de determinado resultado, muito antes de fazer a experiência. Recentemente comentei com um amigo que determinada experiência que ele estava pensando em fazer no seu sistema não daria o resultado esperado, pois passaria do ponto. Algo que, depois de dito, eu mesmo me perguntei de onde teria tirado aquela informação se jamais havia escutado este setup tocando junto?

E ainda que sem resposta à minha pergunta, meu amigo duas semanas depois me relatou, em uma longa mensagem, que realmente a experiência havia dado errado, e que tudo havia passado do ponto! Só respondi que o lado positivo é que ele havia economizado uma boa grana, pois o equipamento que ele almejava comprar custa na casa dos 10 mil dólares!

Sempre fiz essas associações de sinergia de equipamentos desde minha infância, pois tinha facilidade de ver os sistemas tortos e logo entendi o motivo deles soarem tortos. E ao meu pai, eu dizia claramente a razão de não dar certo. E à medida que ele foi me escutando e indicando aos seus clientes as soluções, ele percebeu que seu filho tinha um “dom” para ajustar sistemas. Algo que aperfeiçoei na adolescência, para ajudar os amigos e seus pais, até romper com este universo aos 19 anos.

Foram anos afastado, e quando meu pai tentava puxar o assunto, eu sempre me esquivava. O máximo que eu o deixava falar era sobre os falecimentos de seus clientes mais antigos e que ele tinha um grande apreço. Mas falar sobre equipamentos, eu não lhe dava

nenhuma chance. Aí o amigo leitor pode se dar conta da sua alegria quando eu lhe disse que estava indo trabalhar na revista Audio News, em 1991!

Me desculpe essa longa introdução antes de entrar no assunto devido - o teste do pré de phono da Nagra - mas se o leitor tiver um pouquinho mais de paciência chegarei lá!

O fato é que, 30 anos depois, trabalhando como revisor crítico de áudio, meu feeling se tornou tão acentuado que consigo prever determinados resultados, muito antes de tal equipamento vir para teste. E por mais que você me julgue “arrogante”, garanto que nunca errei em minhas previsões a respeito de produtos que irão mudar o rumo ou reescrever a história em seu segmento.

Meus críticos certamente acharão que estou falando apenas o óbvio, afinal um fabricante de alto nível de equipamentos de áudio hi-end, que faz com maestria prés de linha, DACs e powers, que dificuldade terá em fazer um excelente pré de phono de alguns milhares de dólares?

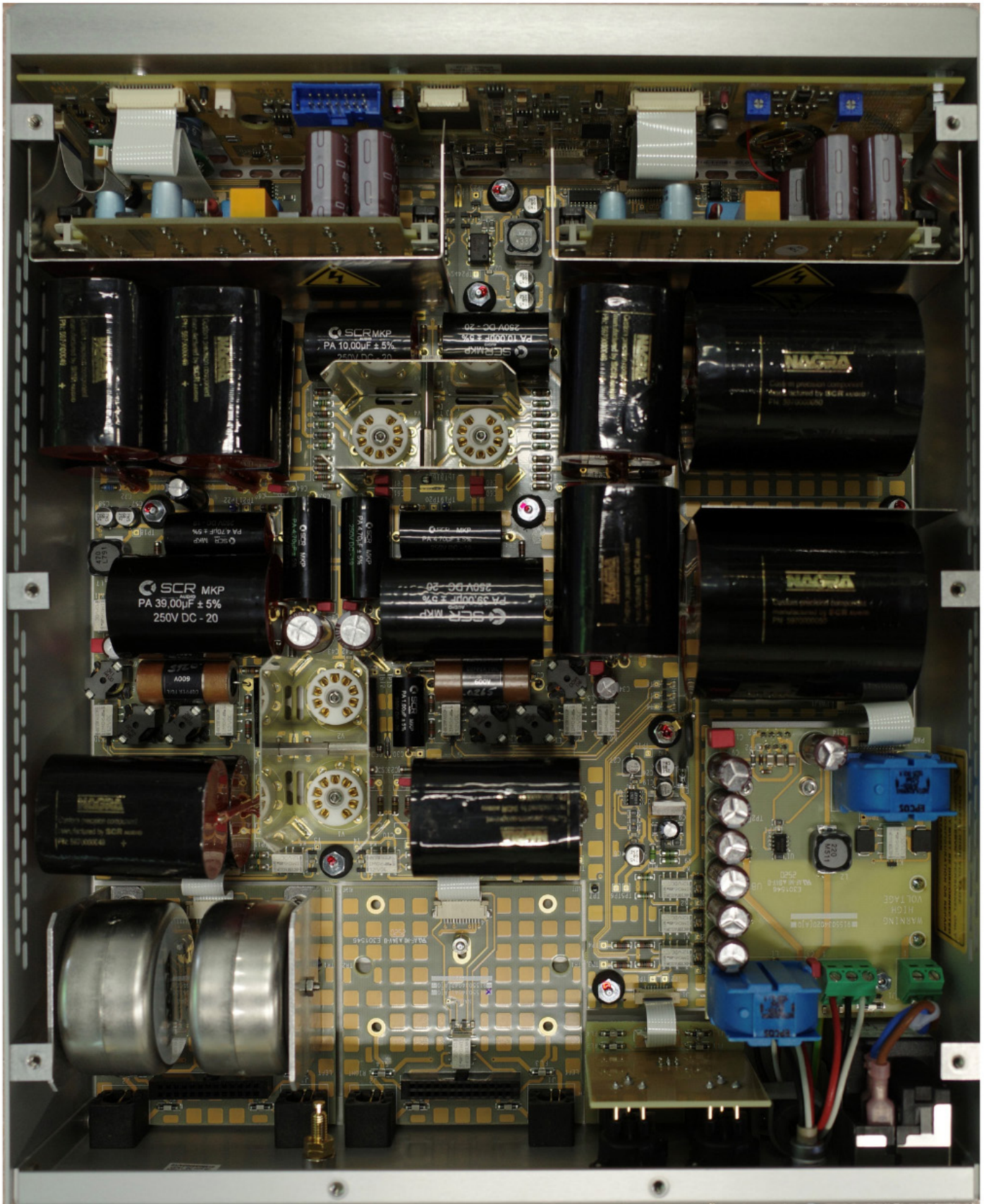
E eu tenho que lembrar que não é bem assim. Pois conheço dezenas de excelentes fabricantes de excelentes powers, em que seus prés de linha ou DACs não se encontram no mesmo patamar, e quando estamos falando de prés de phono, o caldo entorna um bocadinho mais. Pois sem a cultura do vinil nas veias, pode ser um excelente produto de bancada, com medições fantásticas, mas sonoramente um produto sem alma!

Cansei de ouvir, testar e abortar prés de phono assim.

E como os excepcionais prés de linha de nível superlativo, o mesmo ocorre com os prés de phono. Os que nos fazem entender o encanto de forma integral do analógico, não existem aos montes. Bons prés de phonos, burocraticamente corretos, sim o consumidor achará muitos a partir de 2.000 dólares. Mas quando buscamos encontrar os que nos farão descobrir o quanto o analógico ainda pode nos oferecer em termos de realismo e emoção, esses contam apenas nos dedos das mãos.

Aí vêm as cruciais perguntas: por que existe essa diferença entre os bons e os excelentes? Isso realmente é audível? Perceberei imediatamente a diferença entre ambos?

Sim meu amigo, não só observará, como verá que a sobrevida do analógico é tão consistente. Pois esqueça essa baboseira de modismos ou vintage. Pois o analógico jamais deixou de existir, como ocorreu com a máquina de escrever ou o filme de máquina fotográfica, ou o tape-deck. E não foi por existirem audiófilos e melômanos cabeça-dura, que se entrincheiraram para não deixar o analógico sucumbir. Ele se manteve vivo, pois ainda é, junto com a fita de rolo analógica, a melhor referência de reprodução de música eletronicamente.



Pois se o CD Player tivesse se sobressaído na questão de fidelidade, o analógico seria peça de museu, como a máquina Olivetti ou o videocassete.

Então, antes de valorizar o audiófilo e o melômano que não arredaram o pé, os méritos são todos da topologia. E o mais incrível: é uma topologia que está ainda em franca evolução, em todas as etapas: materiais usados na construção dos toca-discos, motores, braços e cápsulas. O que também exigiu dos fabricantes de pré de phono, soluções que possam acompanhar todas essas evoluções na maneira de extrair a informação existente nos sulcos do LP.

E ouvir um sistema como este que tivemos a honra de testar nesta Edição de Aniversário (leia também os Testes 2 e 3 nesta edição), só nos prova que a distância entre o analógico e o digital ainda se mantém! E ousar dizer: com a tentativa das gravadoras de matarem o CD para aumentar seus lucros e enfiar goela abaixo o streamer, essa distância vai ser ainda maior nos próximos 5 anos!

Depois de ouvir e testar todos os novos produtos da Nagra, a grande expectativa minha era o novo pré de phono da Nagra da série Classic, lançado no segundo semestre do ano passado. Pois minha dúvida era: será que eles terão a mesma mão e talento para produzir um pré de phono tão superlativo, como são o pré de linha e o power da série Classic?

Ouvi muito rapidamente, há muitos anos, o pré de phono deles VPS, e gostei, mas não achei um ponto fora da curva. Por isso minha dúvida.

O novo pré de phono é valvulado, usando quatro tríodos duplos em uma configuração que a Nagra chama de “proprietária”, pelas soluções utilizadas. As válvulas são Genalex Gold Lion feitas sob rigorosas especificações, com tempo de uso de 5 a 10 mil horas. São 2 válvulas E88CC/6922, uma EC81/B739 e uma ECC83/B759.

Os transformadores toroidais MC são fabricados pela própria Nagra, usando os mesmos núcleos do pré amplificador de linha HD.

Na entrada, o ganho de tensão é fornecido pela válvula B759, passando pela ECC83 com filamento helicoidal para um baixo ruído, seguido por uma válvula ECC81, também com o mesmo tipo de filamento da ECC83. A correção é feita por resistor/ auto /capacitor (RCL).

O estágio de saída utiliza uma E88CC por canal (assim como o pré de linha HD), cujo segundo tríodo está na saída do anodo, com baixa impedância.

Os links de sinal são feitos por capacitores polipropileno com especificações personalizadas, e em pontos estratégicos do sinal são usados capacitores com folhas de cobre Jupiter de 0,0265uF, feitos sob especificações da Nagra.

As trilhas de placa são todas folheadas a ouro de quatro camadas. A fonte de alimentação de comutação PWM de alta velocidade (200 kHz), é dual mono. E o segredo de sua operação silenciosa (segundo o fabricante) está no desacoplamento pela enorme capacidade de capacitores polipropileno em paralelo para impedância CA zero, proporcionando uma resposta de transientes e redução de ruído ao extremo (sobre o silêncio de fundo deste pré, falarei nas observações auditivas).

No painel frontal temos, à direita, o famoso modulômetro utilizado no Nagra II lançado em 1952. Ele exhibe o nível de saída, sendo que o 0 dB corresponde a um sinal de 1V/rms. Sendo o canal esquerdo a agulha preta e o direito a agulha vermelha. No outro extremo, temos o famoso botão de controle: off, Mute, Phono 1 (MC) e Phono 2 (MM). Entre o modulômetro e o botão de controle, temos a curva RIAA - que pode ser a normal, Teldec (alemã) ou Columbia LP - botão de estéreo ou mono, e de ganho High ou Low.

Nas costas temos as duas entradas, plug de terra, e saídas RCA e XLR.

Para o ajuste de impedância, o usuário precisará abrir a tampa de cima do aparelho e decidir o jumper ideal para sua cápsula. São cinco opções MC (100, 180, 270, 470 e 1000 Ohms), e uma carga capacitiva de 100 pF. E uma para MM (47 kOhms). Os jumpers para cada impedância vêm em uma caixa à parte, e trocá-los é a coisa mais inteligente e fácil. A placa toda é destacável, e o usuário fará a troca com ela na mão. O jumper é preso por um parafuso que se solta com os dedos. E todos jumpers vêm devidamente sinalizados por números, não existindo o menor risco de erro.

Existe também um ajuste interno para audição do pré em mono (como não tenho nem cápsula mono e muito menos algum LP mono, eu não utilizei este ajuste).

Outra opção é que o Nagra Phono Classic pode tanto ser usado com sua fonte interna, necessitando neste caso apenas de um cabo de força, ou com a fonte externa PSU como utilizamos no pré de linha, também da série Classic. Os que leram o teste do pré de linha, sabem as alterações gigantescas que ele sofreu com o uso da fonte externa.

Será que o mesmo ocorreu com o Phono Classic?

Direi mais à frente, fique sossegado.

Para o teste utilizamos apenas nosso Setup de Referência, com todo o sistema Nagra e as caixas Wilson Audio Sasha DAW. Os cabos de força, quando não ligada a PSU, foram Transparent PowerLink MM2 e o Reference G5. Cabos de interconexão Dynamique Apex XLR e Sunrise Lab Quintessence Aniversário (RCA e XLR).

Ouvi, no total, nas cinco semanas de teste, mais de 150 LPs, alguns completos (lado a & b) e alguns apenas faixas, e o tempo todo ▶

SUA CASA CONECTADA

UP GRADE



AUTOMAÇÃO
REDE
SEGURANÇA
ACÚSTICA


HOME THEATER
ÁUDIO HI-END
VIDEOCONFERÊNCIA
ENERGIA FOTOVOLTAICA


FAÇA UPGRADE NO
SEU SISTEMA COM A
HIFICLUB




ARQUITETURA: PAULO ROBERTO NASCIMENTO

  hificlubautomacao

(31) 2555 1223 

comercial@hificlub.com.br 

www.hificlub.com.br 

R. Padre José de Menezes 11 
Luxemburgo - Belo Horizonte - MG

Empresa do
Grupo Foco BH





ligado aos toca-discos e braço da Origin Live (leia Teste 2 nesta edição) ou ao Timeless Ceres (também com o braço Enterprise 12), e as seguintes cápsulas: Hana Umami Red (leia Teste 3 nesta edição), ZYX Bloom 3 e Grado Platinum Series 3.

Tivemos, nos últimos tempos, a visita de excelentes prês de phono, como o maravilhoso P1 da CH Precision, o Luxman EQ-500, o nosso pré de referência Boulder 508, e o também de excelente relação custo/benefício, PS Audio Stellar. Assim como excelentes toca-discos, como o Acoustic Signature Storm, o Timeless Ceres e, agora, este Origin Live Sovereign. Sem falar de cápsulas excelentes e de nível superlativo, como a SoundSmith Hyperion 2, a Hana Umami Red e a ZYX que acabou de chegar.

Então, nosso nível de referência não pode ser subestimado, e o leitor achar que estamos comparando bijuteria com joia preciosa, pois não é este o caso. Mas o único que pode ser considerado no mesmo nível de refinamento com este Phono Nagra, é o P1 da CH Precision, pois os outros citados pertencem a um outro “campeonato”.

Aqui estamos falando do topo do topo ou, se quiserem, para ser mais enfático, do “Olimpo” do analógico! Pois o que extraímos de cada faixa de cada LP que ouvimos, foi de uma ordem de grandeza tão acima do que estamos acostumados a ouvir, que tentar comparar com qualquer dos prês de phono que já tivemos de referência, será mera perda de tempo.

Me senti novamente com 8 anos de idade, quando percebi as diferenças de palmas em cada sistema dos clientes do meu pai. O disco era sempre o mesmo: **Belafonte at the Carnegie Hall**, e eu ficava ali no meu canto das salas esperando as palmas só para guardar na memória e depois comparar.

Alguns sistemas eram tão tortos, que as palmas mais se assemelhavam a um efeito sonoro de um papel celofane sendo amassado em frente ao microfone. E quanto melhores eram as palmas, com variações de intensidade, tamanho das mãos e a percepção de que aquilo eram palmas, melhor o sistema tocava. Esta descoberta causou um impacto em mim tão grandioso, que tenho absoluta certeza que a Metodologia ganhou sua versão embrionária inicial naquela fase de minha vida, e ficou hibernando por quase 30 anos!



O mesmo eu posso dizer do Phono Nagra Classic, ao nos apresentar um equilíbrio tonal tão correto e preciso, que ouvir em cápsulas e toca-discos diferentes só enaltece seu grau de neutralidade e fidelidade.

Excelentes prés de phono geralmente se sobressaem por alguns itens que os fazem se diferenciar do lugar comum.

Os superlativos não. Estes se sobressaem justamente por não ter algo pontual a mostrar. Pois tudo está tão na mais perfeita ordem, que o resultado se traduz apenas em um enorme conforto auditivo e uma apresentação musical que difere até mesmo da melhor que você julga já ter escutado. Quando estamos diante deste momento, nos esforçamos para avaliar determinado quesito ou aguardar como aquela passagem irá ser resolvida - e quando percebemos, aquele momento já passou.

Todos nós temos nossos LPs de referência, aqueles que contamos para serem usados somente naquelas situações em que sabemos que estamos tendo a oportunidade única de termos contato com o “inalcançável”, e que precisamos ser assertivos ao máximo. Do tipo: “esperei por este momento por toda a minha vida”. Aí vemos o quanto somos traídos por nossas emoções, a ponto de não conseguirmos escolher o que ouvir. Se isso não aconteceu com você, não se preocupe, pois um dia irá ocorrer.

O contrário também está presente na vida de todo audiófilo: a do sistema que sonhamos em ouvir e, quando de fato ocorre, não é nada do que esperávamos. Mas preste bem atenção neste detalhe, os produtos “notáveis”, aqueles que mudarão para sempre nossa percepção do que é essencial buscar para termos o maior grau de satisfação e prazer, não se parecem em nada com “fogos de artifício”! Lembre-se desta dica para o resto de sua trajetória, amigo leitor.

O correto não se destaca por uma singularidade, ele é correto pela “organização” do todo. É como uma jogada de gênio, que de tão perfeita parece até simples. Se o belo da vida está realmente nos detalhes, o mesmo posso dizer agora dos produtos de áudio “notáveis”.

O André Maltese escutou o pré da Nagra em dois momentos: com a cápsula Hana e com a ZYX. Ele ficou impressionado com a performance do conjunto Origin/Hana com o pré Nagra. Mas sua expressão de “incredulidade” só se transformou em uma frase ao ouvir o Nagra com a ZYX, que é uma cápsula que custa menos de um terço da Hana. Aí ele expressou: “Que pré de phono é esse!?”. E essa manifestação é bem simples de explicar: no primeiro setup tudo é caro, então é obrigação tocar o melhor possível! Com uma cápsula de 7 mil reais, ainda assim, ouvir aquele esplendor de correção, precisão e musicalidade... Aí ele deixou manifestar seu espanto e incredulidade com o que estava ouvindo.

O que este pré de phono exprime é apenas a beleza do sinal que passa por ele. Zero de pirotecnia ou querer reinventar a roda, ou “girar a lâmpada”. Ele só lhe pede coerência e um padrão de qualidade mínimo (como o da cápsula de 1300 dólares da ZYX). Se o sinal tiver um nível mínimo de correção, ele entregará este sinal como nunca ouvi em outro pré de phono, de qualquer topologia ou preço. O mais próximo continua sendo o P1 da CH Precision, sem sombra de dúvida, mas com um detalhe: até aqui, toda descrição feita das maravilhas do Phono Classic, foi com sua fonte interna, pois quando passamos ele para a fonte externa a PSU, meu amigo, aí foi como dobrar a velocidade da luz e sumir no infinito, e além!

Aqui as coisas realmente complicam para qualquer outro phono excepcional, pois tudo se torna ainda mais notável sob qualquer ângulo de avaliação, com um “agravante”: seu silêncio de fundo.

Interessante que, até ouvir ele na fonte externa, era impossível apontar alguma limitação em seu silêncio de fundo. Mas quando trocamos e ouvimos os mesmos discos, no mesmo volume, com os mesmos cabos, é que aquela máxima do “bom ser bom” até aparecer o “ótimo”, se tornou exemplar. Só que neste caso, era o excelente que passou a ser excepcional.

Ainda que tudo ganhe, fiquei com a firme sensação que os mais beneficiados são a microdinâmica (de maneira óbvia, pois quanto mais silêncio, maior facilidade em se ouvir os detalhes), e o palco. Este se torna ainda mais holográfico e 3D. Neste quesito, as obras sinfônicas, em termos de planos, se tornaram espetaculares! E você deve estar se perguntando: mas preciso da fonte externa, se este já é tão correto sem? Realmente não precisa meu amigo. Tanto que dos dois testes que já saíram deste pré de phono, em nem um foi utilizado a fonte externa. Trata-se de um preciosismo, mas que para quem tem um setup todo Nagra, certamente este felizardo irá desejar extrair todo o enorme potencial.

E se ele tiver como sua referência maior o analógico, não acho que ele vá se contentar em não explorar esta faceta adicional, e com resultados tão impressionantes. Eu se tivesse este pré, eu não abriria mão de escutá-lo nas melhores condições possíveis, inclusive em termos de setup: toca-discos, braço, cápsula e cabos.

Mas conseguir ter o Phono Classic já será um feito tão grandioso que não haverá necessidade de subir ainda mais (principalmente para quem não tiver eletrônica Nagra).

Para tentar descrever algumas diferenças que ouvimos neste pré em relação aos outros prés recentes testados, escolhi aqueles discos em que essas diferenças foram mais “explícitas”.

O **Keith Jarrett - The Köln Concert**, também conhecido como “álbum branco”. Quem tem este disco, principalmente a prensagem nacional, sabe o quanto a última oitava da mão direita soa com

excesso de brilho e um som duro (em alguns setups fica pior que ouvir em CD). Os melhores setups analógicos conseguem dar uma amenizada nesse problema, mas deixar agradável, é bem difícil. A não ser que você radicalize e use um pré e cabos com pouca extensão, mas vai comprometer toda a região média-alta, pois não tem milagre.

O Nagra corrige sem se perder nada? Não existe o milagre de transformar o ruim em bom, mas o Nagra, pela primeira vez, nos permitiu ouvir que apesar do piano ser ruim (tanto que o Keith tentou desistir de tocar aquele concerto), ele tem realmente feltro nesta oitava, e poder ouvir esse “detalhe” deixou esta região muito mais audível! O que é um mérito e tanto, pois o disco é primoroso ainda hoje. Sendo o que chamo de obra atemporal. Minha filha quando ouviu desta vez, achou que eu tinha conseguido uma nova gravação importada (ela adora este disco).

Sobre o segundo LP, já escrevi tantas vezes a respeito que não vou me estender. **Friday Night In San Francisco** (McLaughlin, Di Meola, de Lucia) - Lado 1 faixa 1. Al Di Meola no canal direito e Paco de Lucia no canal esquerdo. Outra gravação difícil tanto em termos de equilíbrio tonal como de transientes e corpo. Excelentes setups reproduzem este disco com boa margem “de segurança”. Mas os detalhes de “intencionalidade” e virtuosidade, só os de nível superlativo oferecem. Pois bem, o Nagra conseguiu ir além ao mostrar um detalhe que nunca antes havia escutado. Muitos leitores que tem este disco, sempre me falam que tem a sensação que o violão do Al Di Meola é melhor que o do Paco, pois parece mais alto e dá a sensação de maior dinâmica. Dependendo do setup que tive nestes últimos 15 anos, muitas vezes tive esta mesma impressão.

E eis que o Nagra nos corrige esta falsa impressão, ao mostrar que a qualidade do violão do Paco de Lucia é tão boa quanto a do Di Meola, e que não há nenhuma diferença de altura nos volumes. As diferenças são das técnicas: uma é dedilhada (Paco) e a outra é palhetada (Di Meola).

Para ter certeza do que estava escutando, ouvi primeiro a versão 33 RPM e depois a 45 RPM, pois ambas foram extraídas de masters distintas. E não há essa diferença de volume.

Aí chegamos a um outro disco, que de tanto ouvir já sonhei com ele como trilha de fundo (não ria, pois é verdade). **Waltz For Debby**, do Bill Evans Trio, gravado ao vivo no Village Vanguard, em 25 de junho de 1961. É tão bem gravado que, para soar ruim, o setup analógico tem que ser torto de doer. Mas algumas coisas, em setups excelentes, variam e muito, como: corpo dos instrumentos, posição do baterista Paul Motian, e os agudos dos pratos e das duas últimas oitavas da mão direita do piano.

A qualidade dos pratos já foi motivo de longas discussões com meu filho e amigos bateristas. Para eles (os bateristas), os pratos

dos anos 60 soavam escuros, com mais corpo do que extensão. Pois bem, mostrei para todos (e tive meu dia de glória, pois nunca tinha concordado), os dois lados do disco, as seis faixas, e deveria ter filmado a cara de todos eles. Não conseguiram acreditar no que ouviram. Um deles até chegou a dizer que não vale, pois se só escutamos em um pré de phono que custa o valor de um carro bom, ele não tem culpa de concluir que os pratos soavam pobres!

A verdade meu amigo: como eram bons os pratos, tanto em corpo como extensão e decaimento! O corpo do contrabaixo do Scott LaFaro é assustador em termos de realismo e tamanho, é estar literalmente a cinco metros do palco. E o mesmo se pode dizer tanto do corpo do piano, como de que o equilíbrio tonal na mão direita não está acentuando para o brilho em excesso.

Outra agradável surpresa: Patricia Barber - **Companion**. Quantas vezes escutei reclamações de leitores se queixando que o agudo do órgão Hammond B3 é duro e incomoda. Ou que falta peso na faixa Black Magic Woman, mais peso e deslocamento de ar na parte final do solo de bateria e das percussões. Aqui, novamente, em excelentes setups, o prazer de escutar este disco é pleno. Tanto que já mostrei, em diversos Hi-End Shows, em setups muito abaixo do que temos hoje, e era um dos pontos altos da apresentação analógica.

E o Nagra veio mais uma vez para nos mostrar que o Hammond B3, no agudo, não fere nossos tímpanos, que este disco é para se escutar em volume alto (com picos na parte final de quase 100 db) e que se for nele, sua folga é tão gigantesca que a vontade de bater palma e gritar no final com a plateia é genuína!

Veja que estou pontuando detalhes de LPs que estão comigo há décadas, então os conheço soando em dezenas de setups distintos, e que cada setup anterior a chegada do Nagra tinha algum detalhe “pessoal” a acrescentar.

Com o Nagra, todo este panorama é refeito. Pois ele trabalha no todo e não nas partes, ou no que os projetistas de prés de phono acham elementar ser enfatizado. E como todo produto Nagra, a filosofia é: realismo, naturalidade e folga absoluta!

Outra pedreira: Shakti - **A Handful Of Beauty**. Talvez o disco mais difícil de se conseguir o equilíbrio tonal necessário. Pois quando ajustamos os graves para fazer as tablas terem a energia e deslocamento de ar que a gravação captou, e fazem toda a diferença na “vida” e beleza deste trabalho, borra o extremo agudo, matando os harmônicos do violino. E quando se conserta em cima, as tablas perdem o peso e deslocamento de ar.

Este é um dos discos mais cruéis com cápsulas que já usei, para fechar nota no quesito equilíbrio tonal! É complicado. A solução é um setup analógico perfeito em termos de equilíbrio tonal e muita folga. Do contrário, acompanhar o violão e o violino é um trabalho de ▶



Nagra Classic PSU

concentração quase impossível. O Nagra simplesmente resolve todos os obstáculos simultaneamente, e ainda agrega um componente que estava escondido atrás dos obstáculos: a intencionalidade e a virtuosidade do quarteto.

É de um prazer que não possui adjetivo para expressar, o grau de admiração e contemplação, por ser um dos LPs que mais gosto de escutar, e que por isso sempre relevei todas as dificuldades que qualquer setup apresentava. Pois achava que não haveria solução para esses problemas.

Aí conseguimos (penso eu) explicar o que tem este pré de tão diferente a todos os outros que ouvimos e testamos. O problema está em conseguir desmembrar o complexo, de tal forma que não se torne enfadonho ou perca a integridade. E quando você se dá

conta que existe um equipamento capaz de fazer este árduo trabalho, acrescentando e não dividindo, você compreende o grau de magnitude alcançado pelo Phono Classic.

Deste momento em diante, em vez de dar preferência aos discos bem gravados, fiz o caminho inverso, fui buscar os LPs que não abro mão de escutar pelo grau de qualidade artística, mas que sempre lamentei não serem bem gravados.

E um dos primeiros foi o **Nó Caipira**, do **Egberto Gismonti**. Cara, como eu gosto deste LP! Ele me diz tanta coisa, foi um momento da minha vida de tomadas de decisões pessoais e profissionais tão importantes que me fala fundo ainda hoje. Pois me faz olhar para trás e ver que as decisões me trouxeram até aqui e por estas decisões sou muito grato a tudo!

Mas ele soa tão duro. Os pratos, o piano as cordas. Sempre pedi um pouco mais de calor e equilíbrio, apenas isso, para poder escutar em volumes mais altos, como as faixa Frevo, Nó Caipira e a maravilhosa Maracatú.

Dizem que quando a oração é forte, você é atendido, rs. Pena que o Milagre durou apenas 5 semanas! Mas valeu cada segundo que convivi com este Nagra, pois como no início da revista, achei forças para esticar os dias até às duas da manhã, ainda que às seis precisasse estar de pé novamente para acordar minha filha para as aulas online.

A folga do Nagra é tão excepcional e sua precisão e fidelidade no equilíbrio tonal, tão corretas, que consegui escutar o Nó Caipira com mais prazer, menor fadiga e o que sempre sonhei: no volume correto da gravação. UAU! É tudo que tenho a dizer!

The Beatles - Love, é possível ouvir com enorme prazer em qualquer sistema analógico decente, então o que o Nagra pode acrescentar a este belo trabalho? Refinamento nas texturas e detalhes ▶



Nagra Classic PSU



nas colagens montadas com tanto esmero, para ligar uma faixa a outra. Meu amigo, escutei detalhes nessas colagens que me deram uma ideia exata do baita trabalho que foi montar essas passagens. Em outros setups, nas colagens eu escuto o tema ou o efeito sonoro principal, mas elas têm camadas harmônicas, tem frases de notas de outras músicas que não puderam ser aproveitadas no espetáculo. E as texturas dos arranjos de cordas que foram criadas para o disco Love, são de um cuidado e requinte que parecem ser da master original.

Aqui, novamente o Nagra, sem jogar luz ou chamar a atenção para si, resolve detalhes que em qualquer outro grande pré nos passou despercebido.

Duke Ellington - *Blues In Orbit*. Quando este disco foi lançado em 2 de dezembro de 1959, eu tinha apenas um ano e dois meses, incompletos. Gosto de pensar como algo tão antigo, quase que da minha idade, pode me ser tão valioso. Este é um disco que desde que me entendo por gente, ouço. E ele já tocou em setups meus sofríveis, e só começou a ter o respeito devido e merecedor quando tive meu Thorens TD 124 com cápsula Stanton 500. Aí que comecei a entender a complexidade e genialidade dos arranjos. É outro disco atemporal! Até meu filho curte.

Mas foi de 2012 para cá que este disco ganhou a importância que merece para a Metodologia, por ajudar a avaliar os quesitos: equilíbrio tonal, corpo e textura. O naipe de metais e os solos de clarinete, trompete e sax, exigem demais do sistema. Em um sistema acima de 95 pontos bem ajustado, é um deleite escutar este disco, mas é acima de 100 pontos, onde você pode ouvir nos volumes certos para uma big band, que o bicho pega.

Aqui se o sistema não estiver um “brinco”, não rola! O Nagra foi alguns quilômetros à frente ao permitir: volume correto, texturas impressionantes e um equilíbrio dos solos de trompete, saxofones e clarinetes, sem agressividade, e um realismo de nos arrepiar os pelos dos braços (e olhe que sou duro para isso ocorrer).

Chegamos no último exemplo que gostaria de compartilhar, antes de minha conclusão final.

We Want Miles, do Miles Davis, gravação ao vivo de uma turnê de 81, com faixas das apresentações em Boston, Nova York e Tóquio. Quem tem este LP sabe da diferença “irritante” da qualidade técnica de cada faixa. Algumas soam até que bem, para uma apresentação ao vivo, mas é impossível manter o mesmo nível em ambientes tão distintos.

Também é um disco como tantos outros, que abstraio a limitação técnica e foco na qualidade artística. Ele exige demais do setup, principalmente da cápsula e do pré de phono - na maioria dos setups o som é magro, a região média é predominante, matando as duas pontas. E como a região média predomina, muitos detalhes de percussão e teclados somem nos solos longos (típicos das formações a partir dos anos 80 do Miles).

Tenho a prensagem nacional, feita pela Bruno Blois em comemoração aos seus 25 anos, uma prensagem inglesa (presente do amigo Tarso - nosso colaborador), e em CD a versão japonesa.

Adivinhem qual escuto mais? O CD, pois até então era a mais equilibrada.

O Nagra, se meu pai estivesse vivo, diria que veio botar ordem no galinheiro, com sua exuberância e sua folga infinita. Ele só não fez milagre com a prensagem nacional, neste caso é ainda melhor ouvir o CD japonês. Mas com a prensagem inglesa, meu amigo, que show! Foi possível ouvir os detalhes (importantes de andamento, contraponto e de cama harmônica), e quantos detalhes!

CONCLUSÃO

Ainda tinha tanto para contar, meu amigo!

Mas sei que as novas gerações são avessas a textos longos, e os mais velhos avessos a ler a revista em uma tela de computador, então acho melhor acabar antes que perca os leitores jovens e os de mais idade. E só sobre os de meia idade, rs!

Como sempre escrevo, na armadilha de que este é o “melhor do mundo”, esqueçam que jamais me verão escrever tamanho descalabro! Pois sem ouvir todos, é impossível afirmar isso.

O que posso afirmar, sem o risco de estar cometendo alguma injustiça com todos os que ainda não testamos, é que este Nagra com sua fonte interna já é o mais refinado e correto em termos de timbre e equilíbrio tonal, de todos os prés de phono já testados por nós. ▶

E com a fonte externa, ele ultrapassa ainda mais este tão alto grau de correção.

Ele se coloca em uma situação tão confortável, que se torna a opção mais inteligente e segura para todos que querem o nirvana sonoro, utilizando-o com sua fonte interna.

E para aqueles que desejam extrair o supra sumo de qualquer gravação analógica, e ombrear o LP com as fitas analógicas de rolo, sugiro ele com o uso da fonte PSU externa. Com ela, este pré de phono é simplesmente a maior nota da revista em seus 25 anos de existência!

PONTOS POSITIVOS

Notável em todos aspectos que um produto hi end pode atingir.

PONTOS NEGATIVOS

Seu preço, indubitavelmente.

ESPECIFICAÇÕES

Ganho MM	37,7 dB / 47,7 dB
Ganho MC	53,9 dB / 63,9 dB
Resposta de frequência	20 Hz a 50 kHz (+0,6 dB / -0,2 dB)
Relação sinal-ruído	>-82 dB
Crosstalk	>-75 dB
Fase entre canais	<4°
Impedância de saída	<500 Ohms
Válvulas	2x E88CC / 6922, 1x ECC81 / B739, 1x ECC83 / B759
Dimensões (L x A x P)	310 x 76 x 254 mm
Peso	5,4 kg

NAGRA CLASSIC PHONO (COM USO DA FONTE INTERNA)

Equilíbrio Tonal	14,0
Soundstage	14,0
Textura	14,0
Transientes	14,0
Dinâmica	13,0
Corpo Harmônico	14,0
Organicidade	13,0
Musicalidade	14,0
Total	110,0

NAGRA CLASSIC PHONO (COM USO DO CLASSIC PSU)

Equilíbrio Tonal	14,0
Soundstage	15,0
Textura	14,0
Transientes	14,0
Dinâmica	14,0
Corpo Harmônico	15,0
Organicidade	14,0
Musicalidade	15,0
Total	115,0

VOCAL	████████████████████
ROCK . POP	████████████████████
JAZZ . BLUES	████████████████████
MÚSICA DE CÂMARA	████████████████████
SINFÔNICA	████████████████████

German Áudio

contato@germanaudio.com.br

Preço sem fonte: R\$ 185.600

Fonte externa PSU: R\$ 148.800

O conjunto com desconto, sai por: R\$ 284.240

**ESTADO
DA ARTE**
SUPERLATIVO



TESTE
2
AUDIO



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=8ZKOZH9GFHK](https://www.youtube.com/watch?v=8ZKOZH9GFHK)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=C03QIYMLQMW](https://www.youtube.com/watch?v=C03QIYMLQMW)



TOCA-DISCOS ORIGIN LIVE SOVEREIGN MK4



Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

Uma vida apenas, para um revisor de áudio ouvir tudo o que de melhor se fez em termos de hi-end, é muito pouco.

Por mais que ele tenha tido o privilégio de ter nascido no Primeiro Mundo, tenha conseguido ser contratado aos 25 anos para já fazer resenhas, graças ao seu talento com a escrita e o ouvido afinado, e tenha uma condição genética admirável para que sua gloriosa carreira se estenda por meio século, a quantidade de aparelhos testados será uma fração do que este universo hoje apresenta.

Sabedor desta limitação incorrigível, se ele não perder a humildade e mantiver os pés no chão, ele jamais cairá na tentação em afirmar (em nenhum momento de sua carreira), que “tal” produto é a referência absoluta em seu segmento. Pois ele, muito rápido, perceberá que na indústria de ponta o permanente é como a espuma de uma gigantesca onda quando chega a areia, e nada mais que isso!

Nossos leitores mais antigos são testemunhas que deste “cálice” nunca bebi, pois ainda que escute e avalie produtos excepcionais, eu sempre tomo o cuidado em lembrar que se eu não escutei

todos, não posso afirmar que aquele em teste seja o melhor do mundo!

E, cá para nós: será que realmente existe o melhor dos melhores? Pois em que condições poderíamos com segurança afirmar isso? Morrerei sem ter esta resposta. Então o que sei, que posso compartilhar com vocês leitores?

Que alguns produtos, dos mais de 1700 testes publicados nos 25 anos da revista, atingem um grau de performance tal que descrever suas virtudes fica tão difícil quanto falar em detalhes de algo que nunca vimos antes. Este desafio nos foi proposto tanto neste teste, quanto no Teste 1 desta mesma edição.

Mas, quiseram os deuses do Olimpo, que tivéssemos ambos ao mesmo tempo, para poder nos ajudar a dar a eles a maior sinergia possível. Não me lembro de nenhum outro momento da história da revista em que tivemos este privilégio, de testar na mesma edição dois produtos tão diferenciados em termos de performance, simultaneamente.



É claro que essa “conjunção” ajudou enormemente, até para entender a magnitude de ambos produtos. Fico feliz que essa condição tão favorável tenha ocorrido justamente em uma edição de enorme significado para nós. Pois não é todos os dias que uma revista segmentada comemora um quarto século de existência (ainda mais em um país como o nosso, em que o hi-end é visto como algo elitista e um “acinte” à nossa realidade econômica).

Quando as pessoas me perguntam meu ramo de trabalho (principalmente nos voos) e digo o que faço, as que não reagem com desdém, se surpreendem que exista equipamentos de áudio que custem mais que uma casa ou um carro - ainda que o mercado de joias, bolsas de grife, relógios, etc, concorram diretamente com o áudio hi-end e sejam dez vezes maiores que o nosso segmento.

Estou tão acostumado com a reação do leigo, que procuro ser sempre o mais sucinto possível sobre as principais características e motivos que levam uma pessoa a gastar tanto tempo e dinheiro na busca do sistema dos sonhos.

Foco sempre nas virtudes de se ouvir música, e nos seus reflexos para nossa saúde física, mental e emocional. E este enfoque costuma dar resultado, pois aí o interlocutor costuma mudar as perguntas tirando o peso dos valores do sistema, para as vantagens de bem estar! E quando falo que a neurociência estuda com afinco os efeitos positivos da música em nossas vidas, o interesse (principalmente das mulheres) cresce consistentemente.

Claro que isso não pode ser visto como uma pesquisa qualitativa de tendências, mas ao menos revela que as mulheres aparentam estarem mais preocupadas com sua saúde como um todo, do que os homens.

Voltando ao teste, se já é difícil explicar ao leigo o que um sistema hi-end pode fazer pelo seu bem estar, o mesmo ocorre ao tentar falar de um produto que irá fazê-lo rever todos os seus conceitos e, acima de tudo, descobrir que o seu patamar de referência será completamente revisto. Este é o caso desses dois Testes (1 e 2), em que os produtos avaliados se encontram muito acima dos melhores produtos por nós já avaliados aqui na revista. E não falo apenas em pontuação superior, falo principalmente em conceito na forma de buscar soluções para a melhoria da performance.

Como sou um “rato” de informação e conhecimento, acompanho a Origin Live desde o tempo em que tive um Rega Planar 3 (estava ainda na revista Audio News), e li na Hi-Fi Choice sobre acessórios produzidos por este fabricante, também inglês, para “turbinar” o braço RB300 da Rega. Sinceramente, achei que parecia mais uma atitude de uma empresa querendo viver à sombra de outra já muito bem estabilizada, e não me interessei. Afinal, meu Planar 3 me atendia perfeitamente naquele momento.

Alguns anos depois, descubro que esta mesma empresa tinha ganhado “autonomia” de voo, e começou a apresentar seus próprios braços e, posteriormente, seus toca-discos. Mais alguns anos, e começaram a sair excelentes críticas de ambos. Aí coloquei de vez a Origin Live em meu radar, e quando eu faço isso, amigo leitor, significa que toda informação me será útil e irá para a minha lista de produtos a serem escutados.

Mas, sinceramente, jamais tive a ilusão que um dia haveria distribuição aqui, pois já temos marcas de toca-discos suficientes para um mercado tão restrito. Até que o Giovanni e o Robson Mozer da Timeless me apresentaram o seu primeiro toca-discos, o Ceres, e o braço que enviaram para teste foi um Origin Live!

Fiquei surpreso e, ao mesmo tempo, ansioso como uma criança na véspera de Natal, para saber se era tudo que realmente sempre li. Foi paixão à primeira vista!

O resultado foi tão impressionante em termos de informação, que jamais havia extraído com o conjunto SME Series V e cápsula Soundsmith Hyperion 2, que tomei uma decisão radical e coloquei à venda meu SME V (companheiro e minha referência de uma década) e comprei o Enterprise de 12 polegadas sem ouvir - algo que jamais fiz antes em minha carreira de editor!

Pois se, com o braço de 9,5 polegadas, dois modelos abaixo do Enterprise, o resultado foi tão avassalador, não havia motivo para adiar este upgrade.

Meu novo braço chegou, e foi imediatamente instalado no Acoustic Signature Storm, em substituição ao SME V, e como brinco: foi o massacre da serra elétrica. Elevando meu setup analógico para um outro patamar de transparência e musicalidade.

Mas, a maior surpresa ainda estava por vir, pois na entrega do Ceres, a Timeless me comunicou que haviam pego a distribuição da Origin Live, e que eles tinham interesse que testássemos o toca-discos Sovereign Mk4, justamente com o braço Enterprise de 12 polegadas, que é a indicação do fabricante para se extrair o máximo de ambos os produtos.

Foi como juntar a fome com a vontade de comer!

Junto com o Sovereign recebemos na mesma semana o pré de phono da Nagra (leia Teste 1 nesta edição), o que foi um daqueles acontecimentos raros que ocorrem uma vez em cada existência, que nos levou a passar quatro semanas escutando exclusivamente analógico, como se o digital ainda não tivesse sido criado. Nunca neste período usei tanto minha surrada máquina de lavar Sota, e nunca solicitei tantos galões do “milagroso” detergente de vinis do Maltese para deixar meus LPs em ordem para escutar neste setup!

Descrever este toca-discos não será tão complicado, pois a Origin mantém um site muito bem atualizado, o difícil será explicar a vocês o quanto o “menos é mais”, e como este conceito pode ser explorado até atingir um ponto de performance que jamais, por simples visualização do produto final, será possível imaginar que se esconde por detrás daquela falsa “simplicidade”.

O Sovereign, até antes da entrada em linha do Voyager, era o top de linha, e por isso que este já se encontra na versão Mk4 e continua sendo, em termos de custo/performance, o toca-discos mais “desejado” da empresa! As diferenças do Mk4 para o Mk3.2 são pontuais, mas de enorme importância para o deixar ainda mais perto do top de linha Voyager.

Na versão anterior, a Origin já havia modificado seu prato para um multicamadas projetado para dissipar energia de maneira mais

eficaz. Nesta nova versão o prato é o mesmo com as multicamadas, mas o desacoplamento do prato ficou ainda mais eficaz em relação à base. A fonte de alimentação é ainda mais limpa do que na versão anterior, para trabalhar em altas variações de temperatura sem perda na precisão e ajuste de velocidade.

Outras características importantes são: Base de alta massa com construção em sanduíche de baixa ressonância, para um desempenho de graves limpos e com excelente extensão, corpo e energia. O desacoplamento do prato para a base é triplo. O prato de baixa ressonância e alta inércia possui maior diâmetro que os outros modelos da Origin Live. O rolamento desta versão possui maior tolerância para o menor atrito possível. O sub-chassis ultra rígido, com um único suporte de ponto central, possui um exclusivo suporte de amortecimento. Seu peso total é de 32kg, mais os quase 2,5kg do prato.

O fundador e projetista da Origin Live, Mark Baker, é um expert em toca-discos e braços que nunca trafegou pelos caminhos “habituais”, procurando sempre observar mais o peso do detalhe no todo.

Um exemplo do que um detalhe pode fazer pelo todo, é a forma da Origin encarar as questões das vibrações, a maior pedra no sapato de qualquer projeto de toca-discos. Muitos seguem a escola de isolar a base do conjunto braço e prato com molas, outros insistem no peso e rigidez dos materiais para que se tornem o mais inertes possível, mas Mark foi por um outro caminho, ao desenvolver um sub-chassi semi suspenso, construído com materiais de alta qualidade e baixa ressonância que é desacoplado do suporte que apoia o prato, e que é apoiado apenas por um ponto central. Na prática, o resultado é como se o prato estivesse suspenso sem grande contato no sub-chassi.

O prato, feito de acrílico de alta inércia, possui 3 camadas de materiais distintos, e sobre o prato há parafusos que devem ser ajustados em sentido anti horário, que irão dar a afinação precisa para se extrair o equilíbrio entre as fundamentais e seus harmônicos. É algo jamais visto ou pensado por nenhum outro fabricante - mas que na prática dão um resultado espetacular!

O rolamento em que pousa o pino central é usinado para alta precisão, com baixa tolerância. A lubrificação do eixo é fornecida com o óleo fabricado pela própria Origin.

O motor é feito com exclusividade por um fornecedor suíço, é de alta massa e tem um acabamento primoroso. Assim como a fonte de alimentação, que utiliza um transformador de grande dimensão e mantém a regulação precisa de velocidade, que é automaticamente corrigida a cada volta do prato.

A base do braço específica para 12 polegadas é de metal maciço, mas também inerte.



O teste do braço Enterprise de 12 polegadas será publicado em uma próxima edição, pois o testamos em três toca-discos diferentes, e pelo seu altíssimo grau de compatibilidade e desempenho, merece um teste separado.

O que posso adiantar é que o Sovereign, para este teste, não poderia ter parceiro melhor, e o mesmo posso dizer para o braço Enterprise!

As cápsulas usadas no teste foram: Hana Umami Red (leia Teste 3 nesta edição), ZYX Bloom 3, e Grado Platinum série 3. Os prês de phono foram: Boulder 508, PS Audio Stellar e Nagra Phono Classic (leia Teste 1 nesta edição). O resto do sistema foi o de Referência da editora (Pré e powers Classic da Nagra). Cabos de interconexão: Sunrise Lab Quintessence Aniversário, e Dynamique Audio Apex. Cabos de força: Sunrise Lab Quintessence Aniversário, Transparent Reference G5 e Powerlink MM2.

Para o teste, e todos os ajustes necessários com cada cápsula utilizada, contamos com o serviço do nosso colaborador André

Maltese, que tem sido de vital importância para extrairmos, de todos os produtos analógicos em teste, o sumo do sumo. E sua disposição e paciência em se deslocar de São Paulo aqui à nossa sala, 70 Km distante de sua casa, no meio desta pandemia, merece um agradecimento “público”.

Como escrevi muitas linhas acima, o visual do Sovereign não faz justiça ao seu nível de performance, ainda que seja de um acabamento primoroso e seus detalhes cromados chamem muito a atenção dos apaixonados por metalurgia. Pois o que o faz ter um desempenho tão desconcertante e empolgante está no que não está à vista dos olhos, ou de quem é leigo e acha que para um toca-discos tocar corretamente basta um bom motor, um bom chassi/isolador, um prato decente e de material comprovadamente inerte, um braço e uma cápsula correta, e ouviremos toda a beleza do bom e velho vinil!

Sim, este raciocínio está correto para toca-discos honestos e feitos por fabricantes com expertise suficiente. Mas, o que separa os bons dos ótimos e os ótimos dos superlativos? ▶

Essa pergunta já é mais difícil de responder, principalmente para quem nunca ouviu um analógico de nível superlativo “azeitado” até a última gota de possibilidade. E, muitas vezes, até os audiófilos experientes fazem suas escolhas muito mais por informações técnicas e conceitos que julgam serem os mais corretos, do que pela audição. Lembro essa questão, pois ao mostrar fotos do Origin Live para alguns audiófilos “experientes” e amantes de analógico, ao ver o produto fizeram a mesma pergunta: “E toca bem?”.

Acho que imaginaram que, para ser considerado excepcional e de nível superlativo, um toca-discos tenha que pesar 50kg, ter bases que só um estivador consiga carregar, e o prato tenha no mínimo metade do peso da base!

Ainda que 34kg já seja um peso razoável, o que impressiona no Origin é que visualmente sequer ele dá a impressão de pesar tanto! Pois seu desenho é suave, limpo e de dimensões modestas, sendo possível ser colocado em qualquer rack de dimensões normais.

Mas, no momento em que a agulha pousar no disco, todas as dúvidas dão lugar a uma atenção total, pois o que se ouvirá será muito distinto da melhor das referências que você julga serem as mais corretas.

Mas, não se engane, pois ainda falta colocar a cereja no bolo! O que difere qualquer toca-discos da Origin Live do lugar comum, é que eles dão total atenção ao equilíbrio entre as fundamentais e os harmônicos. Sem este equilíbrio, não importa o setup de cápsula /

braço, ou o nível de performance do seu pré de phono, o resultado será pobre.

Quantas vezes lemos que determinado toca-discos é primoroso em precisão, tempo, transparência, mas tenha cuidado com a cápsula pois ele pode soar “sem alma”? Algo que também ouvimos de cápsulas e braços.

Para a Origin Live, o peso do toca-discos nesta questão crucial é vital, pois é ele que deve conduzir como um maestro competente os outros componentes. E quando você associa um setup completo Origin Live, alinhando adequadamente toca-discos e braço, todas as cápsulas serão beneficiadas, acredite! Justamente por este motivo que achei melhor separar o teste do braço do teste do toca-discos, ainda que o casamento entre ambos não possa ser melhorado em nenhuma hipótese.

Como eu sei? Ouvindo o braço em outros dois excelentes toca-discos.

O prato possui em sua base 12 parafusos brancos. Para transporte eles vem todos apertados. O fabricante indica que, depois de montado o braço e tudo regulado, o consumidor gire 2/3 de uma volta no sentido anti-horário. Como sou pior que São Tomé, deixei o Maltese regular tudo, ouvimos por quase três horas, já com o Pré de Phono Classic da Nagra, ele foi embora de queixo no chão, fui preparar a janta, voltei para a sala e apertei todos os parafusos para ver que sonoridade tinha e coloquei o **Friday Night in San Francisco**



(John McLaughlin, Al Di Meola, Paco de Lucia) faixa 1 lado A, versão 45 rpm. Os violões do Paco de Lucia (canal esquerdo) e do Al Di Meola (canal direito) soaram secos, a ponto de ficarem agressivos, tinham fundamental em excesso. Aí afrouxei 1/3 de volta, apareceram os harmônicos possibilitando ouvir a tampa dos violões, mas ainda muito seco. Afrouxei para 1/2 volta e os harmônicos finalmente apareceram, tornando a gravação muito mais correta e natural. Aí fui para a indicação do fabricante, e rodei 2/3 anti-horário, e o equilíbrio como mágica surgiu!

Incrível como não temos a ideia da falta que o equilíbrio entre fundamentais e harmônicos se faz tão importante quanto o Equilíbrio Tonal!

O que me levou a uma outra questão, que me tirou o sono por duas noites: quantas cápsulas ouvimos, avaliamos e muitas vezes descartamos por achar que é muito seca, ou pouco musical? Levando uma culpa que não é dela somente! Felizmente, as três cápsulas utilizadas no teste tiveram performance muito semelhantes em termos de assinatura sônica nos três toca-discos com o braço Enterprise de 12 polegadas. Mas a diferença em termos de performance, quando instaladas no conjunto Origin, foi muito impressionante, pois todas subiram de patamar!

Ajustado o prato, não perdi tempo e acabei de amaciar tanto a cápsula Hana Umami Red quanto o Nagra. E foram dias e noites inesquecíveis! Pois jamais ouvi meus LPs com tamanho grau de requinte e prazer.

Claro que, com diversas cápsulas, toca-discos e braços de alto nível, percebemos detalhes nunca antes ouvidos ou que não estivessem tão nítidos. Mas ouvir várias diferenças em praticamente todos os mais de 120 discos que escutamos, foi algo inédito! E não estou falando de sutilezas, e sim de detalhes que mudam nossa percepção de ouvinte, pois nos mostram “detalhes” totalmente ausentes em qualquer outro setup que tive ou testei.

Um disco que gosto muito, pela complexidade dos sintetizadores, é o LP **Domino Theory** do Weather Report, denso, camadas e mais camadas de sintetizadores analógicos com enorme corpo, distribuídos entre solos e cama harmônica. Que exigem do setup precisão, transparência, equilíbrio tonal e corpo precisos. Em sistemas limitados, é um disco que beira o cansativo, e necessita de um cuidado extremo com o volume, devido a variação dinâmica dos arranjos. O melhor resultado deste disco sempre foi o bom, nunca mais que isso. Tanto que sempre fui muito comedido no volume, para poder apreciar apenas a música.

Foi o segundo disco que mais escutei na primeira semana! Pois a quantidade de informação e de intencionalidade que este setup me proporcionou, foi espetacular! As camadas e mais camadas de

sintetizadores, todos em seus planos, alturas, decaimentos. No volume correto da gravação, sem medo de saturar ou tornar frontalizado. Um Equilíbrio Tonal magnífico (tão difícil em outros setups, com os agudos sempre soando brilhantes no saxofone alto e nos pratos), e um corpo de acelerar os batimentos cardíacos.

Meu cérebro a cada “novo-velho” disco, pensava: então é assim que este LP sempre deveria ter soado? É um grau de revelação que nos dá uma mistura de torpor e decepção, por saber que cada um daqueles discos sempre esteve à espera de um setup à sua altura, e que certamente se eu não fosse um profissional da área, morreria sem descobrir tudo isso!

Cada disco que ouvi neste período de cinco semanas em que tive este setup analógico tão bem casado, foi uma revelação, que deixou literalmente o setup digital para escanteio.

Não quero voltar à velha e cansativa discussão do que é melhor. Mas tenho que confessar que tentar comparar ambas topologias neste patamar é um total desperdício de tempo. Pois seu cérebro não irá se sujeitar a ouvir o digital sem achar que se trata de reprodução eletrônica. Pois o corpo harmônico é algo difícil de ser subjugado. Depois de ouvir, por exemplo, os solos do baixista Scott La Faro no disco **Exploration** do pianista Bill Evans, ouvir este mesmo contrabaixo em CD parece piada. Ou o timbre do naipe de metais e os solos no **Blue Orbit** do Duke Ellington, faz o CD parecer que os instrumentos estão equalizados.

O analógico neste nível de resolução, coloca de novo o “pingo nos is” de maneira quase que cruel! E o faz de forma tão natural, e com tamanho conforto auditivo, que parece que voltamos aos anos 90, quando o digital tentava desesperadamente corrigir seus erros!

Claro que o digital andou, e muito, mas o analógico sempre levará uma enorme vantagem, pois ele só está aperfeiçoando e refinando o que já era excelente. O que não tínhamos era setups à altura do que os sulcos sempre tiveram esperando para ser mostrado.

O toca-discos mais surpreendente que testamos até o momento havia sido o Basis Debut V com braço SME Series V e a cápsula Air Tight PC-1 Supreme. Um setup analógico de alto nível. Refinado, musical e corretíssimo. Era minha maior referência em termos analógicos, tanto que nunca mais consegui ouvir com aquele mesmo prazer minha enorme coleção de LPs. E achava que ainda que o analógico não parasse de evoluir, a distância para aquele patamar, já superlativo, seria ultrapassada apenas de maneira pontual!

Ledo engano amigo leitor. Foi literalmente atropelado por este setup Origin Live e pré de phono Nagra. A diferença dos dois é de 8 pontos! O que neste nível de Estado da Arte é separar os grandes dos gigantes!

Lembro-me em minhas anotações pessoais no teste do Basis, e da cápsula PC-1 Supreme, anotar que todos os discos haviam sofrido melhoras e que apenas os tecnicamente sofríveis se beneficiaram pouco. Como sou metódico e tenho tudo precisamente anotado, ouvi um por um desses LPs, e todos, sem exceção, se beneficiaram deste grau de refinamento e precisão. A ponto de conseguir ouvir esses LPs com interesse e gosto redobrado pela qualidade artística.

Isso é um feito e tanto. E assim o leitor pode imaginar o efeito que as boas e excelentes gravações tecnicamente se beneficiam com este toca-discos! É difícil achar o tom correto para descrever essas audições, mas se temos que tentar o termo mais próximo, seria: "tocar o inalcançável". Ou seja, ter um momento de comunhão com o que o analógico tem a oferecer que poucos, muito poucos, podem e tem condições de desfrutar.

Eu com este setup, provavelmente ouviria digital apenas para cumprir meus deveres profissionais, ou escutar gravações que só tenham em CD.

Preciso encerrar este texto dizendo mais alguma coisa?

Se você tem bala para ter um toca-discos deste nível, não perca tempo meu amigo. Pois o que ele irá lhe oferecer em troca, valerá cada centavo investido! ■

ESPECIFICAÇÕES	Velocidades	33 & 45 RPM
	Wow & Flutter	0.05%
	Estabilidade de velocidade	0.0001%
	Voltagem	Configurada de fábrica de acordo com o país
	Base de braço	Para braços 9.5" e 12" da Origin Live, ou braços padrão Rega. Outras bases de braço podem ser feitas sob encomenda.

PONTOS POSITIVOS

O melhor toca disco já testado nos 25 anos da revista.

PONTOS NEGATIVOS

Preço.

TOCA-DISCOS ORIGIN LIVE SOVEREIGN MK4

Equilíbrio Tonal	15,0
Soundstage	14,0
Textura	14,0
Transientes	13,0
Dinâmica	13,0
Corpo Harmônico	14,0
Organicidade	14,0
Musicalidade	15,0
Total	112,0

VOCAL ██████████

ROCK . POP ██████████

JAZZ . BLUES ██████████

MÚSICA DE CÂMARA ██████████

SINFÔNICA ██████████

Toca-Discos: R\$ 68.640
Armboard 12": R\$ 3.610
Total: 72.250

Preço do conjunto:
R\$ 124.400

Braço: R\$ 48.420
Adicional 12": R\$ 3.730
Total: R\$ 52.150

Timeless Audio
contato@timeless-audio.com.br
(11) 98211.9869

ESTADO DA ARTE
SUPERLATIVO



TESTE
3
AUDIO



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=LTBC2K2B0Z8](https://www.youtube.com/watch?v=LTBC2K2B0Z8)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=5VMTMKVCVWU](https://www.youtube.com/watch?v=5VMTMKVCVWU)



CÁPSULA HANA UMAMI RED

XX Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

Os leitores atentos certamente perceberam que estava no 'forno', em teste, a nova cápsula top de linha da Hana, a Umami Red. Pois há cerca de duas edições ela já estava sendo citada na lista de equipamentos utilizados em todos os nossos testes.

Então chegou a hora de falarmos desta cápsula, que carrega em seu nome a palavra Umami, que em japonês significa algo saboroso, mas com uma 'explosão' de sabores cheios de contrastes entre o doce, azedo, salgado, amargo, quase se tornando um quinto sabor.

Li em algum release que o projetista das cápsulas Hana, o sr. Masao Okada, ficou meio resistente quando sua equipe sugeriu este nome, mas se rendeu a ele ao ouvir o primeiro protótipo em seu sistema pessoal.

A Excel Sound Corporation, com mais de meio século em atividade, é uma das referências em cápsulas no Japão. As cápsulas da Accuphase, Shelter e Sumiko, todas foram desenvolvidas na Excel,

e possuem enorme reputação mundo à fora. Mas foi só em 2016 que a Excel achou que deveria voltar a desenvolver cápsulas com sua própria marca, e foram colocados no mercado de uma só fornada 4 modelos, começando pela mais simples, de 450 dólares e a mais cara (que já testamos: Hana ML) de 1.250 dólares.

O sucesso veio como em um rastro de pólvora - basta entrar em diversos fóruns de cápsulas e ler os elogios que toda a linha Hana recebeu e virou o mercado de pernas para o ar - ao conseguir colocar esses modelos em pé de igualdade com cápsulas bem mais caras.

A fórmula para sucesso tão imediato: utilizar todo seu expertise de meio século, não querer 'reinventar' a roda, e oferecer soluções eficientes em termos de construção, simplicidade e eficiência. Então, desde a mais simples, o consumidor não irá achar nem uma pitada de materiais exóticos ou raros, optando pela velha e segura fórmula do 'menos é mais'.



Mas claro que com o sucesso tão rápido e consistente, em algum momento a Excel iria querer mostrar ao mundo que também sabe (e como muito poucos), fazer cápsulas de nível superlativo - porém com os 'pés ainda no chão'!

Mas o desafio era fazer algo absolutamente fantástico, mas ainda na casa que muitos audiófilos mundo à fora pudessem comprar. Ao contrário dos invólucros de plástico rígido dos modelos até então lançados, o invólucro vermelho da Hana Umami é feito em duralumínio ultra resistente e com um acabamento em laca vermelha urushi que dá à cápsula um visual refinado e tecnológico, porém sem perder a 'identidade' das melhores cápsulas japonesas.

Mas são os detalhes de design que mais chamam a atenção nesta cápsula, com suas curvas laterais que lembram um par de orelhas, e sua frente com uma placa de ébano, dão o toque final de requinte.

A cápsula pesa cerca de dez gramas. As bobinas e o poderoso imã de samário-cobalto são tratados criogenicamente antes da instalação, com um resfriamento próximo a 'zero absoluto', para 'relaxar' e homogeneizar suas estruturas moleculares. A Excel foi uma das primeiras a mostrar sonicamente a vantagem deste processo de criogenização, o que inúmeros outros fabricantes de cápsulas e cabos utilizam na atualidade.

Lembro que nos primeiros anos da revista, ao escrever um artigo sobre este método, muitos dos 'objetivistas' o classificaram de

puro placebo ou marketing puro, criando acaloradas discussões por uns anos - hoje caiu no comum. Tirando os que ainda duvidam que cabos fazem diferença, ninguém mais se importa como esses produtos são feitos, se preocupando apenas com como tocam (ainda bem!).

Outra preocupação da Excel foi fazer uma cápsula top de linha com o maior grau de compatibilidade possível, tanto com os melhores braços, como com prés de phono.

Então, aos que depois de lerem este teste se interessem, basta um braço comum de massa média e a Hana Umami Red se sentirá à vontade. Quanto aos prés de phono, sua baixa resistência interna de 06 Ohms pode perfeitamente trabalhar com qualquer bom pré de phono com impedância acima de 100 Ohms. Sua força de rastreamento, para uma alta precisão de leitura dos sulcos, é de 2.0 g, com tensão de saída de 0,4 mV. Sua agulha é um diamante com um corte Microline, um cantilever de boro rígido, porém muito leve, que tem o objetivo de dissipar suas vibrações para o próprio cartucho. Os quatro pinos para a ligação da cápsula à fiação do braço são folheados a ouro 24 quilates, que estão fixados em uma placa de poliéster.

Para o teste, colocamos a Hana Umami Red no braço Enterprise Mk4 da Origin Live, e o toca-discos também deste fabricante, modelo Sovereign (leia Teste 2 nesta edição). Os prés de phono utilizados foram: Boulder 508, PS Audio Stellar, e o Classic Phono da ►



**O melhor integrado
produzido no Brasil**

*A Sunrise Lab tem o prazer de
apresentar o V8 SS, o amplifi-
cador nacional com a melhor
relação custo/performance já
avaliado pela AVMAG.*



Setup & Upgrade de Toca-Discos de Vinil • Upgrades & MODs • Acessórios • Consultoria • Assistência Técnica



Nagra (leia Teste 1 nesta edição). Os cabos de interconexão foram: Sunrise Lab Quintessence Anniversary (RCA e XLR), e o Apex da Dynamique Audio (XLR). O restante do sistema foi o setup de Referência da revista (pré de linha Classic Nagra, TUBE DAC Nagra e os powers Nagra Classic Mono). Caixas: Wilson Audio Sasha DAW, e Kii Audio Three.

Minha expectativa inicial era que a Umami Red estivesse alguns degraus acima da Hana ML, com maior definição, refinamento e conforto auditivo. Mas o que ouvimos foi muito além da expectativa inicial, pois são cápsulas de 'campeonatos' distintos.

A Umami Red veio para bagunçar o mercado de cápsulas Estado da Arte custando acima de 8 mil dólares, e deve fazer um estrago considerável neste segmento, pois ela coloca em xeque se realmente, para termos um analógico do mais alto padrão superlativo, ainda é necessário se gastar de 8 mil dólares para cima para se extrair todo o encanto e naturalidade do analógico.

Não temo em afirmar que a Umami se trata da melhor relação custo/performance que uma cápsula acima de 100 pontos atingiu na história da revista! E não acho que este 'posto' será tirado dela muito cedo.

O que a Excel conseguiu em termos de performance com a Umami Red irá refletir por muitos e muitos anos neste mercado de ponta, pois foram capazes de quebrar diversos paradigmas de preço e de performance. Ter este grau de refinamento por menos de 5 mil dólares, seria algo impensável cinco anos atrás!

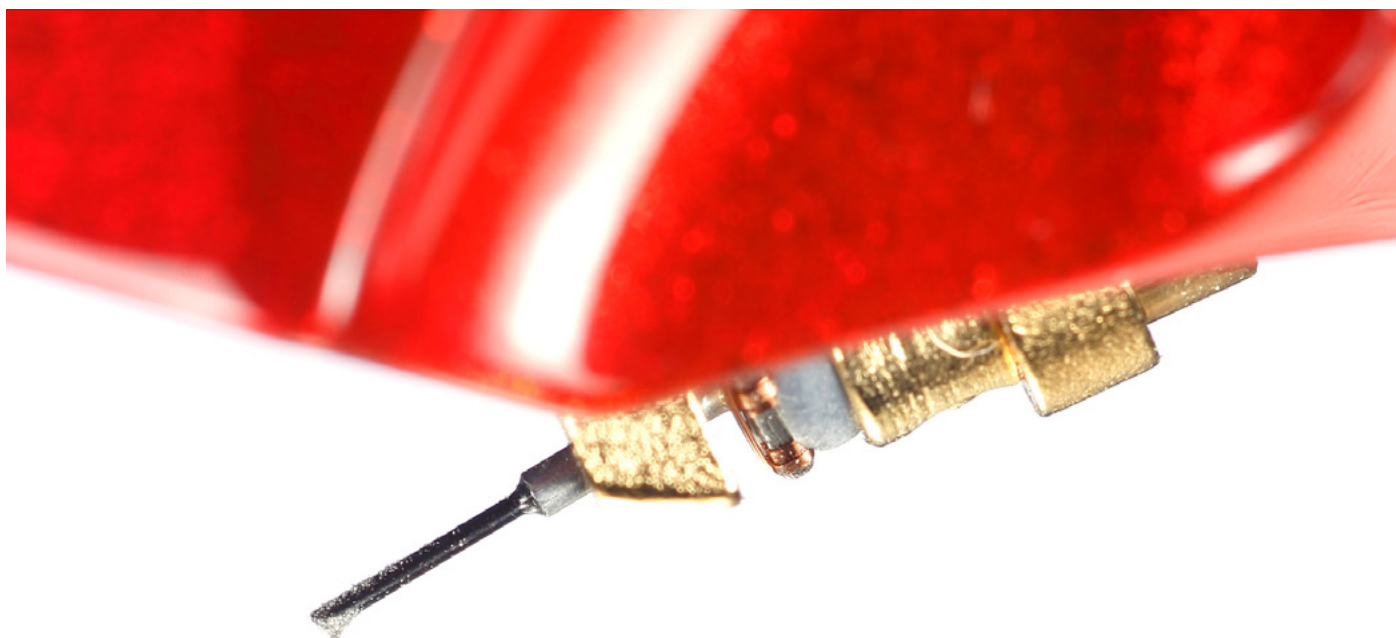
Nos 25 anos da revista testamos algumas das melhores cápsulas do mercado, cápsulas que ultrapassaram com folga os 100 pontos, mas todas custando o dobro ou o triplo do preço da Umami Red. Então o que descreveremos em termos de performance dessa cápsula será de enorme interesse a todos os amantes de analógico, independente da cápsula que tenham em seu sistema na atualidade.

O fabricante fala em 50 horas para a Umami estar totalmente amaciada, mas o interessante é que com apenas 10 horas de uso, ela já mostra a que veio. E as outras 40 horas serão apenas para ajuste de seu grau de refinamento e precisão.

A maior mudança nessas 50 horas é que ela perde a ênfase na precisão e detalhamento, para ganhar equilíbrio na naturalidade dos timbres, no corpo em todo o espectro audível, e na projeção 3D do palco sonoro.

Achei, nos primeiros dois dias de audição, que a Hana iria se qualificar como a cápsula mais neutra que avaliamos. No entanto, a partir do terceiro dia, esta neutralidade continuou evidente, mas





seu impressionante equilíbrio tonal, que chega a ser quase que perfeccionista, e sua apresentação 3D, deram forma e graciosidade a suas apresentações.

Com o setup Origin Live, o resultado é bellissimo, pois este toca-discos e o braço de 12 polegadas também possuem essas mesmas características, com a vantagem de serem capazes de extrair informações dos sulcos que jamais extraímos com nenhum outro toca-discos que tivemos como referência ou testamos.

Felizmente, antes do toca-discos da Origin chegar, ouvimos metade do amaciamento da Hana com o braço Origin Enterprise de 12 polegadas no Timeless Ceres, o que nos permitiu perceber que a neutralidade da Umami Red é uma de suas maiores virtudes.

Mas depois de instalada no setup todo Origin, esta neutralidade se somou à precisão de tempo, ritmo e andamento do toca-discos, fazendo desta combinação a mais impressionante que escutamos em analógico em nossa sala - principalmente ligados ao pré de phono da Nagra: Meu Deus! Que estrago este setup fez nas minhas noites e madrugadas.

Se estivéssemos falando de astrologia, diria que esta fora a conjunção perfeita de astros e que provavelmente só acontece de tempos em tempos!

Uma característica importante da Hana é sua capacidade de jamais sobrepor algo, ou dar cor ou enfatizar alguma frequência em termos de equilíbrio tonal. O que nos leva a observar as gravações de um outro ângulo, como se tudo estivesse sendo escutado pela primeira vez, ou tudo tivesse sido remixado.

Claro que o setup (Origin Live + Nagra Phono) foi o companheiro ideal para este grau de requinte da Hana, mas não podemos fugir do famigerado 'elo fraco' - portanto se a Umami não tivesse 'garrafas para vender', o resultado não seria tão impressionante e consistente.

O soundstage da Hana é digno de ser tratado como holográfico e tridimensional. As caixas 'somem', e o ouvinte fica frente a frente com o acontecimento musical em termos de largura, altura, profundidade e planos. O detalhe é a apresentação do foco e recorte da Hana, comprovando sua exímia qualidade em ler, como poucas cápsulas, com tanta precisão os sulcos. Ouvi gravações de música clássica 'petrificado' com o grau de realismo. Essa magia, por mais que o digital tenha galgado muitos degraus, ainda não consegue se igualar.

Depois de semanas com este setup, para voltar a escutar digital meu amigo, é preciso recodificar o cérebro, literalmente!

À medida que as 40 horas de amaciamento foram chegando, a pilha de discos foi aumentando em tal ordem que precisaria estender este teste para o dobro do tempo disponível, já que o pré de phono Nagra tinha data para sair de nosso convívio. Então passei a selecionar o supra sumo em termos de qualidade artística, para poder desfrutar desse 'sonho' o máximo possível.

Só fui ouvir os LPs para avaliação de textura quando a cápsula atingiu as 40 horas, pois sabia pelas audições preliminares, que este quesito seria como chegar ao âmago da intencionalidade. Dito e feito, as gravações de quartetos de cordas ganharam um padrão de referência, que me levou a questionar o quanto o analógico ainda



hoje foi subdimensionado. Tornando-se algo tão privado, que poucos tiveram a sorte e o prazer de extrair desses velhos discos pretos todo o seu esplendor. E olhe, amigo leitor, que já tivemos a oportunidade de avaliar excelentes componentes analógicos, mas repito: não nesta conjunção em que tudo está devidamente alinhado na hora e lugar correto!

Se fosse possível gravar este momento para mostrar na posteridade, acredite; eu faria!

Muitos leitores me perguntam o que significa a 'intencionalidade' no quesito textura. E seria simples se a pandemia já tivesse terminado e pudéssemos iniciar os Cursos de Percepção Auditiva, pois com os exemplos que temos, a compreensão é simples. Trata-se de ouvirmos a qualidade do instrumento, do músico, do microfone utilizado, da complexidade do arranjo da composição e execução. E sem um equilíbrio tonal perfeito, essas características da textura ficam 'submersas' deixando-nos apenas perceber se o instrumento soa mais aveludado ou áspero. Ou seja, muito pouco para um sistema que tenha pretensões de ser um genuíno hi-end.

A Umami Red tem o dom de nos mostrar o grau de qualidade de tudo, sem esconder nada, nos fazendo até perceber, por exemplo, a diferença de qualidade entre os instrumentos de um quarteto de cordas, o nível de virtuosidade dos mesmos, e até a qualidade dos microfones utilizados na gravação. Mas não pensem que isto tira a atenção da música como já vi algumas pessoas afirmarem (que tamanho preciosismo atrapalha) - pelo contrário, nosso cérebro fica ainda mais convencido que não se trata mais de reprodução eletrônica.

E se este não é objetivo final de um setup hi-end, que outro poderia ser?

Todos que conhecem o álbum branco do Keith Jarrett (Köln Concert), sabem que o piano utilizado naquele concerto ao vivo era um piano de péssima qualidade (tanto que ele pensou em não se apresentar, mas foi convencido a fazê-lo pois perderia o contrato com a gravadora ECM). E, por ironia do destino, justamente este disco se tornou o disco mais vendido da ECM. Pois bem, este, pelas limitações técnicas, é um disco difícil de ser reproduzido sem soar anasalado na região média-alta, e a última oitava da mão direita ter som de vidro. E ainda com toda essa limitação do instrumento, o som que o Keith Jarrett extraiu do piano é de uma beleza encantadora. A experiência de ouvir este disco na Hana Umami '& Cia', foi maravilhosa. Pois, pela primeira vez, o anasalado e o brilho excessivo da última oitava ganharam, para o alento de nossos ouvidos, um componente que sempre falta: o feltro nos martelos do piano!





Excelência em todos os
DETALHES

Cada Wilson Audio possui o mesmo DNA sonoro.
O que muda é apenas a intensidade da magia.
Descubra o modelo exato para suas expectativas.



Sabrina X



Sasha DAW

Master Chronosonic

WILSON
AUDIO

www.ferraritechnologies.com.br
info@ferraritechnologies.com.br
Telefones: (11) 99471.1477 / 98369.3001



FERRARI
TECHNOLOGIES
Áudio, Vídeo e Acústica

E como este detalhe fez enorme diferença, amigo leitor! Tanto que escutei os quatro lados por duas vezes no mesmo dia, e fiz inúmeras anotações no meu caderno pessoal. Não falo de milagres, pois o que foi registrado, registrado está. Mas a sutil melhora no equilíbrio tonal e na apresentação das texturas, foram cruciais para se ter uma audição muito mais prazerosa e esquecer das limitações, e mergulhar integralmente na música.

Foi certamente uma noite inesquecível a todos que tiveram a oportunidade de estar ao vivo naquela apresentação. E a nós, a felicidade deste momento ter sido registrado para a posteridade.

Os transientes da Hana são estonteantes em termos de precisão e autoridade. Adoro, para este quesito, fechar a nota com a famosa apresentação do Al Di Meola e o Paco de Lucia, no disco **Friday Night in San Francisco** (tenho este disco em 33 e 45 RPM) - a virtuosidade dos dois é de tirar o fôlego! Mas um detalhe sempre chama a atenção: o primeiro solo do Al Di Meola no canal direito. Muitas cápsulas dão a nítida sensação de atropelar as notas, ou deixar elas um pouco difusas.

A Hana diseca a velocidade e precisão do Al Di Meola, no auge de sua virtuosidade! Nós que perdemos o fôlego, ao ouvir tudo nota por nota, sem atropelo, sem dúvida do que está sendo tocado. Poderia dar outros bons exemplos de transientes, mas este é tão perfeito, que acho que todos que conhecem e apreciam esta gravação, entenderão perfeitamente o que escrevi. Detalhe: também uso este disco para avaliação de equilíbrio tonal, pois muitas vezes os violões possuem um brilho que descaracteriza o fato de estarmos falando de cordas de nylon (principalmente no CD).

E também gosto de ouvir esta faixa para textura, pois a diferença da técnica de palheta do Al Di Meola para os dedos do Paco de Lucia, é evidente.

E, se bobear, também utilizo esta faixa para avaliação de corpo harmônico, pois em muitos setups os violões têm o tamanho de um cello, rs!

Então, se um dia precisar avaliar todos esses 4 quesitos com um único disco, você já sabe qual será minha escolha.

A dinâmica desta cápsula só não é melhor que a da Soundsmith Hyperion 2, e está no mesmo nível de todas as outras cápsulas acima de 102 pontos, em nossa Metodologia. Sua micro e macrodinâmica são excepcionais! Pena eu não ter em LP a Abertura 1812 de Tchaikovsky da Telarc, mas tenho três interessantes gravações da Sinfonia Fantástica de Berlioz, sendo a mais impressionante a da Reference Recordings em 45 RPM.

Meu amigo, a gradação de pianíssimo para o fortíssimo é de tamanho grau de conforto auditivo, que chegamos a duvidar que é possível ouvir em muitas cápsulas com pressão sonora acima de

92 dB, sem o sinal endurecer e ficar desconfortável! Este foi um exemplo que, com a maioria das cápsulas, sempre tomei muito cuidado. Desta vez, como ajustei o volume, este ficou até o final, com enorme folga até o 'tutti' final.

Outro LP que adoro usar para avaliação de micro e macro é o famoso Bolero de Ravel (tenho excelentes gravações, então fica até difícil ter uma preferida). Aqui sempre temos um começo que vivemos com o volume lá em cima, e à medida que a orquestra vem crescendo, temos que ir monitorando o volume ladeira abaixo. Esquece, pois a leitura da Umami Red na microdinâmica é impressionante, assim como a capacidade de ouvirmos os instrumentos solistas dobrados ou triplicados, sem nenhum esforço adicional (basta termos feito a lição de casa e termos familiaridade com os instrumentos de sopro de uma orquestra sinfônica).

O corpo harmônico nos faz voltar a realidade de que, se tem algo que o digital não conseguiu ainda chegar, é este quesito.

Tomamos sustos atrás de sustos, ao ouvir gravações dos anos dourados do analógico (fim da década de 50 e 60), e ver o quanto soa real qualquer instrumento, ainda que os microfones estivessem a distâncias razoáveis de todos os instrumentos e fossem apenas três microfones. O pulo do gato era a acústica excelente das salas de gravação, e os músicos saberem que era preciso tocar alto e o mais limpo e preciso possível. Sempre ouvi dizerem que os pratos soavam abafados, e com rápido decaimento, na maioria das gravações deste período. Além de terem um corpo 'tímido'. Um dos que sempre reclamaram foi um amigo baterista, de longa data. Pois o chamei para ouvir gravações do Duke Ellington, Bill Evans e Miles Davis deste período. E ele mudou de opinião instantaneamente! Soam soberbos em termos de corpo, qualquer instrumento, seja de percussão, cordas ou sopro.

Falar em Organicidade para este setup é a mais pura covardia e ingenuidade. Pois em nenhum momento de nossa história tivemos o privilégio de ter a materialização dos músicos de forma tão fidedigna a nossa frente. As vozes possuem um tamanho realismo, que nosso cérebro se rende ao primeiro acorde!

Poderia simplesmente dizer que a Umami Red fecha com chave de ouro este teste, com sua emocionante musicalidade. Mas escrever isto é simplesmente resumir de forma indevida todos os seus inúmeros e consistentes atributos. Para atingir este grau de musicalidade, é preciso que os sete quesitos de nossa Metodologia estejam em perfeito equilíbrio e harmonia, pois não existe maneira de 'burlar' esta regra.

Claro que os méritos finais sempre irão cair na soma do todo, que desemboca na musicalidade, mas nenhum equipamento atinge este grau de maturidade e excelência, de os mais ínfimos detalhes não tiverem sido trabalhados.

CONCLUSÃO

O que importa é que a Hana Umami Red é uma cápsula que veio para mudar a maneira de se escolher cápsulas de nível superlativo. E dar a chance aos menos abonados (como a esmagadora maioria de audiófilos) de ter uma cápsula de nível Superlativo por menos da metade do preço de todas as cápsulas acima de 100 pontos.

Este é um mérito que os outros fabricantes precisarão correr atrás, pois se ficarem se 'alimentando' dos louros e fama de tempos passados, serão literalmente atropelados por esta cápsula. Pois o conjunto de qualidades que a Umami atingiu é muito maior que as partes.

Dê a ela um setup à sua altura, e mostre orgulhoso aos amigos e parentes que ter uma cápsula que soa divina, não é mais mérito só dos abonados! ■

PONTOS POSITIVOS

Soberbamente construída, inteligentemente bem resolvida e sonoramente estupenda.

PONTOS NEGATIVOS

Ao seu preço, nada que a desabone

CÁPSULA HANA UMAMI RED

Equilíbrio Tonal	13,0
Soundstage	13,0
Textura	13,0
Transientes	13,0
Dinâmica	13,0
Corpo Harmônico	13,0
Organicidade	13,0
Musicalidade	14,0
Total	105,0

VOCAL ██████████

ROCK . POP ██████████

JAZZ . BLUES ██████████

MÚSICA DE CÂMARA ██████████

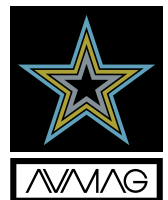
SINFÔNICA ██████████

ESPECIFICAÇÕES

Resposta de frequência	15 Hz a 50.000 Hz
Equilíbrio de saída	0.5 dB/1 KHz
Separação de canais	30 dB/1 KHz
Peso de rastreo	2g
Complância dinâmica	10 x 10 (-6) cm/dyne (100 Hz)
Peso da cápsula	10.5 g

German Audio
contato@germanaudio.com.br
R\$ 24.900

**ESTADO
DA ARTE**
SUPERLATIVO



TESTE
4
AUDIO



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=I2XG9RX6XOQ](https://www.youtube.com/watch?v=I2XG9RX6XOQ)



TOCA-DISCOS THORENS TD 148 A



Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

Em uma edição comemorativa de 25 anos, em que quisemos fazer uma homenagem à topologia que deu sentido à busca pelo hi-end: o analógico, seria frustrante não apresentar também nesta mesma edição um toca-discos mais próximo à nossa realidade.

E foi assim que escolhemos o Thorens TD 148 A para também fazer parte desta edição comemorativa. Afinal, a Thorens é parte desta maravilhosa história da busca pela alta fidelidade com toca-discos que marcaram época e foram verdadeiras referências a serem batidas.

Que audiófilo com mais de 40 anos não teve ou conheceu alguém que ainda tem um setup analógico com os modelos TD 160, TD 124 ou o TD 125, com os braços da própria Thorens ou os tão desejados SME 3009, ou os Jelcos?

Eu tive, por quase duas décadas, primeiro o TD 160 e, posteriormente, o TD 124, comprado na Raul Duarte, ainda na Rua Sete de Abril, diretamente das mãos do Cassiano, o pai das meninas da

Raul Duarte (como elas ficaram conhecidas após o falecimento do pai). E o mais impressionante é que ambos ainda estão em perfeito funcionamento com dois queridos amigos músicos, que os tratam como as “joias” de seus setups! Mostrando o grau de confiabilidade desses toca-discos quando bem cuidados!

A Thorens agora se encontra na mão de seu terceiro dono, e o novo CEO é um profissional de enorme competência e com muitos e muitos anos de mercado, afinal foi presidente da Elac, uma outra empresa alemã com uma longa história de bons serviços prestados à alta fidelidade. E sob esta nova direção, a Thorens quer manter sua história e credibilidade vivas. Mas quer avançar e conquistar um nicho mais jovem, e que deseja um toca-discos prático, moderno e se possível de boa qualidade.

O mercado de toca-discos intermediários está cada vez mais competitivo, e cada centavo conta pontos nesta briga por uma maior parcela neste segmento tão atraente.

A Thorens, em sua longa história, nunca brigou nesta faixa de preço, pois sempre seus toca-discos buscavam atender o consumidor que desejava um definitivo, e com um grau de precisão que atendesse tanto a uma boa performance sonora, como a manutenção de seus valiosos discos.

Pois não pensem vocês, com menos de 40 anos, que no auge do vinil, não se produzia muita porcaria! Toca-discos que destruíam os discos com as famosas cápsulas de cerâmica, capazes de deixar um LP totalmente esbranquiçado após corroer os sulcos.

Eu vi tantas barbaridades nos meus sessenta e três anos de idade, que daria para escrever uns 50 Espaços Abertos, só falando dos crimes cometidos aos pobres discos, com moedas ou caixas de fósforos penduradas no shell do braço, sobre a cápsula, elásticos sendo usados como anti skating, cabos de braço soldados à cápsula. Atrocidades capazes de destruir discos em três a quatro audições.

Para os jovens que começam sua peregrinação aos sebos, em busca de raridades que custem de 10 a 30 reais, prestem muita atenção: se o LP estiver esbranquiçado, os sulcos foram destruídos e se você, ao tocá-lo em seu toca-discos, irá destruir sua agulha também.

E não pense que os toca-discos indecentes ficaram no passado - ledô engano. Todas essas "vitrolas" oferecidas a menos de 3000 reais são descendentes direto das antigas vitrolas destruidoras de

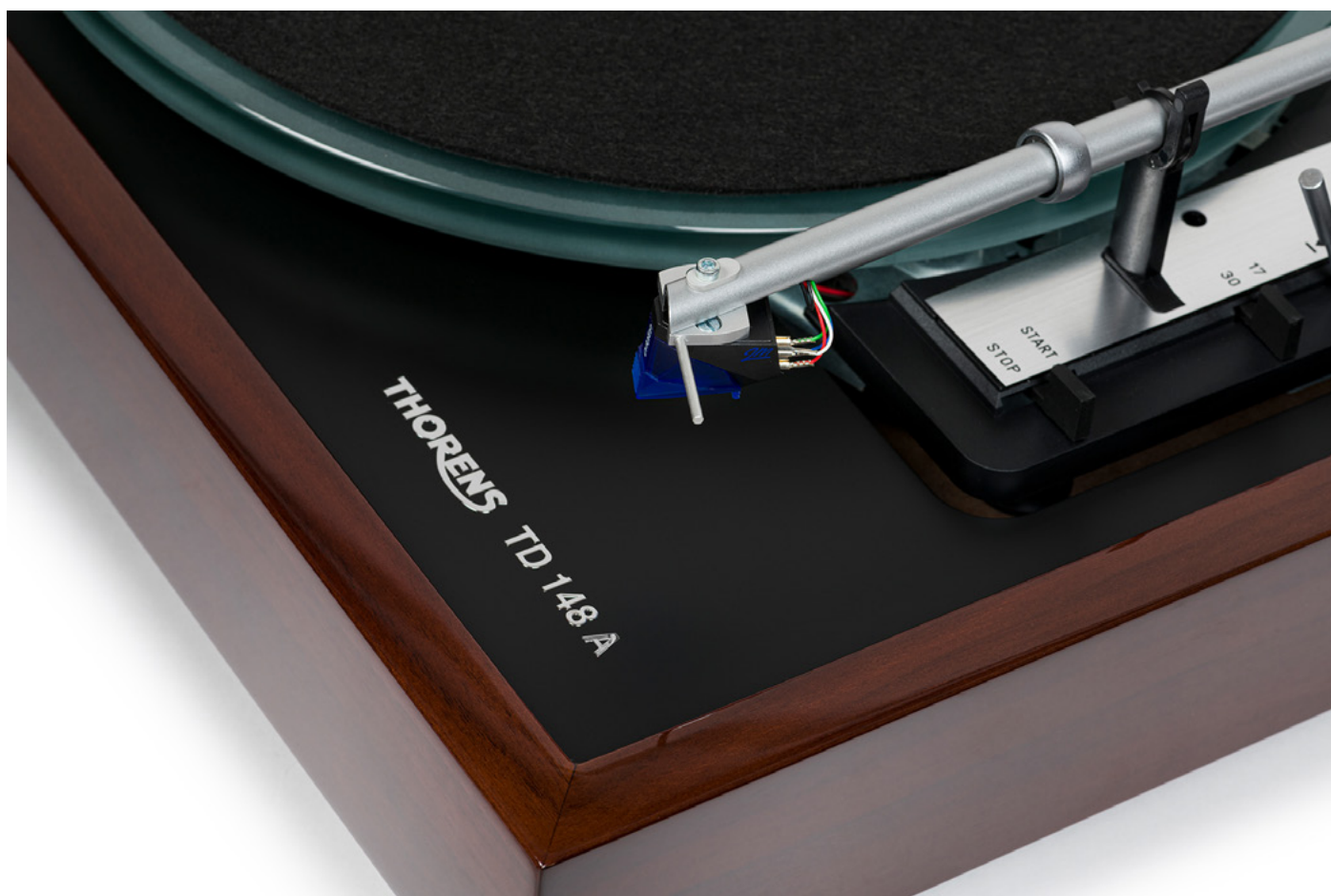
discos. O mercado "consumer" nunca irá aprender a respeitar o melômano e o audiófilo com um orçamento muito apertado. Pois eles sabem que o número de consumidores desinformados é enorme.

Para os que desejam se aventurar na "magia sonora" do analógico, tenham em mente, como sempre escrevo, que será necessário pelo menos R\$ 5.000 para a compra de um toca-discos decente que não vai destruir seus discos, e que vai lhe proporcionar prazer em escutar seus LPs. Os bons permitem ajustes no braço e no peso da cápsula, para que seus discos não sejam danificados e durem por décadas! E para extrair o melhor som!

O TD 148 A faz parte deste time de TDs com o mínimo de qualidade, que aceita upgrades de cápsulas e tem alguns mimos - como ao término do disco levantar o braço para você não ter que correr e não deixar a agulha encostar no selo do disco (ruído que é bem desagradável e que pode muito bem cortar o barato de uma audição prazerosa).

Em sua classe de toca-discos, o TD 148 A possui um chassi de suspensão flutuante de duas peças, que protege o disco e o braço de vibrações externas. O gabinete é feito de MDF e pode ter acabamento em folheado de madeira natural ou em preto (o que veio para teste tinha o acabamento de madeira, muito bonito). E o sub-chassi é feito de alumínio. A suspensão, como na maioria dos Thorens, é para manter o toca-discos o mais estável possível. A transmissão é





feita por correia (belt-drive), com um motor totalmente desacoplado do chassi. O prato é feito de vidro temperado e polido, para um acabamento mais refinado. O toca-discos vem com um braço TP 92 feito sob encomenda para a ELAC. Este braço, ainda que minimalista e despojado de refinados controles, tem força de rastreamento e anti skating também ajustáveis.

Este modelo já vem de fábrica com uma cápsula Thorens TAS 267 (Audio Technica AT-95E), que já sai de fábrica ajustada. É o tão falado plug & play, para os marinheiros de primeira viagem que querem tudo “à mão”. O que indicamos e sugerimos é que o TD 148 A pode render muito mais do que o pacote que ele sai de fábrica, merecendo cápsulas melhores e mais refinadas.

Este modelo possui três velocidades de rotação (33, 45 e 78 RPM), que são selecionados do lado esquerdo do painel por uma chave, mas que será preciso lembrar, aos que não sabem, que caso deseje se escutar um disco em 78 RPM, será necessário o uso de uma cápsula específica, pois do contrário o risco de destruir a cápsula para 33 e 45 RPM é total! O TD 148 A possui modo de uso manual e automático (ainda bem, pois pessoas velhas como eu, jamais se acostuariam com o padrão automático).

Para que o automático funcione é necessário colocar o interruptor especial na posição do diâmetro do prato no final do disco. Feito este procedimento, de levar o braço até o final do disco, toda vez que o mesmo acabar o braço se levanta e o motor desliga.

Eu usei o tempo todo no modo manual, pois são décadas e mais décadas levantando e trocando o disco de lado, que fazer algo diferente deste ritual me parece estranho demais. Mas não sou contra oferecer novidades às gerações acostumadas a comandos sem sair da cadeira - ainda que no analógico não se tenha saída de, a cada 20 minutos, exercitar as pernas e os braços - é inevitável.

Para o teste, utilizamos basicamente os prés de phono Boulder 508 o PS Audio Stellar. Os cabos foram os Virtual Reality (RCA e XLR) e o Sunrise Lab Quintessence (RCA e XLR). As cápsulas, além da MM que veio no TD 148 A, ouvimos a Hana ML e também a Ortofon 2M Red.

Começo minha avaliação auditiva afirmando que o Thorens merece, no mínimo, uma Ortofon 2M RED. Pois as diferenças em termos de performance serão enormes! Com a cápsula que vem instalada, o som carece de vivacidade e inteligibilidade em passagens mais complexas. Falta os extremos e, principalmente, o som carece do DNA ▶

do analógico, que é justamente um som com corpo bem próximo do real, e aquela folga e conforto auditivo tão presente no analógico.

Entendo que, para tornar o aparelho competitivo em um mercado tão disputado, a Thorens optou por uma cápsula muito de entrada. Mas, com isso, deu um tiro no próprio pé, pois deixou exposto o elo fraco que é justamente a cápsula. Eu repensaria essa estratégia, pois em uma apresentação com seus concorrentes diretos, o Thorens não irá se destacar pelo som. Ainda que, nos outros quesitos, ele ganhe facilmente dos TDs de entrada muito mais despojados e simples. Mas se o que conta para o consumidor é a performance acima de tudo, esta estratégia deveria ser repensada.

Para o leitor ter uma ideia clara, com a cápsula que ele vem, sua nota seria inferior à de um toca-discos bem de entrada e básico. Mas com uma 2M Red ele se mostrou consistentemente superior aos toca-discos de entrada em todos os quesitos da Metodologia. E com a Hana ML, conseguiu extrair o sumo do sumo de suas habilidades, pois possui um bom braço, ainda que simples, é silencioso, tem baixa variação de rotação e um prato de muito bom nível.

Então, para facilitar o leitor, ao final daremos duas notas: com a cápsula original e com a Ortofon 2M Red.

No início do teste, achamos que a falta de “vivacidade” poderia ser algum problema na resposta de transientes, e na velocidade. Usei o disco de strobo diversas vezes para me certificar que não era problema de variação de velocidade. E não era, pois foi instalar a 2M Red e tudo mudou da água para o vinho. Ganhamos vivacidade, presença, corpo, maior extensão nas duas pontas, melhores planos, e uma apresentação muito mais condizente.

Os toca-discos de entrada e intermediários são por demais dependentes da escolha certa da cápsula para poder “justificar” o investimento. Então, se você está pensando em se embrenhar pelo analógico, saiba que é preciso planejar e ter em mente, dentro de seu orçamento, todas as opções possíveis. E esqueça o discurso do “desembalar, conectar e sair dando piruetas de alegria pela sala” ao ouvir o primeiro LP. Isso não existe nem nos contos de fadas atuais!

Montar um setup analógico é tarefa que exige paciência, conhecimento e ousadia. Se não, será rapidamente usado como objeto de decoração em sua sala de estar e nada mais que isso.

CONCLUSÃO

O Thorens TD 148 A pode sim ser o seu primeiro toca-discos, capaz de lhe dar prazer em ouvir LPs - mas não lhe levará a orgasmos ▶

Nossa nova série de cabos não recebeu esse nome por acaso. Ele realmente é uma referência e sua sonoridade é mágica!



**Cabo de Interconexão
Reference Magic Scope**



**Cabo de caixa acústica
Reference Magic Scope**



**Cabo Digital
Reference Magic Scope**

*A Sunrise Lab ao desenvolver sua nova linha Reference Magic Scope, tinha como objetivo primordial possibilitar a todos um cabo Estado da Arte de alta compatibilidade e com um custo justo e acessível a todos.
Se você deseja um upgrade seguro e definitivo para o seu sistema, ouça-os.*

Setup & Upgrade de Toca-Discos de Vinil • Upgrades & MODs • Acessórios • Consultoria • Assistência Técnica

sonoros nunca! Mas também não o desapontará, desde que siga as recomendações aqui feitas.

Primeiramente: lembre-se de colocar no orçamento a compra de uma cápsula de qualidade compatível com o braço desse toca-discos.

Segundo: se certifique que o pré de phono também esteja à altura do setup, e que seja silencioso o suficiente para apresentar os detalhes das gravações.

E terceiro: nada de usar aquele surrado cabo guardado em uma gaveta cheia de controles remotos, também velhos, de equipamentos que nem existem mais. Utilize um cabo decente de entrada blindado (pois um setup analógico é altamente suscetível à interferência de Rádio-Frequência). E certifique-se de ligar o fio-terra no chassi do Thorens.

Com esses cuidados, e o braço corretamente ajustado para uma nova e boa cápsula, o Thorens TD 148 A pode ser digno da história desta empresa. ■

PONTOS POSITIVOS

Excelente relação custo/performance.

PONTOS NEGATIVOS

Nada nesta faixa de preço.

ESPECIFICAÇÕES

Tipo	Toca-discos automático
Tração	Belt-drive (correia)
Motor	DC eletronicamente controlado
Velocidades	33-1/3, 45, 78 RPM (selecionada eletronicamente)
Prato	12" / 2,3 kg (vidro de quartzo)
Anti-Skating	Por mola (ajustável)
Desligamento automático	Sim
Capacitância do cabo	160 pF
Alimentação	115-230 V, 50-60 Hz
Dimensões (L x A x P)	430 x 140 x 370 mm
Peso	7,9 Kg

TOCA-DISCOS THORENS TD 148 A (COM USO DA CÁPSULA DE FÁBRICA)

Equilíbrio Tonal	7,0
Soundstage	7,0
Textura	6,0
Transientes	6,0
Dinâmica	6,0
Corpo Harmônico	6,0
Organicidade	6,0
Musicalidade	6,0
Total	50,0

PRATA
RECOMENDADO



TOCA-DISCOS THORENS TD 148 A (COM USO DA CÁPSULA ORTOFON 2M RED)

Equilíbrio Tonal	9,0
Soundstage	9,0
Textura	9,0
Transientes	9,0
Dinâmica	7,0
Corpo Harmônico	9,0
Organicidade	9,0
Musicalidade	8,0
Total	70,0

KW Hi-Fi
(48) 3236.3385
R\$ 14.700

OURO
REFERÊNCIA



TESTE

1

VIDEO



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=UTXLGTTSH6I](https://www.youtube.com/watch?v=UTXLGTTSH6I)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=GKGWPRHRESS](https://www.youtube.com/watch?v=GKGWPRHRESS)

PROJETOR SAMSUNG THE PREMIERE LSP9T



Jean Rothman
revista@clubedoaudio.com.br

A Samsung lançou o projetor LSP9T, também conhecido como 'The Premiere', e entra em um novo e promissor mercado, conhecido como *Ultra Short Throw*, ou Ultra Curta Distância.

Este projetor consegue produzir uma imagem de até 130 polegadas, estando a apenas 24cm da parede. Sua fonte de iluminação é um laser triplo RGB, conferindo ampla gama de cores, vida útil extremamente longa de 20.000 horas, segundo o fabricante, e facilidade de uso com função ligar/desligar quase instantânea.

O lançamento também inclui um irmão menor, o LSP7T, capaz de projetar imagens até 120 polegadas, 2.200 lumens de brilho, gama de cores um pouco menos abrangente (83% do DCI-P3 contra 147% do LSP9T), áudio de 2.2 canais e 30W contra 4.2 canais e 40W de seu irmão maior e uma fonte única de laser contra um laser triplo do LSP9T. As conexões e recursos são iguais entre os dois modelos.

O LSP9T suporta 4K Ultra HD, HDR e HDR10+ e possui 2.800 lumens de brilho. Ele foi feito para substituir uma TV de forma autônoma, pois seu sistema operacional e interface é idêntico às Smart TVs Samsung. Entre suas características, oferece conexão Wi-Fi, Bluetooth, AirPlay, plataforma inteligente Tizen, além de funcionar com Alexa, Google Assistant e Bixby. Além disso, já vem com um soundbar integrado. Isto significa que, ao contrário de projetores convencionais que necessitam de fontes de imagem externas, cabeamento e infraestrutura específicos, e equipamentos de áudio, o LSP9T é tão prático como qualquer TV: basta tirar da caixa, ligar na tomada e desfrutar de uma linda imagem.

DESIGN, CONEXÕES E CONTROLE

O Samsung The Premiere apresenta um design bem moderno, na cor branca e com linhas curvas. Suas dimensões permitem que o projetor seja colocado discretamente perto da parede sem ocupar ▶



muito espaço. O LSP9T mede 55,0 x 14,1 x 36,7 cm (L x A x P) e pesa 11,5 kg. Além dos alto-falantes revestidos de tecido na frente, as únicas outras características visíveis são um slot na parte superior, onde a lente está localizada, e entradas e saídas de ar em ambos os lados. A lente projeta para trás em direção à parede e há um recurso de segurança chamado “Modo de proteção ocular” que atenua automaticamente a intensidade da luz do projetor se você bloquear o feixe luminoso.

As conexões estão localizadas na parte traseira, próximo à parede, e surpreendem em se tratando de um projetor. Existem três entradas HDMI 4K / 60p com suporte para alta faixa dinâmica (HDR10, HLG, HDR10+), ampla gama de cores e HDCP 2.2, uma delas também suporta eARC. Esta é uma adição bem-vinda, permitindo que os usuários passem o áudio sem perdas dos aplicativos integrados e outros dispositivos conectados de volta para um sistema de som externo, caso decidam não usar os alto-falantes integrados. Há uma saída digital óptica, uma porta USB, uma porta Ethernet e Wi-Fi integrado. Além disso, o LSP9T oferece suporte a Bluetooth, Apple AirPlay, Bixby integrado e funciona com Amazon Alexa e Google Assistant.

O controle remoto incluído é muito parecido com os utilizados pela Samsung em suas TVs e soundbars, mas na cor branca para combinar com o projetor. É bem projetado, intuitivo de usar e confortável

de segurar. O controle também tem um microfone embutido para comandos de voz.

RECURSOS

O Samsung LSP9T usa três fontes de laser em vez de uma lâmpada com roda de cores. A fonte de luz é composta de lasers vermelhos, verdes e azuis e mapeamento de cores de 16 bits, que fornece imagens mais brilhantes, uma vida útil de 20.000 horas em comparação com apenas 2.000 a 3.000 horas para uma lâmpada xenon, e operação de ligar/desligar quase instantânea, em oposição aos longos períodos de inicialização e resfriamento associados aos projetores baseados em lâmpadas. Como não há roda de cores, a fonte de luz laser também deve minimizar a distorção de cores e os artefatos de arco-íris (rainbow effects) que frequentemente afetam os projetores DLP de chip único. Graças à fonte de luz laser, ele também tem uma gama de cores muito ampla, e segundo o fabricante o LSP9T pode atingir 106% de BT.2020 e 147% de DCI-P3. O LSP9T também tem um brilho máximo declarado de 2.800 lumens, razão de contraste on/off declarada de 2.000.000:1 e nível de ruído de 32dB, ainda de acordo com o fabricante.

Como o LSP9T é um projetor ultracurto, o procedimento de instalação é bem simples. Basta colocá-lo entre 11,3 e 23,8 cm da parede, o que resulta em um tamanho de tela que varia de 100 a 130 polegadas. O usuário então, simplesmente, move o projetor

para a esquerda ou direita para centralizar a imagem, verifica se ele está paralelo à parede ou tela, e ajusta os pés para nivelá-lo. Há também, nos menus, um controle motorizado nos para ajuste de foco.

Como normalmente acontece com os projetores ultra-short throw, embora a configuração seja simples, você não tem muita flexibilidade. O projetor deve ficar na parte inferior da parede ou tela e deve estar paralelo, você então o move de um lado para o outro para alinhá-lo, e afasta ou aproxima da parede para alterar o tamanho. Além de ajustar o foco, não há muito mais que você possa fazer. Há um ajuste de keystone para corrigir distorções, se necessário, mas este controle costuma distorcer a imagem e é melhor evitá-lo, se possível.

O LSP9T inclui o sistema operacional Tizen completo da Samsung, que resulta na mesma plataforma inteligente das TVs da empresa. Tal como acontece com as TVs, o sistema é intuitivamente projetado, rápido e responsivo.

A plataforma inteligente se beneficia de uma escolha abrangente de aplicativos de streaming de vídeo, que inclui Netflix, Amazon Prime, Apple TV +, Disney + e YouTube. Os aplicativos respondem bem e a qualidade da imagem é excelente, com suporte HDR quando apropriado.

O aplicativo Amazon Prime oferece suporte a HDR10 + com decodificação de formato de metadados dinâmicos. Dependendo do aplicativo, você também pode enviar o áudio bitstream Dolby Atmos para uma solução de som externa usando a entrada HDMI eARC.

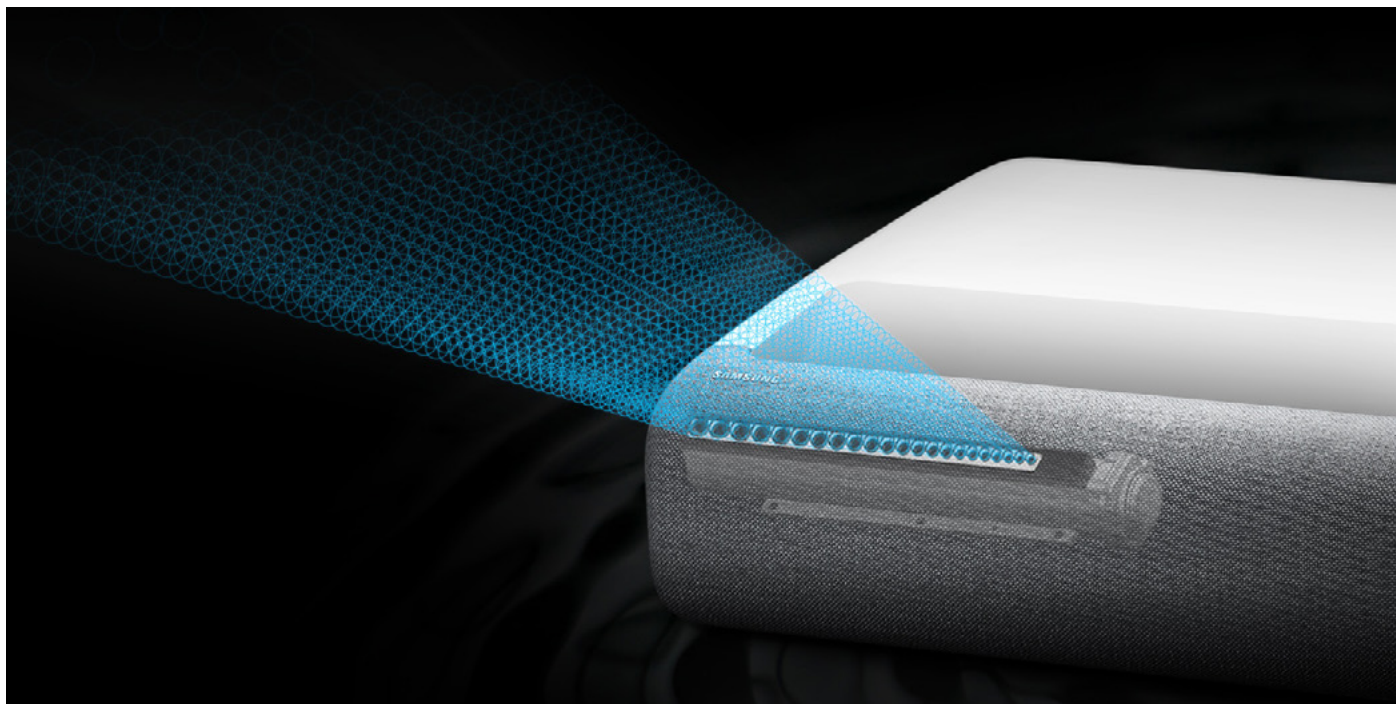
O LSP9T possui o assistente inteligente Bixby integrado da Samsung, além de Amazon Alexa e Google Assistant, dando aos usuários a escolha de todos os três assistentes de voz inteligentes. O LSP9T é compatível com o aplicativo SmartThings, o que facilita a instalação e configuração e também permite a interconexão com dispositivos IoT.

Uma das entradas HDMI, já no padrão 2.1, suporta games 4K com taxa de atualização variável (VRR) e tecnologia FreeSync. O LSP9T também inclui recursos úteis, como Tap View, espelhamento entre celular e TV com apenas um toque para usuários do Samsung Galaxy, junto com o espelhamento de tela do Android e Apple AirPlay.

ÁUDIO

O LSP9T também possui um sistema de som impressionante para um projetor, e está integrado na parte frontal, coberto por um bonito tecido cinza. Existem dois tweeters, dois woofers e tecnologia Acoustic Beam para criar um sistema de 4.2 canais com 40 W de





potência. A tecnologia Acoustic Beam é baseada em um tweeter e 22 portas afinadas em cada lado, que direcionam os sons para cima e para os lados, produzindo um palco sonoro maior e mais dinâmico.

QUALIDADE DE IMAGEM

Quando falamos de projeção de imagem, é muito importante entender como funciona essa tecnologia e quais são seus benefícios e requerimentos para uma boa performance.

Projetores não projetam o preto da imagem. Ora, se a tela é (usualmente) branca, como é que enxergamos as partes escuras da imagem? Muito simples, ausência de luz. Porções da imagem escuras são exibidas quando o projetor não projeta nada nesta porção. É a mesma coisa quando apagamos as luzes do quarto para dormir. Mesmo que as paredes sejam brancas, na ausência total de luz, elas passam a ser pretas, pois não refletem nenhuma luz.

Portanto, salas com projetores necessitam controle total de iluminação, seja pela ausência de janelas em salas dedicadas, ou cortinas/persianas com tecido blackout. Somente com ausência absoluta de luz será possível extrair ao máximo o contraste do projetor e ver pretos profundos nos filmes. A mínima incidência de luz torna o preto acinzentado, até o ponto de claridade total onde vemos imagens totalmente lavadas e sem contraste.

Porém, existe atualmente uma nova tecnologia de telas chamada de ALR, sigla para Ambient Light Rejection (veja box abaixo). São telas com diversas camadas, cujas propriedades óticas rejeitam a luz ambiente que incide sobre a tela lateral e verticalmente, aceitando

somente a luz que vem diretamente do projetor. O resultado é uma melhora significativa no contraste e níveis de preto em salas onde não se consegue controlar a iluminação. Não é a mesma coisa que uma tela branca em sala totalmente escura, mas fica muito bom e agradável de se ver. Para quem quer assistir shows e esportes em ambientes iluminados, é a opção mais indicada, pois parece uma TV gigante.

Testamos o LSP9T com uma tela ALR Screen Innovations modelo Black Diamond, específica para projetores ultra curtos. Este modelo aceita a luz vinda de um ângulo inferior e rejeita o restante de luz ambiente que possa incidir sobre a tela. Importante ressaltar que as telas ALR melhoram o contraste e níveis de preto, porém estão bem longe de ter colorimetria neutra. Significa que as 3 cores RGB não são refletidas com igual intensidade. Na tela acima há uma absorção muito grande de vermelho em relação às outras cores. Portanto, é obrigatório que o projetor seja calibrado para compensar esse desequilíbrio. Caso contrário, as cores não serão naturais e a sensação de imersão ficará prejudicada.

O LSP9T tem um desempenho impressionante e, uma vez configurado corretamente e com o foco correto, a imagem é muito nítida e detalhada. Seu chip único de DLP é o motivo pelo qual a imagem costuma parecer tão precisa. Coloque uma mídia nativa 4K e você ficará surpreso com os níveis de detalhes oferecidos. O projetor produz imagens brilhantes e livres de artefatos indesejados, e há reserva de luz suficiente para ser usada em salas não ideais ou durante o dia. Embora essas imagens sejam perfeitamente assistíveis à luz do dia, a experiência será reduzida, no entanto - feche as cortinas e você poderá apreciar totalmente os recursos deste projetor. ►

DYNAUDIO



EVOKE

Evoke é para ser ouvida na sala de estar. Nas salas de cinema em sua casa. Nas salas de audição. É o Hi-Fi de qualidade para todos os ambientes.

Esta nova gama de falantes utiliza tecnologia avançada diretamente dos nossos produtos topo de linha, incluindo acabamentos, tecnologia de condução e design. Isso significa que cada um dos cinco modelos Evoke pode vibrar com você, crescer com você e ficar com você de qualquer forma que você escute.



(11) 3582-3994
contato@impel.com.br

impel.
com.br

DISTRIBUIDORA OFICIAL DYNAUDIO NO BRASIL



Outro recurso exclusivo de imagem do LSP9T é o suporte a HDR10+. Isso significa que ele pode trabalhar com os metadados extras de cena por cena que o formato HDR10+ fornece, em vez de apenas os dados 'estáticos' do formato HDR10 padrão da indústria. O resultado ao reproduzir fontes HDR10+ é um contraste aprimorado (mais distância entre as partes mais escuras e mais claras da imagem) e mais refinamento de detalhes. Infelizmente, devido ao pouco tempo que tivemos para o teste, não foi possível efetuar calibração e testes para HDR e tampouco testá-lo com tela branca em ambiente totalmente escuro.

Mídias em Blu-Ray revelam imagens lindas, e embora os pretos pudessem ser mais profundos e as sombras mais detalhadas, não há como negar que as cores realmente se destacam e, embora os filmes sejam apenas 1080 p, o nível de detalhes foi surpreendente.

O mapeamento de tons também foi excelente, com o LSP9T lidando com as partes mais brilhantes da imagem sem cortar as altas luzes.

Os filmes e séries foram muito prazerosos de assistir, desde os detalhes na imagem 4K, até as cores notáveis e os destaques renderizados com precisão.

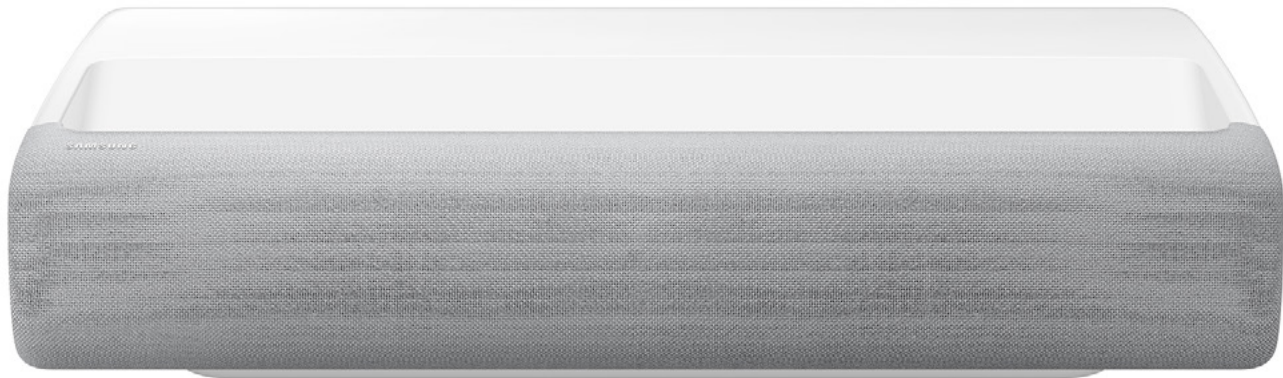
Se você está pensando em uma alternativa de tela grande para uma TV, o projetor Samsung The Premiere é altamente recomendado. ■

MÍDIAS UTILIZADAS NO TESTE

- Blu-Ray: Advanced Calibration Disc
- Blu-Ray: Spears and Munsil - HD Benchmark 2nd Edition
- Blu-Ray: O Quinto Elemento
- Blu-Ray: Missão: Impossível - Protocolo Fantasma
- Blu-Ray: DTS Demo Disc 2013
- Blu-Ray: Tony Bennet - An American Classic
- Netflix 4K: diversos trechos de filmes e séries
- Amazon Prime 4K: diversos trechos de filmes e séries

EQUIPAMENTOS

- Blu-Ray player Oppo Digital
- Colorímetro X-Rite
- Luxímetro Digital



TELAS ALR COM REJEIÇÃO DE LUZ

A Screen Innovations (SI) é uma empresa americana pioneira no desenvolvimento de telas ALR. A SI desenvolve telas a partir de uma extensa pesquisa de engenharia ótica e de materiais, com o objetivo de extrair o desempenho máximo do projetor, observadas as condições do ambiente, como ângulo de visão dos espectadores e interferências de luz.

Entre suas inovações destaca-se a tela Black Diamond, para projetores de ultra curta distância, uma tela discreta, de cor cinza escuro opaca, composta por nove camadas óticas, capazes melhorar o contraste da imagem em até 900% e rejeitar 90% das interferências de luz ambiente. Além disso, são compatíveis com projetores 8k, o mais elevado padrão da indústria. O ponto alto dessa tela é a tecnologia ALR (do inglês, Rejeição de Luz Ambiente), que reflete ou retorna para a sala as fontes de luz ambiente sem a qual a imagem da tela ficaria apagada, sem brilho e quase sem percepção de contraste, o que é caracterizado como o aspecto de imagem esbranquiçada e lavada, sem detalhes e sem cores.

Assim, para funcionar adequadamente, a tela Black Diamond faz uma reflexão seletiva, uma vez que a orientação das camadas do material da tela rejeita a absorção de luz oriunda de todas as direções, menos àquela gerada pelo foco de luz do projetor. Porém, esse processo de rejeição deve guiar os focos de luz ambiente para fora do campo visual do espectador, o que torna a construção de uma boa tela ALR ainda mais desafiadora. Como resultado, o que se vê é, em grande parte, apenas a luz gerada pela lâmpada do projetor. Além disso, as telas da SI têm, através da relação de ganho de seu acabamento, a capacidade de melhorar sensivelmente o contraste, provendo uma experiência muito mais rica entre tons claros e escuros da imagem, o que seria impossível de se obter com uma tela comum dentro de um ambiente iluminado.

ANÁLISE GERAL

Descrição	Pontos
Design	10
Acabamento	10
Características de Instalação	10
Controle Remoto	09
Recursos	10
Automação e Conectividade	10
Qualidade de Imagem em SD	09
Qualidade de Imagem em HD e UHD	11
Qualidade de Áudio	08
Consumo e Aquecimento	09
Total	96

Samsung
www.samsung.com.br
 Preços sugeridos:
 Lsp9: R\$ 64.999
 Lsp7: R\$ 39.999

**ESTADO
DA ARTE**



TESTE OBJETIVO DE CALIBRAÇÃO DE IMAGEM

Jean Rothman

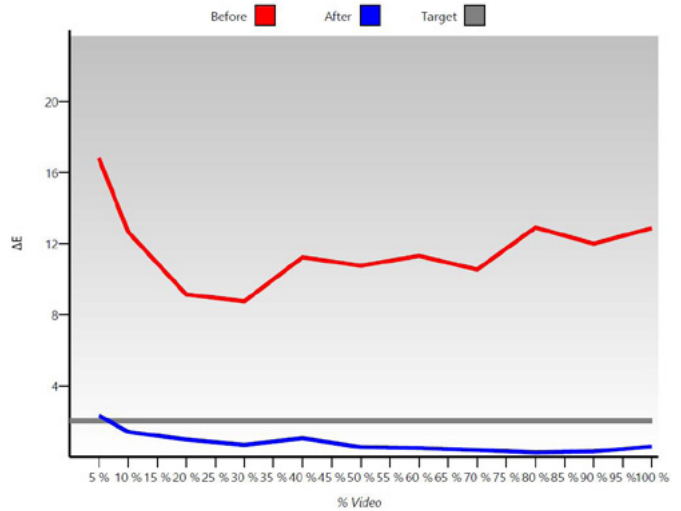
O projetor Samsung LSP9T possui 4 padrões de imagem pré-definidos: Dinâmico, Standard, Filme e FilmMaker.

O modo “Dinâmico” tem um brilho excessivo e tonalidade extremamente azulada. É um padrão utilizado nas lojas para demonstração de TVs, e não deve ser utilizado em ambiente doméstico, pois causa enorme fadiga visual e suprime os detalhes das altas luzes. Tonalidade semelhante foi obtida no modo “Standard”.

O modo “Filme” esteve bem próximo de D65 (6.500 Kelvin), temperatura de cor adotada como padrão em reprodução de vídeo. Foi o modo adotado em nossas medições, fazendo a calibração para 6.500K.

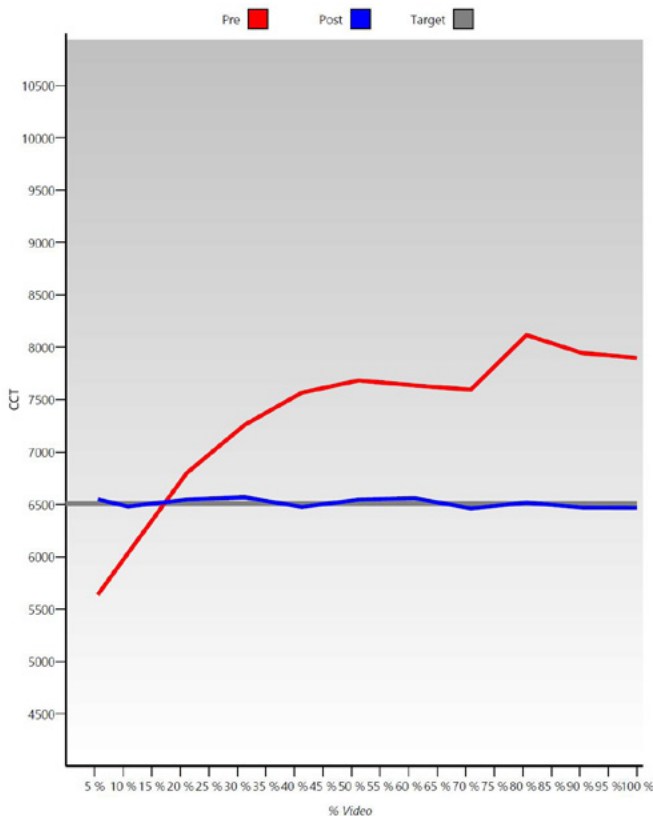
Nas medições pré-calibração, o dE médio foi 11,7 e o maior dE individual de 16,8 (Delta E é uma expressão que indica quão próximo do branco ideal D65 o resultado se encontra - baixo de 3 é considerado visualmente indistinguível do resultado ideal). Após a calibração, obtivemos um dE médio de 0,8: excepcional resultado, demonstrando excelente linearidade na escala de tons de cinza.

Grayscale

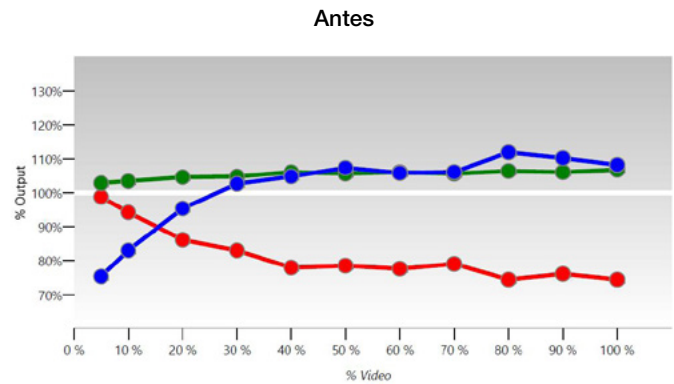


As cores apresentaram extrema saturação de azul (B), e baixa saturação de vermelho (R) e de verde (G). Essa diferença foi corrigida na calibração utilizando os controles avançados de cores da TV. O dE médio inicial foi de 11,5, e após a calibração obtivemos dE 0,5, excelente resultado cromático.

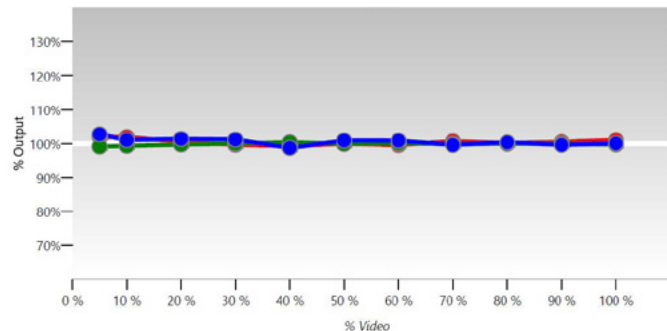
Temperatura de Cor



RGB Chart

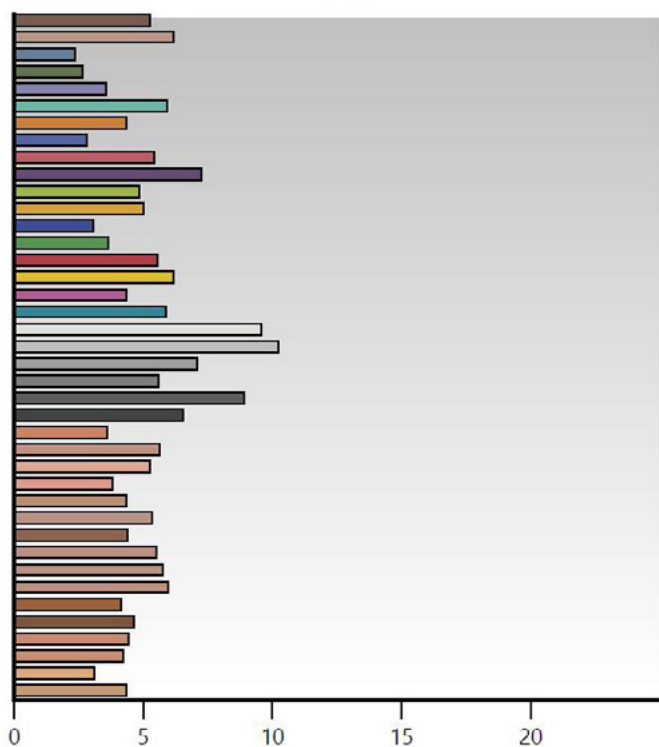


Depois

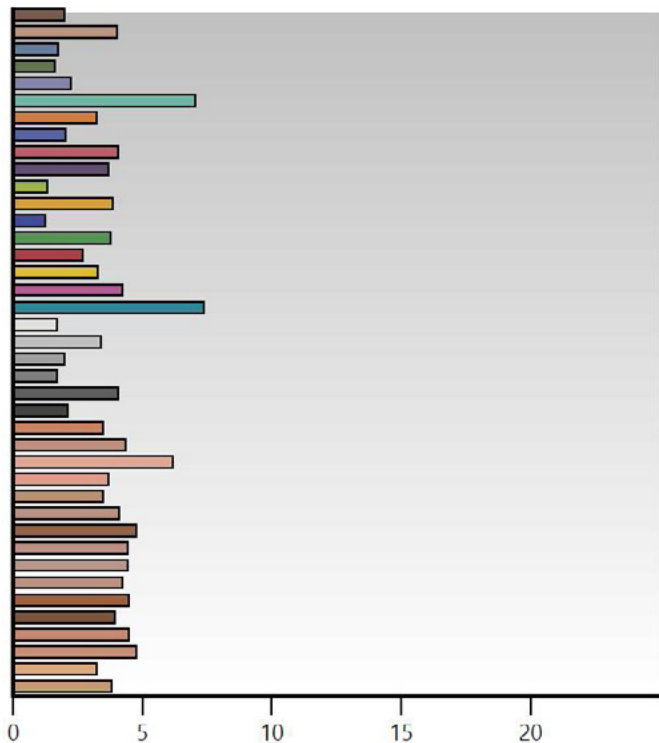


ColorChecker ΔE Performance

Antes



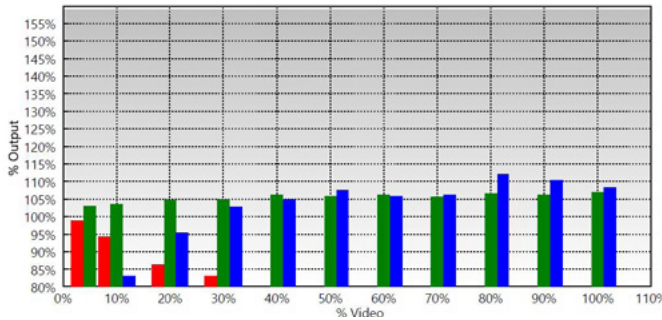
Depois



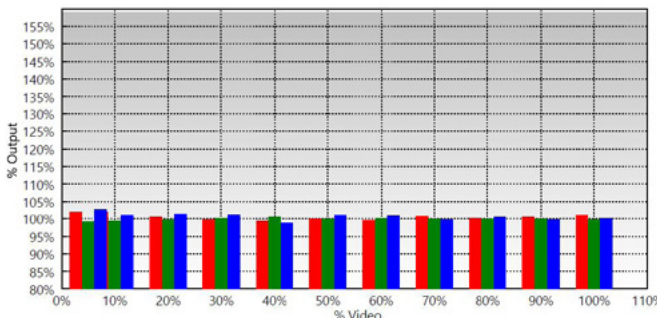
ΔE

Cor	ΔE	
	Antes	Depois
Dark skin	5.3	2.0
Light skin	6.2	4.1
Blue sky	2.4	1.8
Foliage	2.7	1.6
Blue flower	3.6	2.3
Bluish green	6.0	7.1
Orange	4.4	3.3
Purplish blue	2.8	2.0
Moderate red	5.5	4.1
Purple	7.3	3.7
Yellow green	4.9	1.4
Orange yellow	5.0	3.9
Blue*	3.1	1.3
Green*	3.7	3.8
Red*	5.6	2.7
Yellow*	6.2	3.3
Magenta*	4.4	4.3
Cyan*	5.9	7.4
White*	9.6	1.7
Neutral 8	10.3	3.4
Neutral 6.5	7.1	2.0
Neutral 5	5.6	1.7
Neutral 3.5	9.0	4.1
Black	6.6	2.2
D7	3.6	3.5
D8	5.7	4.4
E7	5.3	6.2
E8	3.9	3.7
F7	4.4	3.5
F8	5.4	4.1
G7	4.4	4.8
G8	5.5	4.5
H7	5.8	4.5
H8	6.0	4.3
I7	4.2	4.5
I8	4.7	4.0
J7	4.5	4.5
J8	4.2	4.8
CP-Light	3.2	3.2
CP-Dark	4.4	3.8
Média	5.2	3.6

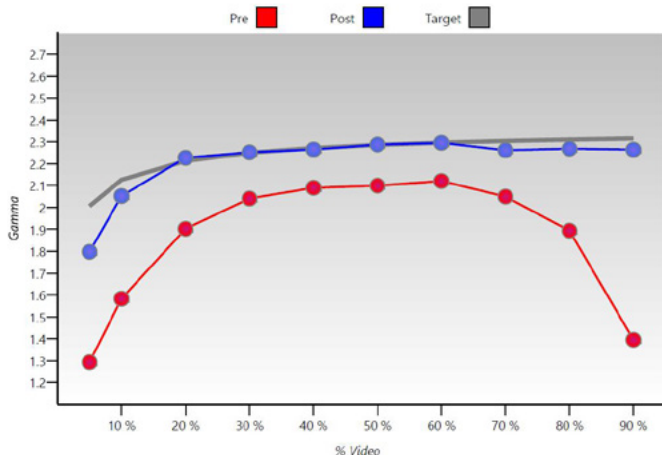
Equilíbrio RGB (antes)



Equilíbrio RGB (depois)

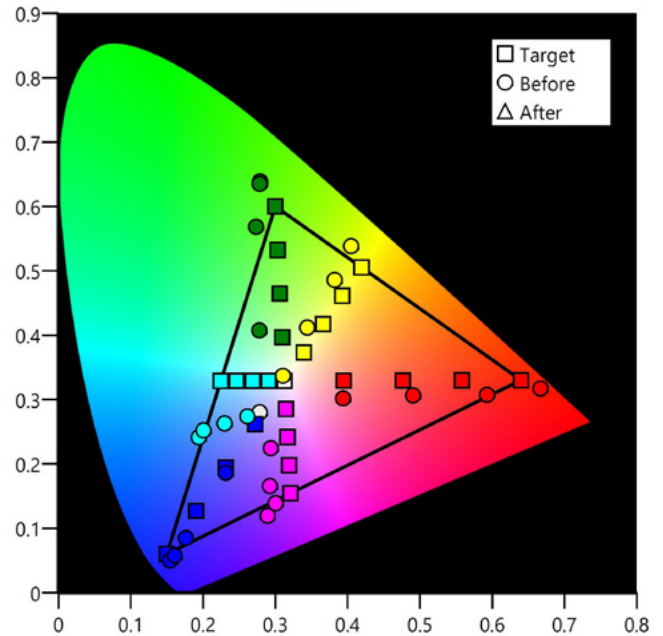


A curva de Gamma inicial estava muito baixa, com valor médio de 1,85. Fizemos ajustes utilizando o menu com ajuste em 12 etapas buscando seguir o padrão BT1886. As medições pós-calibração apresentaram Gamma médio de 2,20, com valores muito bons em todos os níveis de estímulo (10% a 90%), e ótima linearidade.

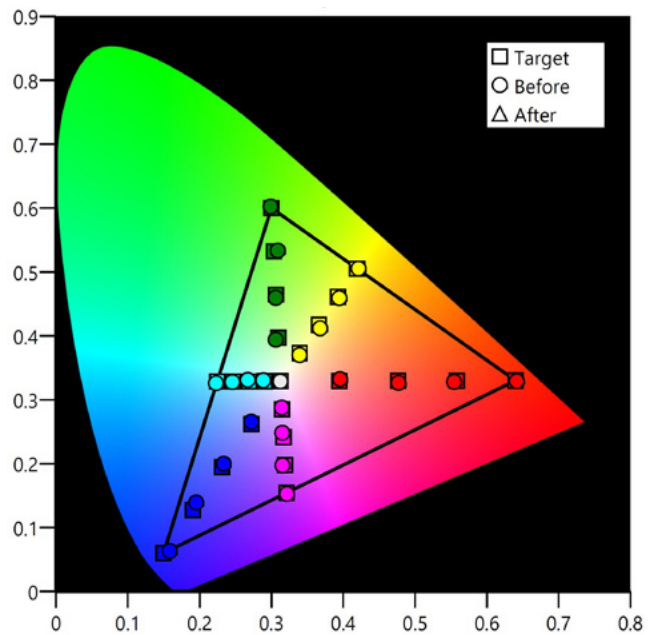


Saturação de Cores

Antes



Depois



O resultado cromático pós-calibração foi bom, levando-se em conta o uso de tela ALR e sala parcialmente iluminada, apresentando satisfatória linearidade das cores primárias e secundárias em toda a escala de saturações.

O projetor The Premiere LSP9T, após calibração, mostrou que a Samsung entrou com o pé direito no mercado de projetores de ultra curta distância. Um projetor com ótima imagem, e cheio de recursos inovadores.

Para os que desejam ir além



W13



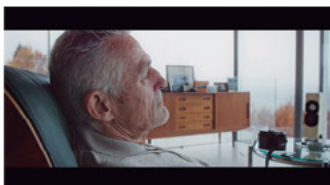
W11



W8



W5



Clique aqui e saiba mais sobre a Boenicke Audio.

german
Audio

www.germanaudio.com.br
comercial@germanaudio.com.br
contato@germanaudio.com.br



OS SETE ERROS CAPITAIS

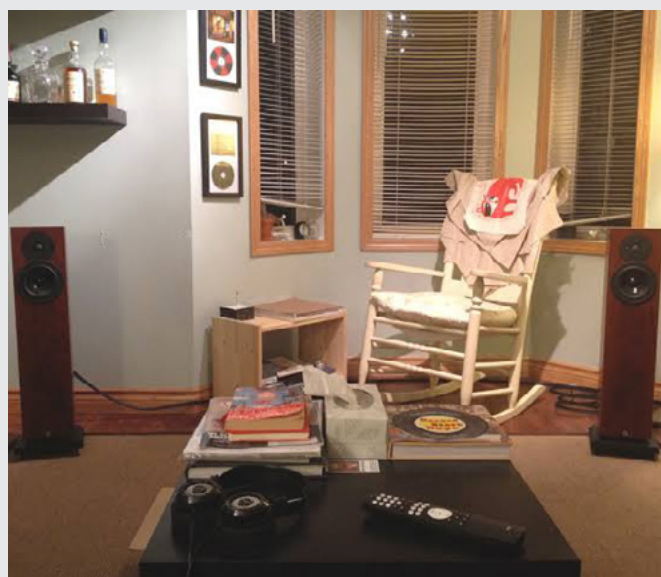
Há muitos anos, tínhamos uma seção que dei o nome de: Descubra os Sete Erros!

Ela era voltada para o mercado de home-theater, e buscava mostrar erros cometidos em diversas salas de home pelo mundo afora.

Tinha de tudo que você possa imaginar, até mesmo um sub instalado em cima de uma mesa de vidro em um canto da sala. Ou caixas embutidas em que o decorador colocou um tecido de feltro por cima das caixas frontais.

No texto eu ia apontando os erros e mostrando o quanto todos aqueles procedimentos eram muito mais comuns do que imaginamos. Depois de um tempo, achei que o nosso dever de instruir havia acabado e nunca mais toquei neste assunto.

Mas eis que a história se repete, e agora com sistemas de áudio estéreo. E numa quantidade de salas erradas que assusta, pois nunca se teve tanta informação e artigos técnicos para orientar e ajudar o audiófilo a fazer a “coisa certa”.



Algumas fotos são tão bizarras prefiro crer que sejam apenas de catálogo, e não salas aonde realmente as pessoas investiram tempo e dinheiro. Pois os erros são tão evidentes que qualquer leitor nosso iniciante em sua trajetória perceberá nessas fotografias, os equipamentos são apenas móveis decorativos e jamais soarão decentemente.



Mas existe um agravante nessas fotos que proliferam em várias mídias, sejam especializadas ou não: como explicar para as caras metades ou arquitetos e decoradores que o sistema sonhado não pode ser colocado desse jeito?

Pois uma coisa é vermos esses erros em catálogos de móveis, de tinta de paredes, etc. Outra coisa, bem mais grave, é essas fotos serem “ilustrações” de mídias especializadas.



Aí meu amigo, você estará perdido, pois até provar que focinho de porco não é tomada, suas caixas já foram instaladas com uma cadeira de balanço entre elas. Ou, para não atrapalhar a circulação na sala, uma estará encostada na parede das costas e outra bem mais à frente. ▶

DIRETOR / EDITOR

Fernando Andrette

COLABORADORES

André Maltese

Antônio Condurú

Clement Zular

Guilherme Petrochi

Henrique Bozzo Neto

Jean Rothman

Julio Takara

Marcel Rabinovich

Omar Castellan

Tarso Calixto

RCEA * REVISOR CRÍTICO

DE EQUIPAMENTO DE ÁUDIO

Christian Pruks

Fernando Andrette

Juan Lourenço

Rodrigo Moraes

Victor Mirol

CONSULTOR TÉCNICO

Victor Mirol

TRADUÇÃO

Eronides Ferreira

AGÊNCIA E PROJETO GRÁFICO

WCJr Design

www.instagram.com/wcjrdesign/

Áudio Vídeo Magazine é uma publicação mensal, produzida pela EDITORA AVMAG ME. Redação, Administração e Publicidade, EDITORA AVMAG ME. Cx. Postal: 76.301 - CEP: 02330-970 - (11) 5041.1415 www.clubedoaudiovideo.com.br

Todos os direitos reservados. Os artigos assinados são de responsabilidade de seus autores e não refletem necessariamente a opinião da revista.

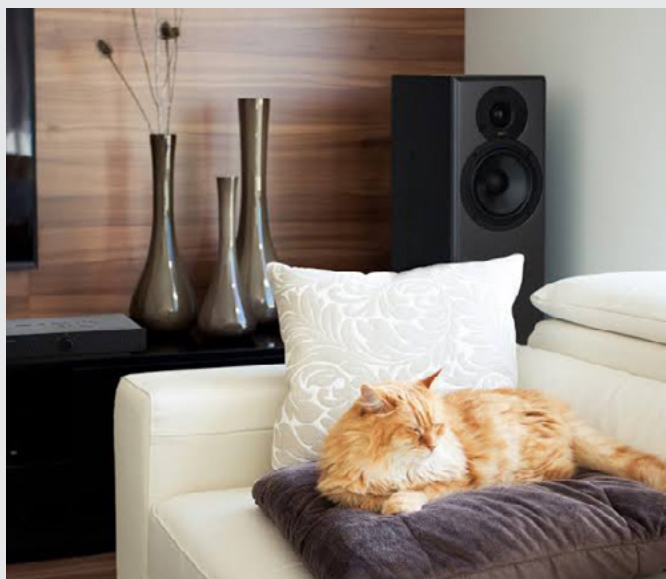
EDITORA
AVMAG

ESPAÇO ABERTO



Não ria amigo leitor, eu já fui testemunha ocular de inúmeras bizarrias como essas das fotos. Já ouvi sistemas que uma das caixas estava em cima do guarda roupa e a outra do lado da cama. Ou, como as JBLs de uma das fotos, separadas por um rack.

Isso é real, infelizmente!



O que sempre me perguntei, ao ver sistemas instalados como se fossem em uma lata de sardinha, é o que o audiófilo realmente espera do seu sistema em condições tão desfavoráveis? Será que ele realmente acredita que é possível burlar o elo fraco que nestas fotos predomina ser a acústica? Ou olhar para os seus equipamentos já o satisfaz, e a música é jogada para segundo plano?

E aí eu me faço a pergunta que não se cala: vale a pena perder tanto tempo e tanto dinheiro, para se conseguir este resultado? Não seria mais prazeroso e barato investir em um sistema mais condizente com as limitações de espaço e acústica?

Dizem que cavalo velho não aprende truques novos, mas você leitor, que está começando sua jornada agora, e descobriu a revista recentemente, aprenda também com os erros dos outros. E não se

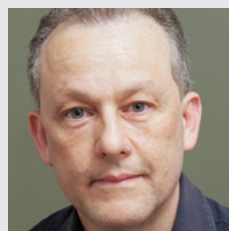


esqueça que seu sistema precisa de uma sala, e se esta sala não existe, compre um bom fone, e seja feliz!

Ou, se você for como eu, e sofre de fadiga ao ser exposto por mais de duas horas a um fone, monte um sistema simples, com um par de books, e arrume o seu canto, em que caiba você, seu sistema minimalista e seus discos.

Este espaço precisa ter no mínimo 9 metros quadrados, sendo o ideal 12 metros quadrados. Felizmente o mercado hi-end está repleto de sistemas de excelente nível para essas situações.

Se seguir este conselho, garanto que você não irá se arrepender e nem cometer esses erros tão bizarros! ■



XX Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

Fundador e atual editor / diretor das revistas Áudio Vídeo Magazine e Musician Magazine. É organizador do Hi-End Show (anteriormente Hi-Fi Show) e idealizador da metodologia de testes da revista. Ministra cursos de Percepção Auditiva, produz gravações audiófilas e presta consultoria para o mercado.



O MAIOR ACERVO DE MÚSICA
A SUA DISPOSIÇÃO

DISCOS de
SELOS AUDIÓFILOS
IMPERDÍVEIS!



**FAÇA PARTE DO
NOSSO GRUPO
DE WHATSAPP!**

Receba diariamente ofertas
de CDs e Vinis (audiófilos e
standards), com condição
de remessa via sedex.

 **11 99341.5851**



VENDAS E TROCAS

VENDO / TROCO

- Braço Kuzma Stogi de 9 polegadas.
Em estado de novo. Na caixa com todos os manuais e acessórios. Com cabeamento original CARDAS terminado em ponteiros XLR (facilmente trocável para RCA caso queira). Posso aceitar troca conforme material.
R\$ 9.800.

- DAC Gryphon Kalliope.

Em estado de novo, na caixa. Um dos mais aclamados DACs da Atualidade. Conversão 32bit/384 KHz assíncrono baseado no conversor ESS SABRE ES9018. Conversão DSD e PCM até 32bit/384 KHz. Controle de fase, mute, seleção de entradas e seleção de filtro digital via controle remoto. R\$ 52.000.

André A. Maltese - AAM

(11) 99611.2257



DAC Gryphon Kalliope



VENDO

- Amplificador integrado Audia Flight modelo FL TWO 100 W@8 ohms classe AB Excelente estado de conservação Cor prata - Voltagem 110V. R\$ 7.500.
- Cabos usados em ótimo estado de conservação:

- Nordost Frey XLR 1 m/par R\$ 1.500.
- Nordost Frey RCA 1 m/par R\$ 1.000.

Alexandre Tonet

aletonet2018@gmail.com



VENDO

- dCS Vivaldi. US\$ 65.000.
- CH Precision M1.1. US\$ 60.000.
- CH Precision L1. US\$ 36.000.
- Pré amplificador Luxman, modelo CL 38u SE. Impecável. Embalagem original, apenas 11 meses de uso. Motivo: upgrade no sistema. R\$ 38.000.
- Streamer CXNV2 Cambridge Audio. Impecável. R\$ 9.000.
- Cabo digital AES/EBU da Transparent modelo Reference. R\$ 13.000.

Fernando Andrette

fernando@clubedoaudio.com.br

VENDAS E TROCAS

VENDO

- Cabo de rede Ethernet Cable Sotm Dcbl-Cat7 - 1,5 m. R\$ 2.300.
- Cabo de força Van Den Hul The Mainsserver 1,5 m. R\$ 1.000.
- Cabo USB Furutech GT2 Pro - 1,2 m. R\$ 950.
- CD SACD Player Platinum Power Base MSB Technology. R\$ 47.000.
- Condicionador AC Organizer LC311 SE. R\$ 6.800.
- Cabo de caixa Sax Soul Ágata 2 - 2,5 m. R\$ 14.000.
- 2 Cabos Interconnect RCA Sax Soul Ágata 2 - 1,1 m. R\$ 7.500 (cada).
- Cabo de força Sunrise Lab Quintessence MS - 1,2 m. R\$ 6.500.
- Cabo Digital RCA Sunrise Lab Quintessence MS - 1 m. R\$ 5.000.
- Cabo Digital RCA Furutech Digiflux - 1,2 m. R\$ 4.290.
- Cabo de força Logical Cables Eternity 3 - 1 m. R\$ 1.800.

Valdeci Silva

(44) 99957.6906

valdeci.vgds@gmail.com



VENDO

Logical Cables

Cabo de Força:

- Eternity G4 1m. R\$ 2.200.
- Energy 1,5m. R\$ 5.200.

XLR:

- Cabo Audience AU24 SEi (0,5m)

R\$ 4.500.

Pré de phono Thorens MM-008.

R\$ 2.100.

Fernando Borges

19 99111-6080

fernandopborges@uol.com.br



VENDO

- Amplificador integrado Harman Kardon HK990. Diamante pela CAVI e Recomendado pela Stereophile. Amplificador de 200 Watts RMS por canal em 8 Ohm (Classe AB). Possui DAC com entradas ótica e coaxial, entrada para phono MM e MC, saída para home theater bypass, inúmeras entradas e saídas analógicas, saída para 2 subwoofers, controle remoto, embalagem original e manual de instruções. Equipamento impecável e com pouco uso. R\$ 8.400.

- CD Player Harman Kardon HD990 - pouco uso e com embalagem original e manual de instruções. Possui saídas RCA e XLR e tem opção de DAC externo com entradas ótica e coaxial. Possui conexão HRS-Link para sincronia externa do clock com o amplificador HK990. R\$ 3.600.

5 estrelas na publicação What Hi-Fi. Acabamento na cor espresso. Excepcionais para ambientes menores. Preço do par R\$ 2.800.

Silvio Volpe Junior

svolpejr@gmail.com

(11) 97419.4105



VENDAS E TROCAS

VENDO

- Upsai ACI 3100 - Power Insulated - equipamento bem conservado e que possibilita criar um aterramento virtual, melhorando significativamente o som. Ideal para quem não tem como criar um aterramento adequado para sistemas hi-fi e hi-end. Este equipamento ainda trabalha como transformação 110v e 220v, além de ter uma robusto banco de filtragem contra ruídos de rede. Ele ainda possui sistema de proteção contra surtos elétricos. Equipamento não possui embalagem original. R\$ 1.000.

- Cabo de interconexão Sunrise Reference de 1 metro. Excelente cabo com selo Estado da Arte pela CAVI. Super bem conservado. R\$ 1.500.

- Caixas Tannoy Revolution Signature DC4 - impecáveis, com pouco uso e com manual de instruções e embalagem original. Estas caixas ganharam 5 estrelas na publicação What Hi-Fi. Acabamento na cor espresso. Excepcionais para ambientes menores. R\$ 2.800 (par).

- Amplificador multicanais Lexicon DD-8 - Impecável e com menos de 40 horas de uso. O amplificador mais utilizado para aplicações de sonorizações multiroom. Pode também ser utilizado como amplificador multicanais para home theater. Possui 100 W RMS por canal e suporta baixas impedâncias. Acompanha manual de instruções e acessórios. Infelizmente, a embalagem original foi danificada. Comprado oficialmente na AV Group, distribuidor da marca no Brasil. R\$ 10.000.

Silvio Volpe Junior
svolpejr@gmail.com
(11) 97419.4105





VENDO

- Amplificador Integrado Accuphase E- 470. Primeiro dono, 2 anos de uso, comprado em outubro 2018, importação oficial da Impel pela Cia. Virtual Mix. Estado impecável sem arranhões ou marcas de uso. Com embalagem original, cabo de força original , controle remoto e manual.

R\$ 45.000.

- DAC LUXMAN DA-06

Primeiro dono, 2 anos de uso, comprado em novembro 2018 no importador oficial do Brasil, Alpha Audio e Vídeo. Estado impecável, sem arranhões e marcas de uso. Embalagens originais, manual, folhetos de instalação, CD original Luxman com USB driver para Mac/Win e cabo de força original.

R\$ 20.000.

Mauricio Losada

mlosada@uol.com.br

11 99622 0699



VENDO

- Pré-amplificador MBL 6010D - topo de linha da MBL. Considerado um dos melhores do mundo. Estado de novo, pouquíssimo uso.

• 7 inputs (6 RCA e 1 XLR).

• 12 outputs (8 RCA e 4 XLR).

Posso aceitar equipamento como forma de pagamento.

R\$ 120.000 (aceito propostas).

Sérgio Kwitko

sergiokwitko@gmail.com

51 99973.9109

UPSAI, um bom motivo para ficar em casa com proteção, qualidade e diversão




Condicionador de energia ACF 2500S

Melhore a performance de sistemas de áudio e vídeo com a Linha de Condicionadores UPSAI.

Design moderno, tomada USB, circuitos com alta tecnologia de proteção controlados por processadores de última geração, garantem energia na medida certa para o perfeito funcionamento dos aparelhos a ele conectados.

Imagens Ilustrativas

criação: msymarketing.com@gmail.com

 @upsai.oficial
www.upsai.com.br

vendas@upsai.com.br | 11 - 2606.4100



UPSAI
sistemas de energia